

3279

L

A F E N I S

# RENASCIDA,

O U

OBRAS POETICAS

Dos melhores Engenhos Portuguezes;

DEDICADAS

AO EXCELLENTISSIMO SENHOR

# DOM JOAM

MASCARENHAS

CONDEDE SANTA CRUZ, &c.

Primogenito do Excellentissimo Senhor

Marquez Mordormo mór.

PUBLICA-O

MATHIAS PEREIRA DA SYLVA.

# IV. TOMO.

E de novo acrescenta-o com varias obras  
de alguns Authores

*Do Convento de Monte Olivete*

L I S B O A,

Na Officina de MIGUEL RODRIGUES,

Impressor do Emin. Senh. Card. Patr.

M. DCC. XLVI.

Com todas as licenças necessarias, e Privilegio. Real.

A FENIS  
RENASCIDA

OU

OBRAS POETICAS

Das melhores Poesias Portuguezes.

DE D. JOAQUIM

AO EXCELENTISSIMO SENHOR

DOM TOMAS

MARQUÊS DE PARRAMA

CONDE DE S. J. DE BRUN

Principe de Portugal e do Brasil

Principe de Beira e de Alemtejo

Principe de Viseu e de Évora

Principe de Castella e de Leão

Principe de Bragança e de Gales

Principe de Asturias e de Leão

Principe de Navarra e de Guizena

Principe de Portugal e de Ceuta

Principe de Alentejo e de Algarve

Principe de Beira e de Alemtejo

Principe de Viseu e de Évora

Principe de Castella e de Leão

Principe de Bragança e de Gales

Principe de Asturias e de Leão

Principe de Navarra e de Guizena

Principe de Portugal e de Ceuta

Principe de Alentejo e de Algarve



*Comentário de D. João de Castro*  
LISBOA

Officina de MIGUEL RODRIGUES  
Impressor do Real Collegio de S. Carlos

M. DCC. XLVI

com todos os direitos reservados e privilegio Real





## EXCELLENTISSIMO SENHOR;



*ESTE* he o quarto voo da Fenis  
Renascida, em que se remonta  
tanto, que chega aos pés de V.  
Excellencia a solicitar sua grã-  
de protecção, e amparo, para poder vagar  
com felicidade pela esfera do Universo,  
livre já das cinzas do esquecimento, em  
que se achava amortecida, e sepultada.  
E se aquella rara Ave depois de renasci-  
da dirigia seus primeiros voos ao Templo  
do Sol, a render sacrificios, e adoraçoens  
a taõ luminoso, e soberano Astro; mal  
podia hoje deixar de encaminhar os voos  
esta

esta minha Fenis á presença de V. Excellencia a lhe tributar rendimentos, e venerações, reconhecendo luzido, e preclaro Sol da melhor Nobreza deste Reyno, e de toda Hespanha.

Se querer investigar ao Sol as luzes, e os rayos, fora não só temeridade, mas infructuosa diligencia; como poderey eu mostrar (como dezejava) as luzes, que revestem a esclarecida nobreza de V. Excellencia, que o constituem Sol da mayor Grandesa, dirivadas de tão preclaros, e nobilissimos ascendentes, por mais que se remonte a minha Fenis a lhe querer perceber os luzimentos! E assim deixando esta empreza por excessiva, e de mais alta esfera, a que não chegaõ os voos da Fenis (inda, que tão remontados) peço a V. Excellencia aceite, e ampare esta humilde offrenda, como vítima do respeito, com que venero a pessoa de V. Excellencia; e tambem como desempenho da obrigação em que a minha Fenis se achava pela semelhança, que tẽ com a da Arabia, ambas unicas, e singulares.

A esclarecida pessoa de V. Excellencia guarde Deos por dilatados annos, que  
igua-

*igualem aos da Fenis na duraçãõ, e na  
perpetuidade de nobilissimos descenden-  
tes &c.*

EXCELLENTISSIMO SENHOR:

De V. Excellencia

Humilde Servo

MATHIAS PEREIRA DA SYLVA.

AOS



... nos da Faria no durgado; e no  
... de nobilissimo delectando

EXCELENTISSIMO SENHOR

Do V. Excellencia

Humilde Servo

MATHEUS FERREIRA DA SILVA



## AOS CURIOSOS.



ESTE quarto tomo da Fenis Renascida te continho a dar as Obras poeticas, que pela sua singularidade merecé os mesmos applausos, e estimaçãõ, que como discreto tens rendido aos mais tomos, que tem sahido á luz; e assim certos já deste bom agasalho, e por agradecer a tua benevolencia, com brevidade publicaremos o quinto tomo, e se lhe hiraõ seguindo os mais, que temos determinado dar ao prélo, que são muitos.

*Vale.*



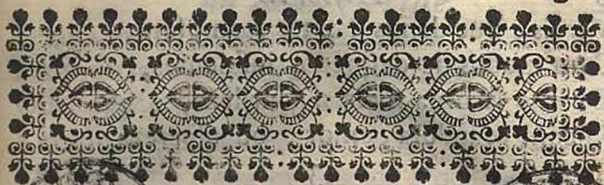
AOS CURIOSOS.

ESTE quarto canto da Re-  
 ma Renalida te conuio  
 a dar as Obras poeticas, que  
 pela sua singularidade me-  
 recer os melhores applausos,  
 e como discreto consi-  
 derado nos mais tempos, que tem sabi-  
 liza; e assim certos ja deste bon-  
 alho, e por agradecer a tua bene-  
 meria, com breuidade publicaremos  
 como, e se lhe hizeo segun-  
 do mais, que temos determinado  
 ao prelo, que tao muiros.



Valer





# HISTORIA DA ARVORE TRISTE,

AUCTOR  
FRANCISCO RODRIGUES LOBO.



Ertendo relatar os piedosos  
Successos de dous tristes Indianos ,  
Ella formosa de olhos graciosos ,  
Os delle causadores de mil danos :

Desventurados ambos lastimosos,  
Que mal haja fortuna , e seus enganos ,  
Pois naõ estorva amor no tempo quando  
Com menos força atira , e vem mais brando.

2

Ouvi , formosa Julia , a historia dura  
De minhas tristes lagrimas ardentes,  
Notay no bello peito a desventura  
De amor, seus desconcertos , e accidentes :

IV. Part.

A

Ve.

Vereis , que danos faz ter formosura,  
 Com modos de desprezos insolentes,  
 E como se orna mais a gentileza,  
 Sã com brandura , amor , ou aspereza.

3

He certa a magoa triste , e dolorosa,  
 Que espero relatar , e não fingida,  
 Da qual dura a memoria lastimosa  
 N'huma Arvore , que Triste se appellida ,  
 Na India Oriental , a qual cheirosa  
 Sentindo destes dous o fim da vida,  
 De noite cõ mil flores apparece,  
 Mas vendo o Sol, as perde, e se entristece,

4

E porque mais vos mova a piedade,  
 E grave compaixão da triste historia,  
 Do caso contarey toda a verdade,  
 Que toda a tenho escrita na memoria:  
 Por ser o mór desastre , e crueldade,  
 Que nunca a gente alguma foy notoria,  
 No qual ambos perderaõ suas vidas,  
 Que tem agora em plantas convertidas.

5

Depois , minha senhora , que partido  
 Fui deste Reyno á India a vez primeira,  
 Andando de desastres perseguido,

Seguia de meus fados a carreira :  
De muitas desventuras combatido,  
Qual vay o solto feixo na ribeira,  
Levado a mil perigos cada hora,  
De hum mal , que me magoa ainda agora.

6

Algumas terras vi , que andey vagando,  
E nellas muitas cousas excellentes,  
Com mui diversas gentes conversando,  
Ouvia mil historias diferentes :  
De muitas antigualhas escutando  
Os deleitosos contos apparentes,  
Ouvi de amor effeitos namorados ,  
Tambem successos tristes , desastrados.

7

Hum dia pois já tarde , que pousava  
De meu largo caminho affás cansado,  
Ao longo de Amboná , que perto estava,  
Nas ribeiras do Ganges situado :  
As magoas pensativo imaginava,  
Fazendo alarde alli de meu cuidado,  
De mil lembranças tristes , que cresciaõ ,  
Com as aguas , que meus olhos derretiaõ.

8

Hum Bracmene daquelles moradores  
Movido a piedade , e pezaroso



4

*Historia*

De assim me ver sujeito a tantas dores,  
 Ou foy que de sagaz, e curioso,  
 Por se informar de mim, se alguns amores  
 Causavaõ meu estado lastimoso,  
 Falloume, como quem c'os Portuguezes  
 Tratava dentro em Goa muitas vezes.

9

De muito varias cousas foy tratando,  
 E todas a fim só de consolarme,  
 De ritos delvariados relatando  
 Mil contos, que podessem deleitarme:  
 Agora ( disse ) attenta, e apontando  
 C'o dedo, se quizeres escutarme,  
 Desta Arvore direy a doce historia,  
 E o nome, que tem Triste por memoria.

10

Cresceo esta minina taõ formosa,  
 Crescendo as graças nella cada dia,  
 Que quasi por divina, e milagrosa  
 De todos se adorava, e conhecia:  
 Seu povo por servilla, em festa honrosa,  
 Mil modos inventando de alegria,  
 Naõ tinha mayor bem, que festejalla,  
 Sevilla, como a deosa, e adoralla.

11

Taõ grande extremo teve de belleza,

Che

Chegada aos quinze annos, que cegava,  
A quem a via, e lá na mói alteza  
O mesmo pay de a ver se embarçava:  
A gente, que dos fins da redondeza  
Continuo por a ver aqui entrava,  
Foy tanta, que a Cidade toda enchia,  
E já nos largos campos não cabia.

12

E como por usança costumada  
Se fosse cada mez á grã varella,  
Que estava em alto monte edificada,  
Com grande legoa e meya dentro nella,  
Na qual de toda a gente era adorada,  
Em quanto o Sol seu pay ausente della  
Detinha no mar fundo o carro ardente,  
Fugindo á devoção de tanta gente.

Succedeo pois que hum dia de invejosas  
As deosas por ventura, e affrontadas  
Com as Parcas conjuraraõ furiosas  
Por desfazer as festas celebradas  
Da dama, cujas gentes alterosas  
Já todas as do Ceo tem desprezadas,  
E juntas n'hum intento maquinaraõ  
Com que estas grandes festas arruinaraõ,

E foy , que como em tanto povo , e gentes,  
 Que juntas na grã festa concorriaõ,  
 Houvesse muitos modos diferentes  
 De costumes, e leys , que differiaõ,  
 Mil bandos de estrangeiros , e parentes,  
 Que todos juntamente competiaõ  
 Accrescentar a festa , e de mais perto  
 Notar da humana deosa o graõ concerto.

Hum dia pelas Parcas assignado  
 Cresceo este fervor de tal maneira  
 Causado de hum cruel , e triste fado,  
 Que a muitos fez passar a grã carreira  
 Da Estigie , que em tocando o santo estrado,  
 Que tinha de crystal a grã cadeira,  
 Da deosa em gentileza , e lindas gallas,  
 Mayor que a bella Venus , Juno, e Pallas.

Remetem os seus Bonzos , e zelosos  
 De naõ se profanar o lugar santo,  
 Appellidaraõ logo furiosos  
 Os guardas , que acudindo com espanto,  
 Por resguardar as aras rigorosos,  
 As armas vaõ metendo em tudo quanto  
 Alcançaõ de vassallos , e estrangeiros,



Até lançar do templo os derradeiros.

17

D'entre estes houve Grandes, e Senhores,

Que mortos, maltratados, e feridos,

Crescendo vão em odios, e furores,

Da furiosa Erynnis constrangidos:

Huns por vingarem as mortes dos mayores,

Outros por defenderem seus partidos

Encheraõ a varella, povo, e terra

De sacrilega, vil, e çuja guerra.

18

Champel, a mui formosa, que em extremo

Tomara em grande affronta o caso duro,

Juntando a gravidade ao ser supremo,

Por entre as armas vay, qual forte muro:

Eu certo de cuidallo pasmo, e tremo

De como tanto povo, e taõ perjuro

Obedeceo constante n'hum momento

A seu primeiro aceno, e mandamento.

19

Mas não custou taõ pouco o triste dia,

Que em muitos não durasse o sentimento

Do miserando povo, que carpia

Seus males, morte, dano, e perdimento,

Por serem taõ geraes, que não havia

Nenhum, que desta dor vivesse isento,

Huns

Huns filhos pranteando , outras maridos ,  
Irmaões , parentes , pays , e conhecidos.

20

Durando pois no povo este accidente,  
De todos com razaõ solemnizado,  
Aconteceo tambem , que novamente  
Chegou cá destas partes com recado  
De Melia grã Senhora no Oriente ,  
E tia de Champel , cujo alto estado  
Continha além de Guate a fralda toda ,  
Que o mar de longo lava , e cerca em roda.

21

Pedia a sua irmã , que lhe mandasse  
Champel sua sobrinha , deosa humana,  
E vella em sua vida lhe outorgasse  
Por graça singular , e soberana,  
Em quanto a curta vida lhe durasse,  
A Parca mais cruel , que a todos dana;  
Da qual não teme o golpe duro , e forte,  
Se alcança ver Champel em sua Corte.

22

Por esta occasiaõ , sem mais defeza,  
Partio Champel com poucos afforrada,  
Tocada d'huma intrinseca tristeza,  
Que cuida só por Melia ser causada :  
Mas ay , que como o bem não tem firmeza ,

Seu

Seu mal a leva triste , e mal fadada,  
Que o peito lhe adivinha em conjectura  
Do mal , que se lhe ordena , e morte dura.

23

Agora , Portuguez , se entendimento  
Tens tal , como teus modos representaõ,  
Os povos notarás , que cento a cento  
Por montes , e Cidades arrebentaõ :  
Com festas de real recebimento  
Continuos sacrificios lhe accrescentaõ ,  
Mininos , e donzellas degollando,  
As aras de seu sangue fumegando.

24

Por meyo vay a deosa mui altiva  
Dos brutos sacrificios immolados ,  
Que o barbaro saber da gente esquiva,  
Por modos lhe offerece desusados :  
Com turva vista os olha compassiva  
De taõ crueis costumes desvariados,  
Que em fim são attributos da deidade  
Brandura , mansidaõ , e piedade.

25

Chegada já que foy á sumptuosa  
Graõ Mailapur , Metropole do Estado,  
E o Reyno da grã Melia poderosa,  
Que Meliapur foy d'antes nomeado.



Mas Maylapur agora , que famosa  
Reserva o mesmo nome já mudado,  
Na qual a Corte estava da doente  
Rainha , grã Senhora do Oriente.

26

Aqui foy recebida por senhores ,  
Vassallos da Rainha sua tia  
No tempo , que das calmas os calores  
Já declinando vão no fim do dia :  
Com jogos , danças , festas , e louvores ,  
Que tudo Champel linda merecia ,  
Até que foy nos paços apeada ,  
Da tia grandemente acompanhada.

27

Pousava neste tempo juntamente  
No paço hum gentil moço generoso ,  
Sobrinho de Narsina Rey potente ,  
De Melia sua tia caro esposo ,  
Nascido foy da Lua na eminente  
Altura desse Guate , que espaçoso  
Toda esta costa cinge povoada  
De muito varios povos habitada.

28

Na qual , segundo nossa antiguidade,  
Reynava hnm varão nobre , e adornado  
De formosa pessoa , e gravidade,



De alto sangue, e aspecto repoufado  
Da mui formosa Lua em sua idade  
Querido, e tão ditoso namorado,  
Que só nos braços deste repoufava,  
Em quanto seu irmão no mundo andava.

Foy fama pois, que deste ajuntamento,  
Que a Lua tinha aqui quando descia,  
Do ethereo, natural, e claro assento,  
Do qual as tristes noites allumia,  
Nasceo este mancebo, que o talento  
De quanto a linda mãy darlhe podia  
Tão grande teve em dons da natureza,  
Que a mesma luz vencia em gentileza.

Ligeiro na montanha, e curioso  
Da caça, que continuo exercitava,  
Humano em conversar tão mavioso,  
Que a todos igualmente se entregava:  
Galante, cortezaõ, e tão formoso,  
Com tal primor, e graças se adornava,  
Que só de vello a mãy tão soberana  
Tornava mais que o dia a noite ufana.

Mas como os bens não tenhaõ firme estado,  
Os bens dias da triste humana vida,

Mas antes posuillos he provado  
 Sinal de estarem perto da partida :  
 Tambem deste mancebo o duro fado,  
 Que para o sujeitar a mór cahida,  
 Sublime o fez em tudo, e mui altivo,  
 Lhe mostra de Champel o vulto esquivo.

32

Impressa já que foy a gentil dama  
 Nos olhos de Mendel seu primo caro,  
 ( Que deste nome ao moço o vulgo chama )  
 Sujeito de improviso ao vulto raro,  
 Ardendo na amorosa, e viva chãma,  
 Que na alma lhe acendia o cego avaro,  
 Já não como a parenta, e deosa honrosa  
 A serve, porém como a cara esposa.

33

Mil invençoens de festas lhe ordenava,  
 Crescendo em seus serviços cada dia,  
 Mil cousas nunca ouvidas inventava,  
 Nenhum outro descanso pretendia,  
 Senão servilla sempre, e nisto andava  
 Taõ prompto, que a Cidade toda enchia  
 Com generos de festas infinitas,  
 Mil invençoens alegres, e exquisitas.

34

Recebe Champel linda, e celebrada

Com grande gofto as feftas do parente,  
E pelas ajudar alvoroçada,  
Favorecia o primo grandemente:  
Mas não que em feu amor notaffe nada,  
Que em fim hum fer altivo pouco fente  
Poderfe achar algum descomedido,  
Que feu decoro infame de atrevido.

35

Mas efte Mandel nobre , que poífante  
Por filho do graõ Guate fe conhece,  
Tambem por fua mãy com fer bastante  
De todo o fer humano fe engrandece :  
E sobre tudo com amor constante,  
Se engana , que por elle lhe merece  
Ser della taõ querido , e respeitado,  
Como era feu igual em fer , e estado.

36

Notando , que em Champel hiaõ crefcendo  
Descuidos , que elle dentro na alma fente,  
Mil vezes declararfe pertendendo ,  
Desejos lho atalhavaõ de repente :  
E nada para ante ella fe atrevendo,  
Mil coufas lhe dizia eftando ausente,  
Que em fim hum grande amor (eu testimunha)  
Já nunca fe desmancha , e fempore a punha.

Hum



37

Hum dia finalmente , que vencido  
 Do amor exorbitante , que o forçava,  
 N'hum grande , e vivo ardor todo encendido,  
 Que entranhas, alma, e vida lhe abrazava ,  
 Atonito , confuso , e submetido  
 Ao transe , aonde a Parca o esperava,  
 Com lingua titubante embaraçada  
 Desta arte lhe fallou com voz turbada.

38

O' alma de minha alma, ( lhe dizia )  
 E vida , por quem vivo , deosa bella ,  
 De quanto a terra tem , sustenta , e cria ,  
 Mais estimada só , que quanto ha nella :  
 Se a quanto meu amor vos merecia,  
 Pagais com igual fé , gentil donzella,  
 Não quero mayor paga a meu cuidado ,  
 Nem gloria mayor quero a meu estado.

39

E posto que palavras bem limadas  
 De grande exordio, grave, e doce estilo,  
 Não soffrem minhas magoas desvariadas,  
 Nem meu tormento igual ao de Perilo :  
 Com tudo as grossas aguas derramadas,  
 Que de meus olhos vão , qual largo Nilo,  
 Mais devem de mover á piedade.

Taõ nobre coração , que á crueldade.

40

Abrandevos , Senhora , o meu tormento,  
Magoemvos se quer : Mas neste instante,  
A falla lhe opprimio c'o vulto isento  
Na boca Champel dura , e arrogante:  
Queixosa de seu grande atrevimento ,  
Descortezia tal naõ passe avante,  
( Lhe diz ) que eu vos prometto ao ser divino  
Vingar em vós taõ grande defatino.

41

Qual soe corisco ardente furioso,  
Que da mais alta esfera vem descendo ,  
Juntar com a pancada o espantoso  
Trovão, que deo no Ceo medonho, horrendo,  
E logo o grande pinho , e vigoroso  
Desfeito lança em terra todo ardendo,  
Tal cahe do moço a face lacrimosa  
Aos delicados pés da Ninfa irosa.

42

Acodem os criados em hum momento  
Ao miseravel moço desmayado,  
Remedios mil lhe fazem , mas he vento,  
Que quasi está da vida alienado :  
Recolhemno confusos no aposento,  
Os paços atroando c'o alto brado,

Por

Por seu senhor chorosos suspiravaõ,  
E a quantos os ouviaõ, magoavaõ.

43

E qual de nós ( diziaõ lamentando )  
Será taõ desastrado sem ventura,  
Que leve ao triste padre miserando  
De taõ querido filho a morte dura ?  
Ou qual será de nós o taõ nefando,  
Que entregue tal belleza á sepultura ?  
Mas como ? E cabe em nós taõ triste sorte,  
Que viva algum de nós em sua morte ?

44

Tambem a grande Melia lastimosa,  
Que como a filho proprio lhe queria,  
Sobrinho, meu amor, e luz formosa  
Dos olhos, de minha alma, lhe dizia :  
Mas logo de improvioso a dor penosa  
Do moço, que defunto parecia,  
Sobre elle a derrubava sem sentido,  
O alento natural quasi perdido.

45

Fez pausa aqui com grave sentimento ;  
Mas logo erguendo a voz diz o gentio,  
Da magoa, que contava, pouco isento,  
Com lagrimas turbando o claro rio :  
Depois que em si tornou com novo alento,



Dos olhos enxugando o licor frio,  
Naõ foy tudo bastante, ó deo! a erua,  
Para causar em ti brandura algũa.

46

Mas pois o Sol se ausenta magoado  
Por naõ ouvir da filha o triste canto,  
Da Lua o claro rosto demudado  
Em trevas nos envolve o rayo santo,  
E até Guatè soberbo levantado  
Por toda a terra estende o negro manto,  
Por mais solemnizar a historia dura,  
Do filho, e de seu povo a desventura.

47

O mesmo farey eu, e brevemente  
Acabarey a historia começada  
Por ir agasalhar a minha gente,  
Que já me vem chamar para a pousada:  
Depois que em fim passou este accidente,  
Sinal da triste morte desastrada  
Dos primos, cujo amor taõ desigual  
A tantos causa foy de tanto mal.

48

Por resumirmos todo este processo  
De taõ cruel desastre, e desventura,  
Deixando da Rainha o grande excesso,  
Que chora do sobrinho a motte dura:

Tratemos de Champel, que com expresso  
 Determinado peito está segura  
 Em não querer amar humanamente,  
 Se não ser deosa só de tanta gente.

49

Até que por mil modos perseguida  
 Se vio da tia, e povos, que esperavaõ  
 De feu querer sómente a morte, ou vida  
 Do Principe Mandel, que lamentavaõ,  
 Mostrandose já quasi convencida  
 Dos rogos, que continuo a molestavaõ,  
 Buscou de escusa hum modo mui terrivel,  
 Que amor, que tudo póde, fez possivel.

50

Mas ora pois quereis, lhe respondia,  
 Ilustre tia, e povos mui queridos,  
 Que obedeça meu fer á grã porfia  
 De vossos appetites atrevidos:  
 E aquella singular genealogia  
 De meus sublimes pays esclarecidos  
 Por mim desventurada filha sua  
 Se aba ta, se aniquille, e se destrua.

51

Eu quero já querer quanto mandardes,  
 Mas vós querey cambem o necessario,  
 Porque he, se a meu intento recusardes,

Obedecervos eu desnecessario :

E quando por amores me obrigardes,

Olhay que amor não tem por temerario

Nenhum mandar de dama precatada ,

Antes se obriga a muito , he mais prezada.

52

Assim que para haver merecimento,

Que a todo o bom serviço galardoa,

E porque tenha meu atrevimento

Com meus illustres pays escusa boa :

Se fim pertende dar a seu intento,

Convemlhe merecer minha pessoa,

Sem ter por impossivel meu mandado,

Pois faz possivel ser de mim amado.

53

Esse padraõ de jaspe , e pedra fria,

Que rega do jardim a clara fonte,

Em arvore converta n'hum só dia ,

E porque seu serviço mais lhe monte,

Tal ordem lhç porá , pois aporfia,

Que quando vir das tardes o horizonte,

De flores se aperceba , e nellas dure

Até que a luz paterna o mundo apure.

54

Agora descançay de importunarme,

E o Principe trabalhe por servirme ,



Não cure de outro modo grangearme ,  
 Nem vós com seus amores perseguirme :  
 Mas pois chegou a este de ganharme ,  
 Porque este bem lhe fique assim mais firme ,  
 Ha de cumprir em tudo o meu mandado ,  
 Antes do dia setimo passado .

55

Atonitos ficaraõ , e espantados ,  
 Nas mãos as tristes faces inclinando ,  
 Os povos grandemente magoados  
 De tal defabrimento blasfemando :  
 Mas de outro mayor bem desesperados  
 Aceitaõ o partido , confiando  
 Primeiro cada hum dar fim á vida ,  
 Que o termo assinalado se despida .

56

Ouvia a madre Lua no alto assento  
 A trama de Champel para seu dano ,  
 Mas eu farey , responde , n'hum momento ,  
 Pois tenho do Orbe o mando soberano ,  
 Que caya sobre ti taõ falso intento ,  
 E fiques taõ rendida a teu engano ,  
 Que deixes de ser deosa , a mim o encargo ,  
 Ou vivas com meu filho tempo largo .

57

Seu filho visitou em continente,

Mandandolhe , que affoito , e sem receyo  
Espere o quinto dia , que da gente  
Será visto seu rosto inteiro , e cheyo,  
E quando no mais alto do luzente  
Estellifero polo a vir no meyo,  
Terá no duro seyo as brandas flores ,  
E o desejado fim de seus amores.

58

Naõ sey encarecerte , Lusitano,  
Hum alvorço grande , que já agora  
Se vê no ledó moço quasi infano  
De tanto lhe tardar a gentil hora  
Da noite , que deseja , e todo ufano  
Chegado o quinto dia sem demora  
Manda avisar Champel , que as flores colha,  
No meyo do padraõ , que a fonte molha.

59

Move a grande riso esta embaixada ,  
E havendo , que Mandel tresvariara ,  
Se dá por mui segura , e confiada  
Promette o mesmo , que antes lhe jurara :  
Sahio do fundo mar alvorogada  
Com luminoso rosto a que gerara  
Mandel , e pelo Ceo colhendo estrellas,  
As influencias traz de todas ellas.

De.

Devoto neste tempo lhe ordenava  
 Seu filho no jardim muitos altares ,  
 Dos quaes o padr:õ todo rodeava  
 Com cheiros odoriferos a pares,  
 Em cada hum tres rezes immolava  
 Ao som dos instrumentos singulares ,  
 Que altifonos tocados respondiaõ  
 Aos brados das ovelhas , que morriaõ.

Já tinha a madre ufana á mór altura  
 Subido do hemisferio a nós primeiro,  
 E delle mui serena com luz pura  
 Mostrava nesta parte o rosto inteiro,  
 Mil flores engastando de mistura  
 No valle , bosque, serra, e verde outeiro,  
 Eis quando o duro marmore tremendo,  
 De todo a natureza foy perdendo.

Mudouse pouco a pouco , e c'hum meneyo  
 Suave , brando , alegre , e deleitoso  
 O tronco foy tomando , a folha veyo  
 De hum vento crepitada , e saudoso  
 Já todo o ramo está de flores cheyo,  
 E dellas o terreno mui cheiroso ,  
 Com deleitosa sombra ao longo della ,



Nas folhas a cor branca, e amarella.

63

Endoudecia o moço de contente,  
Merecedor de todo o bom partido,  
Com Melia se alegrava toda a gente,  
Pasmada de ver caso nunca ouvido:  
Mas ah dura Champel, que não consente  
Fortuna Mandel ser de ti querido!  
A fim de tantas flores de mistura  
Te dem juntas a morte, e sepultura.

64

Hum sobressalto grande a molestava,  
Que o peito lhe abalava de continuo,  
Dos olhos viva fonte lhe manava,  
Em lagrimas de aljofar crystallino:  
E soluçando triste se queixava,  
Ay, ay, que sorte minha, que destino,  
Ou que furor dos deoses depravado  
Me sujeitou a fim tão desastrado?

65

Valeime, padre meu, nesta agonia,  
Livray a triste filha, que gerastes,  
E vós, ó madre minha, que eu queria  
De todo o coração, porque creastes  
Filha tão sem ventura? Ay triste dia,  
Infausta gloria minha, onde parastes,

Que

Que he de vós doce bem , minha esperança,  
Que foy de minha bemaventurança ?

66

Senhora fui do mundo , e conhecida,  
Por deosa já de muitos adorada,  
Agora de mil males perseguida,  
Até dos mesmos pays desamparada ;  
Ay , misera de todos esquecida,  
E só do meu destino acompanhada  
Taõ moça em terra alheya sem abrigo,  
Sujeita sem remedio a tal perigo.

67

Desmaya em continente , e cahe em terra  
Aquella formosura taõ estranha,  
Torcendo as alvas mãos , os olhos cerra,  
Dos quaes a rubicunda face banha :  
No chaõ a sanguinosa boca afferra ,  
As largas tranças de ouro , com que acañha  
A mesma luz do pay , jazem quebradas,  
Do vento a todas partes espalhadas.

68

Durou neste accidente largo espaço ,  
A moça formosissima mesquinha,  
E sem meneyo algum o corpo lasso,  
Perdida a cor do rosto a coitadinha,  
Em terra deste misero traspasso

Dobrado o collo jaz , qual avezinha  
No feyo do minino mal provida,  
Que pela bem guardar lhe tira a vida.

69

Já vinha a estrellá da Alva a luz trazendo,  
Que doura as tristes nuvens no horizonte,  
Eis quando a mãy de Orfeo removendo  
O pavelhaõ do Sol com leda fronte :  
N'hum modo de vingança toda ardendo,  
Lhe mostra a triste filha estar defronte,  
Folgais, lhe diz, com as honras, que a fenhora  
Minina de Champel vos deo agora ?

70

Acorda entãõ a deosa em continente  
Do desacordo grande , em que estivera,  
Remette furibunda , impaciente  
Levada já da morte insana , e fera :  
Qual proferiza vay de Bacho ardente  
Raivosa mais que rabida Panthera  
No crystallino peito poz aponta  
Do alfange de Marsina , que furou pronta.

71

Tralpassa o duro ferro a carne branda,  
E o coraçãõ de meyo a meyo parte,  
Por dentro das entranhas se desmanda,  
E ás alvas costas sahe com grande parte,

Bran-



Brandindo está o alfange , da outra banda  
 Fumega o fangue nelle , e se reparte  
 A borbotoens na roupa em largo fio,  
 Na terra discorrendo o triste rio.

72

Naõ deo lugar a morte de improviso,  
 Que a si se deo Champel arrebatada,  
 A lha estorvar a gente , que sem si  
 Atonita ficou , e embasbacada:  
 O Principe sómente , que o preciso  
 Seu fado condenou á mesma espada,  
 Com penlativo gesto attento estava  
 No desamor , que a deosa lhe mostrava.

73

Naõ póde ser ( lhe diz ) cruel Harpia  
 Que a mim me espante morte tão formosa,  
 Mas pois perdi o bem , que pertendia ,  
 No mal buscarey sorte mais ditosa :  
 Em vosso amor minha alma se revia ,  
 Sem vós a mesma vida me era odiosa,  
 E já que vós morreis , na morte espero  
 Fugir do meu cruel tormento fero.

74

E quando em algum tempo nossa historia  
 Ouvida for dos homens , naõ duvido  
 Senaõ que a mim dará mui grande gloria,

O caso de Leandro acontecido :  
Atraz Pyramo deixo na memoria,  
Pois morto sem de Thisbe ser querido,  
Mas antes por amar quem me matava,  
Matey a mim por quem me desamava.

75

Entaõ co' a mesma espada , que arrancara  
Do peito , que eu naõ sey qual outro iguale,  
O seu atravessou com voz amara,  
De hum ultimo suspiro , ultimo vale :  
Cahe aos pés de Champel , que tanto amara.  
Naõ sinto coração , que naõ estale  
De ver matarse juntos : caso estranho !  
Taõ grande desamor , e amor tamanho !

76

Affim morrerãõ ambos , e enterrados,  
Deixando de seu povo o largo pranto ,  
Ficaraõ no jardim solemnizados  
Com lagrimas de seu funesto canto,  
E em continente os ramos despojados  
Se viraõ da nova arvore entre tanto,  
Que nasce o Sol , e passa quanto ouviste,  
Ficando para sempre arvore triste.

77

A qual sempre durou continuando  
No modo, que lhe deo a Lua santa,

Em

Em flores cada noite rebentando,  
 Já quando a sombra vem, que o mundo espanta:  
 Mas todas tristemente vay deixando  
 Nas horas, em que o melro doce canta,  
 Perdendo o bello arreyo vergonhosa,  
 Da morte, que causou taõ lastimosa.

78

Tambem na sepultura, em pouco mezes,  
 Do mago firme amante sumptuosa  
 Outra arvore nasceo, que os Portuguezes  
 Chamais de São Thomé, com flor cheirosa,  
 Com cinco folhas vem todas as vezes  
 Que nasce, e a do meyo sanguinosa,  
 A grande chaga tem daquelle geito,  
 Que o Principe levou no amante peito.

79

Na mesma eonjunção estoutra cova  
 Outra arvore brotou da dama ingrata,  
 Com amarella flor, formosa, e nova,  
 De cheiro, que os sentidos arrebatá,  
 Mostrando Champel nella a grande prova  
 Das poucas esperanças, com que mata  
 Mandel, pois desta cor a tingio toda,  
 Com folhaszinhas brancas pela roda.

80

O Reyno os pranteou mui grandemente

Por



Por causa de seu Principe querido,  
Crescendo o triste choro em toda a gente,  
Do qual o Reyno tem seu appellido :  
Choromandel se chama , que presente  
Nos mostra o duro conto referido ,  
Os nossos desta lingua lhe chamarão,  
Que vossa vinda cá profetizarão

81

Estava ao pé da serra o nobre Guate  
Do triste Mandel pay , que muito amava,  
No tempo , que lhe deraõ o rebate  
Da morte , que elle n'alma receava :  
Que lingua pôde haver , que aqui relate  
As magoas , com que o triste se queixava,  
Chorando a morte , dano , e perdimento  
Do filho , Reyno , e seu contentamento.

82

Cresceo em tantas lagrimas coitado,  
Té ser em viva fonte convertido,  
Que chamaõ do Manguate nomeado,  
E nestas partes todas conhecido :  
Panguate n'outro tempo foy chamado,  
Que diz agua de Guate ; e se o sentido  
Me deres á manhã por pouco espaço,  
Tambem direy de ti hum graõ pedaço.

Naõ

Não ha porque esperemos outro dia,  
 Amigo , ( respondi ) mas se pertendes  
 De dar ás minhas mágoas alegria ,  
 Com parte me dizer do que comprehendes  
 De meu destino , eu certo folgaria  
 Ouvirte largamente , se o que entendes  
 Por pura Astrologia de escrituras,  
 Com teus feitiços falsos não misturas.

E quanto ás bellas flores , que affirmaste  
 Nascerem de Mandel , que nós chamamos  
 De São Thomé , por certo muito erraste,  
 Por outro mór final , que nós lhe achamos :  
 As folhas cinco são , como notaste ,  
 Das Chagas de Jesus , que confessamos,  
 Nas mãos , e pés as quatro , que a do meyo  
 No sacro lado está de sangue cheyo.

Assim que nesta flor mui claramente  
 Se mostra o Creador , e Senhor nosso,  
 Tambem a carambola , e cravo ardente,  
 Com outras , que se dão no Reyno vosso :  
 Nas Quinas denunciaõ o potente  
 Sinal do bom Jesus , e estado grosso ,  
 Que os Lusos em seu nome bravos Martes

Plantado tem por todas estas partes.

86

Naõ ha declaraçaõ mais verdadeira  
Da propria , que te digo com verdade,  
Mas já que vás tão fóra da carreira,  
Que nunca atinarás em tua idade,  
Poem fim á tua pratica primeira,  
Que eu certo te agradeço de vontade  
Tão raro fingimento , e o resto empenho,  
Que dêste hum claro toque a teu engenho.

87

Hum grande amor te espéra ( entaõ responde  
O Bracmene ) nas prayas , onde bate  
Do Tejo o licor doce , que se esconde  
Nas fraldas de Neptuno , que o combate,  
Aqui Lisboa tem os muros , onde  
Amor te mostrará quaõ mal te trate  
Sublime em toda a graça , e tão formosa,  
Qual de entre as flores sahe a branca rosa.

88

Só nesta empregarás o teu cuidado,  
Naõ zombes , Portugez , do que te digo,  
Que entaõ haverás dó do teu estado,  
Quanto contente d'elle , e seu perigo ,  
Aborrecerás tanto o bem passado,  
Que sejas de teu mal mayor amigo,

Por



Por este amor deixando mil favores.  
Das tristes , que te offrecem seus amores,

89

Aqui te espera amor , aqui ventura,  
Se a sorte não causar algum desvio,  
Te dá a gozar da estranha formosura  
Daquelle tão gentil , quaõ bello brio :  
Formosissimo objecto , em quem natura  
Com todos seus poderes imprimio  
Os mais altivos olhos , mais formosos  
De quantos cria o Tejo graciosos.

90

Será de tanto preço em gentileza ,  
Nos modos de desprezos tão ayrosa,  
Usando mansidão com aspereza ,  
No desamor tão branda , e maviosa,  
Que quando te fingir mayor crueza ,  
Será para se dar mais amorosa  
A teu amor com firme lealdade,  
Desenganada fé , limpa verdade.

91

Aqui vos unireis n'humã fé pura,  
N'hum firme nó , ditoso ajuntamento,  
Em tudo tão conformes , que a ventura  
Não ouse contrastar ao vello intento :  
Quieta gozareis , e mui segura

A vida do perigo fraudulento,  
Vay, Sylvio, pois buscar tão grande cousa,  
E em quanto a não achares, não repousa.

92  
Confessote porém, que sem trabalho  
Não gozarás de pomo tão formoso,  
Que nunca o lavrador em seu tresmalho  
Desfez a crespia espiga, estando ocioso:  
Ninguem tirou do fundo o roxo galho  
Do bom coral finissimo ramoso,  
Sem ter perigo algum, que lhe ganhasse  
O com que a pobre vida reparasse.

93  
Aqui tu não desmayes, se constante  
Vencer queres fortuna, amor, e a ella,  
Tua alma lhe darás de esposo amante,  
Que tudo te merece a Ninfa bella:  
Pois tanto que vos virdes em diante,  
( Que Venus o demonstra em vossa estrella )  
Com alternado amor sereis amados,  
E de huma mesma té remunerados.

94  
E posto que has por falsa minha historia,  
Gentilidade tudo, e tudo vento,  
Que por honrar os meus com grande gloria,  
Formey da Lua, e Sol meu fingimento:

Com tudo tem escritas na memoria  
 As cousas, que te disse, e o cumprimento  
 Das tuas verás certo em todas ellas,  
 Se he certo, que ha verdades nas estrellas.

Aqui deo fim o Mouro á profecia  
 Do meu tormento grave, e deshumano,  
 Que eu, Julia, tive então por zombaria,  
 Mas toda se cumprio para meu dano:  
 Cumpriose o grande amor, com que dizia  
 Vos amaria o gesto soberano,  
 Tambem vossa crueza inimiga, e dura,  
 Estranho desamor, e formosura.

Só salta, que mostreis ser fingimento  
 Os desfavores grandes, que me dais,  
 E se me mentio nisto o fraudulento  
 Genticio, que acertou em tudo o mais  
 Não quero ter com vosco mais tormento,  
 Nem com outra, que zombe de meus ais;  
 Que pois me risca amor de vosso peito,  
 Não quero a nenhum outro ser aceito.





# A HUMA ROSA

OITAVAS

*De Feronymo Babia.*

**E** Sta de Amor irmã , de Venus filha,  
 Mais que da deosa flor , deosa das flores,  
 Que os prados engrandece, os Ceos humilha,  
 Vencendo os rayos seus com suas cores :  
 Causa quando floresce , quando brilha,  
 Zelos em Flora , em zefiros amores,  
 E tanto aquella vence , estes namora ,  
 Que Flora fica flor , e esta flor Flora.

**2**  
 Quando fenece a noite , e nasce o dia,  
 Se ostenta taõ alegre , bella tanto,  
 Que do que pena foy , faz alegria,  
 Pois riso he nella o que na Aurora he pranto :  
 Sorriose , e com taõ vista bizzarria ,  
 Cansando assombro , e infundindo espanto,

Mostra fazendo o pranto paraíso,  
Em boca de coral de aljofar riso.

3

Quando galas inventa, librés traça,  
De fina primavera Abril florido,  
Para que de si mesma ao prado naça,  
Fenix defunto, e Fenix renascido:  
Esta, que na mór culpa achou mór graça,  
Guarnição rica de gentil vestido  
Lhe poem, se já não serve de grinalda,  
De ouro botoens em azas de esmeralda.

4

Naõ menos do que bella bellicosa,  
De armas cercada, de ouro guarnecida,  
Gota veneraçoes, applausos gofa,  
Huns por amada, outros por temida:  
E quando branda mais, mais rigorosa,  
Humas mãos esfearmenta, outras convida,  
Unindo na riqueza, e na crueldade  
Idade de ouro, e de ferro idade.

5

Passando aos astros, repetindo ás flores  
Leys de brilhar, de florecer preceitos,  
He bello tomo de elegantes cores,  
Obra feliz de floridos conceitos:  
Aprendem rayos huns, outras verdores,

Nos volumes gentís , livros perfeitos ,  
 Onde a belleza imprime seu thesouro  
 Em folhas de rubim com letras de outro.

## 6

Da perla fina mais , e mais luzida  
 Imagem rica , clara emuladora ,  
 A que tem imitada , tem vencida ,  
 Em mar florido perla brilhadora :  
 E Venus já de hum nacar produzida ,  
 E Venus deste nacar productora ,  
 Julga ao tribunal dos seus amores ,  
 Que flor de perlas he , perla de flores.

## 7

Competencia fatal , copia valente  
 Do bem menor ( bem que mór Deos retrata )  
 Em sua ardente cor , seu fogo ardente ,  
 Sua setta cruel na espinha ingrata : —  
 Sente mil tiros , mil incendios sente  
 O prado donde vive , donde mata ,  
 Sendo a par do jasmim , junto do baccar  
 Com settas de esmeralda , amor de nacar.

## 8

Ferido todo , todo traspassado  
 O jacintho gentil , violeta bella ,  
 Mostrando na cor sua o seu cuidado ,  
 Elle encendido está , pállida ella :



O gyrafol amante defamado  
 A rosa segue, a Febo se rebella,  
 Pois vendo seus dourados resplandores,  
 Trocou o Sol do Ceo pelo das flores.

## 9

Da deosa mais gentil filha mimosa,  
 Luzes vestida, e purpura trajada,  
 A pinta já sangrada, já lustrosa,  
 No Ceo lustrosa, e no jardim sangrada:  
 Seu astro, o sangue seu vive na rosa,  
 Na rosa, que luzida, que encarnada,  
 Offrece á deosa clara, á deosa exangue,  
 Seu astro em ouro, em purpura seu sangue.

## 10

Purpura mostra, ostenta brilhadora  
 Luzido centro em circulo rosado,  
 Do radiante Sol, da roxa Aurora  
 Retrato lindo, singular traslado:  
 Elle no seu brilhante centro mora,  
 Ella mora em seu circulo encarnado,  
 Trazendo assim com duplicado adorno  
 Hum Sol em meyo, e huma Aurora em torno.

## 11

Mas quando mais admira, mais se preza,  
 Na breve flor immensa formosura  
 Succede a seu prazer sua tristeza,

Sendo berço mimoso a campa dura ;  
 A gala luto , horror a gentileza ,  
 E sombra negra mais a luz mais pura ,  
 Vencendo alentos mil hum só desmayo ,  
 Se foy rayo de luz , de nuve he rayo.

12

A rosa já defunta , ó viva rosa ,  
 Enfrea com teus casos teus intentos ,  
 Dando nesta tragedia lastimosa ,  
 Em poucas folhas muitos escarmentos :  
 Adverte , ó pompa breve , quando ayrosa ,  
 Que idades mereceo , durou tormentos :  
 Olha , que a gala vã da flor Rainha  
 Mais perto está da morte , que da espinha.



SONE



# SONETOS

*do mesmo feronymo Bahia.*

Pergunta ao Mondego.

## SONETO

**G** Anges do Luso, Hydaspes do Occidente,  
 Ouro o profundo, a superficie prata,  
 Que quando ou vos limita, ou vos dilata,  
 Na graça fonte sois, mar na corrente :  
 Vós, Mondego gentil, echo luzente,  
 Onde para affogar-se se retrata  
 Sumptuoso Narciso a Regia grata  
 De Pallas douta, de Hercules valente :  
 Pois vos dá clara Estrella berço illustre,  
 E dais illustre ser á clara Estrella,  
 Dizey qual mais, qual menos vos illustre,  
 O seres desta pay, filho daquella ?  
 Direis, q̃ he mais decoro, q̃ he mais lustre  
 Ser pay d'hum Sol, q̃ filho d'hum Estrella.





# CHORANDO A ROSA

## SONETO.

**H**E mais que pranto vosso meu suspiro,  
 Tanto de aljofar mar, o mar de Rosa,  
 Porque anhelante seu, sois lacrimosa,  
 Que o mar he que verteis, bolcão q̃ espiro.  
 O Sol flor d'ouro em campo de safiro,  
 Se feya nuve abrio com luz formosa,  
 Baixa do gyro seu agua chorosa,  
 O que ardente vapor sobe a seu gyro.  
 Assim pois vosso Sol na minha magoa,  
 Que tanto de Sol tem, de Aurora quanto,  
 Quanto em fogo mandey, tornais em agoa.  
 He logo ( ó Sol Aurora ) aljofar tanto,  
 Mais que diluvio vosso minha fragoa,  
 Mais he suspiro meu, que vosso pranto.



## A' FONTE DAS LAGRIMAS.

### SONETO.

**V** Es ella pura fonte taõ aceita,  
 Digna de vista ser, sem ser vistosa,  
 Que quando mais murmura, mais deleita,  
 De muda penha filha sonora:  
 Vês, que o gosto enfeitiga, o prado enfeitiga,  
 E quando branda mais, mais poderosa  
 Contrarios vence, opposiçoens sujeita,  
 Pois se vê fria, pois se vê chorosa.  
 Vês tanta prata, vês aljofar tanto,  
 Sabe Isabel gentil, e doce Isbella,  
 Do ouvido suspenção, da vista encanto,  
 Que se ella vive em mim, que eu vivo nella,  
 Ella he lagrimas toda, eu todo pranto,  
 Eu de amor fonte, fonte de amor ella.

## SONETO.

**S** Ahio , meu alto bem , feliz cuidado,  
 Pallas no bravo , e Venus no formoso,  
 Com tres arcos , dous negros , hum nevado,  
 De marfim terço , de evano lustroso:  
 Dous de luzes , de settas hum armado,  
 Amorosos os dous , hum rigoroso,  
 Com q̃ temido amor , e Marte armado  
 O medo amante fez , o amor medroso.  
 Os dous mataõ de amor , hum mata de ira,  
 Hum veste sangue , os dous acendem fogo,  
 Tiraõ rayos os dous , hum frechas tira.  
 Mas pranto não se vê , nem se ouve rogo,  
 Porque buscada mais do que fugida  
 Se dá morte por hum , por dous a vida.





# A' MORTE DO CONDE de Castello melhor.

## SONETO.

**O** Castello melhor, o melhor forte,  
 Gloria do Minho, horror de Salvaterra,  
 Quando subio ao Ceo, cahio á terra,  
 Cahio, ay triste caso, ay dura sorte!  
 Da mayor fortaleza de Mavorte  
 Hum jalpe só toda a ruina encerra,  
 O tempo fez o que não fez a guerra,  
 O que não pode Marte, pode a morte.  
 Fosso lhe deo, serviolhe de estacada  
 Pio o Gallego, o Castelhanao exangue,  
 Com cadaveres hum, outro com sangue.  
 E se fora extincta, e fora aniquilada,  
 A ter mais duraçaõ, ou mais estrella,  
 Deste Castello só toda Castella.

A HUM VELENTE,  
e liberal.

SONETO.

**P** Rodigo o sangue , e prodigo o thesouro  
 Gastais taõ liberal , como valente,  
 O Luso o canta , o Castelhana o sente,  
 Pois dais o ferro a hum , a outro o ouro:  
 Com guerreiro metal , com metal louro,  
 Dando pena fatal , premio eminente,  
 Fazeis á gente Ibera , e Lusa gente  
 Perder o campo , e conseguir o louro.  
 Vossa mão valerosa , quanto rica,  
 Dilatando da vida a brevidade  
 Seçulos cresce , tempos multiplica.  
 Faz vossa vida quasi eternidade ;  
 Pois sobre vossa idade vos fabrica  
 A idade de ouro , e a do ferro idade.



AO CONDE DE ATOUGUIA  
taõ douto, como valente.

S O N E T O.

**V**A', que não sabe Marte, ignora Apollo,  
Nem Apollo cantar, nem vencer Marte,  
Vós, Conde excelso, em huma, e outra parte  
Pasmais o mundo, estremece o pollo.  
Quanto Vulcano faz, verte Paciolo  
Ouro, e ferro na branda, e feroz arte,  
Essa lingua desata, essa mão parte,  
De Bellona terror, prizaõ de Eolo.  
Da espada o rayo, e o trovaõ do canto,  
Quanto argenta Nereo, doura Pyroo,  
Occupa de temor, enche de espanto,  
Da tumba occidental ao berço Eoo  
Se foreis menos, ou sereno, ou forte,  
Vos fora Apollo igual, igual Mayorre.





MANDANDO ELREY D. PEDRO  
enterrar o coração do Marquez de Marial-  
va ao pé do tumulo delRey D.  
João IV.

SONETO.

**C**Edé, ó Jove na paz, Marte na guerra,  
Pedro o primeiro a Pedro sem segundo,  
Pois este humano, aquelle furibundo  
Coraçõens tira, mortos desenterra:  
Onde espira Ignez, Pedro se encerra,  
Húm medo ao Reyno, o outro amor ao múdo,  
Pois faz a hum morto, a outro moribundo  
Grave este o fogo, leve aquelle a terra.  
Tres coraçõens, dous Janos, e hum Mavorte,  
Entregue ao Lethes hum, outro á memoria,  
Hum coroa o amor, outro a consorte.  
Mas ay com tanto excessõ, alta victoria,  
De Pedro a Pedro, o q̃ da gloria á morte,  
Elle he morte de dous, vós de hũ sois gloria.

AO P. Fr. ANTONIO CORREA  
intitulando hum livro do V. Fr. Antonio  
da Conceição *Fama posthuma.*

S O N E T O.

**E** Ste, que prende o ar, e o ar coroa,  
Fama posthuma não, mas vital fama,  
Quando activa remonta, e doce acclama  
Do mundo o pasmo, a gloria de Lisboa.  
Esta, que leve chega, e clara soa  
Onde se esfria o Sol, onde se inflama  
Em berço de ouro, e de argento em cama,  
No mar Occidental, na terra Eoa.  
Cem pennas lhe não dão pomposa gala,  
Não lhe dão linguas cem facundo accento,  
Veste huma penna, e huma lingua fala.  
Porém como são vossas, (graõ Talento)  
A pennas cento huma só penna iguala,  
Iguala huma só lingua a linguas cento.

A S A N T O E S T E V A M P R O T O .  
Martyr esculpido em huma pedra,

M A D R I G A L .

**M** Ais do que as maõs o peito  
De pedras teve armado,  
E naõ menos indigno, que indignado  
Povo já reprovado, hum tempo eleito :  
Que vos deo n'huma, e n'outra pedra dura  
Proto Martyr sagrado,  
Primeiro do que morte sepultura,  
Mas se entaõ mal ferido,  
Hoje bem esculpido  
Se encontraõ vossas pedras de tal sorte,  
Que vos daõ vida, se vos deraõ morte







A HUM RETRATO FEITO  
de cera.

MADRIGAL.

**P**urpureas rosas , e jasmins nevados,  
 Abelhas engenhosas,  
 Colhestes , e escolhestes ,  
 Ou nos Elysius prados,  
 Ou nos jardins celestes,  
 Por fazer esta cera , que me inflâma,  
 Cera na essencia , nos effeitos chãma :  
 Mas hoje , que he retrato mais que vivo,  
 A branda cera de meu bronze esquivo ,  
 De minha Marcia fera,  
 Vos póde dar o mesmo , que lhe destes :  
 Vinde pois a colher na bella cera,  
 Abelhas amorosas,  
 Jasmins nevados , e purpureas rosas.



PENANDO AUSENTE, E PRESENTE.

## MADRIGAL.

**S**E a vossos olhos chego,  
 Se delles me desvio  
 Na dura ausencia , e no suave emprego ,  
 Hum incendio padeço , e choro hum rio :  
 E sempre em tal pezar , e prazer tanto,  
 Se turba a vista em luz, se turba em pranto.  
 Ay como temo , que me fação cego  
 De ver no gosto , e de não ver na magoa  
 Vossos olhos com fogo, e os meus cõ agoa.







GLOSA DO MESMO AUTHOR.

Vida , fallaime hoje,  
Que á manhã vem longe.

DECIMAS.

**S** Enhora , que sois de amor  
Melhor Venus , mór deidade,  
Vós menos que flor na idade,  
Na lindeza mais que flor,  
Abranday tanto rigor,  
Sem esperar hum momento,  
Que a quem foge o pensamento,  
Tambem o tempo lhe foge.  
Vida , fallaime hoje,  
Que á manhã vem longe.

Ah deixay tanta tardança,  
Pois sinto , doce Sirena ,  
Eternidades de pena

Em minutos de esperança :  
Minha affeição não se cança,  
Mas temo que a vida falte,  
Antes que amor vos assalte,  
E do desdem vos despoje.  
Vida , fallaime hoje,  
Que a manhã vem longe.

3

Sabey , idolo de neve,  
Que o minino deos arqueiro  
He por settas mui ligeiro,  
E por azas muito leve :  
Amay pois em tempo breve,  
Deixay taõ cançado modo,  
Porque amor , que he pressa todo ,  
Dos vagares não se enoje.  
Vida , fallaime hoje,  
Que a manhã vem longe.

4

A flor , que entre espinhos mora,  
Que quando as aves daõ salva ,  
Recolhe perolas da Alva  
Entre nacares de Flora :  
Quando a abelhinha a namora  
Logo defere á abelhina ,  
Nunca pois a flor Rainha



Ser taõ dura se lhe antoje.  
 Vida fallaime hoje,  
 Que a manhã vem longe.

5

O Sol, que, qual gyrafol,  
 A voffas luzes se entrega ;  
 Taõ veloz corre , que chega  
 De hum mundo a outro com Sol :  
 Imitay pois seu farol,  
 Para que naõ se repare ,  
 Em que hum Sol na terra pare,  
 E no Ceo hum Sol se arroje.  
 Vida , fallaime hoje,  
 Que a manhã vem longe.



## A F. QUE COMIA BARRO.

## D E C I M A.

**D**izem-me que estais doente  
 De doença taõ pezada,  
 Que por ser de barro he nada,  
 E só no pezo se sente :  
 Credeme , que estou contente,  
 Pois quando a terra comeis ,  
 Mais eterna vos fazeis,  
 Pois se a terra os corpos come,  
 E se a comeis vós com fome,  
 Quem vos coma não tereis.





# AO V. P. FR. ANTONIO

da Conceição Religioso da Santissima  
Trindade, que morreo com opiniaõ de  
insigne em virtudes.

## CANÇAM.

I

**V**O's , flor de Portugal , antes coroa,  
Que da mayor, que da menor Trindade  
Sois no Ceo mimo , e pompa no Universo,  
Igual em nome, em patria, em santidade,  
A' luz de Padua, á gloria de Lisboa,  
Que n'humã tem sepulcro, e n'outra berço.  
Se quereis que meu verso  
Suspenda por tacundo ,  
Como esferas no Ceo , feras no mundo;  
Desengastay do polo esclarecido  
O plectro , que guarnecem luzes bellas,  
Para vosso louvor , pois he devido  
A louvores do Sol plectro de estrellas;

E



E mostre em minha mão com doce enleo,  
 Que não morreo, ou que renasce Orfeo;  
 Do Ceo, não do Libetro  
 Baixe furia elegante ao culto metro,  
 Pois tem para dictar versos canoros,  
 Se hum nove Musas, outro nove coros.

## 2

Onde ao mar turibundo o Tejo aceito  
 Pede soccorro, em vez de dar tributo,  
 Por fazer digno espelho em crystal frio,  
 A' Cidade feliz do Grego astuto,  
 ( Roma de Portugal ) que tanto objecto  
 Pedia hum mar, e desprezava hum rio,  
 Abristes ao rocio  
 De vossa alva serena  
 O mimoso botaõ, pura aguçena  
 Crescestes, mas temendo ser ferida  
 De aspid entre boninas occultado  
 Vos transplantais no verde Abril da vida  
 Ao seguro jardim, horto fechado,  
 Que unindo fertil terra, e Ceo benino,  
 He na fragrancia hum só, e em nome Trino,  
 Onde perpetuamente  
 Manchada nunca, sempre florecente  
 Vos cercaõ, virgem flor, com brandos gyros;  
 Aguas de pranto, e auras de suspiros.

Em

Em guerra douta , sendo a penna lança ;  
 O pendaõ de Aristoteles seguites,  
 Com applauso geral , com alta gloria  
 Primeiro convencestes , que arguistes ;  
 Mas quem vencido foy , tambem alcança  
 Em ser vosso trofeo sua victoria.  
 Felice na memoria,  
 Incansado no estudo ,  
 Em tudo universal , unico em tudo  
 Ostentastes tal arte , engenho tanto  
 Em toda a occasião , em toda a parte,  
 Que podéra brilhar com raro espanto  
 Sem arte o engenho, e sem engenho a arte.  
 Aos livros as virtudes vinculastes,  
 Huns aprendestes , e outras ensinastes,  
 E posta em competencia  
 Vossa sciencia , e vossa consciencia,  
 Tivestes superior , mas igualmente  
 Tanto de douto , quanto de innocente.

Sábia a cadeira , o pulpito elegante  
 Vos esperava já , já vos pedia ,  
 Novo Thomás , Chrysoftomo segundo,  
 Mas vós dado a Rachel , negado a Lia ,  
 Desta desprezador , daquella amante,

Deixais tanto a sciencia, quanto o mundo.  
 Aspero, mas jucundo  
 Ermo vos persuade  
 Que Cidade façais a soledade,  
 Mudo alli, bem que a Deos mais eloquente,  
 Alli só, mas do Ceo acompanhado,  
 Taõ parco vos portais, taõ abstinente,  
 Que a fonte vos dá copo, e prato o prado:  
 Antes (que affirma vossa abstinencia excede)  
 Vos dá prato o jejum, e fonte a sede:  
 Com disciplina eterna  
 Argos novo ficais, fama moderna,  
 Que verteis da alma terna, e corpo exangue,  
 Agua por dous, e por cem olhos sangue.

5

O fallar foy silencio, o viver morte,  
 Tremenda cova, rigido aposento,  
 A terra cama, e a vigilia sono,  
 Mas possuis tal gloria em tal tormento,  
 Que o summo Rey, a qué na etherea Corte  
 O Sol dá folio, os Thronos fazem throno,  
 Para sublime abono  
 De seu amor divino  
 Por grande vos fazer se faz minino:  
 E com rara afeição, com ledo vulto,  
 Os braços seus a vosso collo entrega,

Da



Da branca nuvem , donde o Sol occulto  
 Mercês concede , e resplandores nega.  
 Oh mimo singular , amor profundo !  
 Segundo sois Antonio , e sem segundo,  
 Ceda o primeiro Santo  
 A tanto beneficio , a favor tanto,  
 Pois dá, trocando as mãos, mudando os laços,  
 Se braços elle a Deos , Deos a vós braços.

6

Os Cidadãos do Ceo, Anjos do mundo  
 Assistem no mysterio sacrosanto,  
 Mas suspendida a voz, e mudo o coro,  
 Que como vós chora, cessa seu canto;  
 Porque fora mais grato , mais jucundo,  
 Que não o coro seu , o vosso choro.  
 Corre com tal decoro  
 Das perolas em fio  
 O mar não amargoço , o mar não frio,  
 Que mui mais incendidas , que banhadas  
 De diversas casullas varias flores  
 Despem, do tenro pranto namoradas,  
 Por vestir suas cores , suas cores.  
 Ou foy, que resultando luzes bellas  
 D'alma no corpo, e do corpo nellas,  
 Nevadas se fizeram  
 Para glorias vos dar , que a Christo deraõ;

Ten.

Tendes no templo as que no monte teve,  
Vós de neve trajais, Christo de neve.

7

Seguindo o Crucifixo, a Cruz tomastes,  
Dando ao Ceo glorias, ao inferno assombros  
Com valor taõ fatal, taõ nunca visto,  
Que posta a dura cruz aos brandos hombros  
Vos imitou o mesmo, que imitastes,  
E se a Christo seguis, vos segue Christo:  
Sois do Ceo taõ bem quisto,  
Que se fez seu Cupido  
Vosso sequaz, sendo de vós seguido.  
Muitos annos assim vos acompanha  
Vosso amor, vosso amado, vosso amante,  
Tomando o sacro lenho (oh cousa estranha!)  
Se passivel por nós, por vós triunfante.  
Mais q̃ o mundo vos ama, e bem o fundo,  
Pois mais concede a vós, menos ao mundo.  
Traz o lenho precioso  
Pelo mundo mortal, por vós glorioso,  
Por hum na dor, por outro na alegria,  
Muitos annos por vós, por elle hum dia.

8

De profetico espirito dotado  
Ser patente fazeis o que era escuro,  
E fazeis o futuro ser presente,


A

A vós presente foy sendo futuro  
 O dia , que vos tinha destinado  
 Na terra occafo , fe nos Ceos oriente;  
 E quando Alva luzente  
 Quer abrir ao Sol louro  
 A porta de zafir com chave de ouro,  
 Depois que com virtudes excedestes  
 Os numerosos annos , que contactes,  
 Com voffo corpo a terra florecestes,  
 E com voffa alma o polo illuminastes,  
 Adquirindo nas prendas peregrinas  
 Hum mais estrellas , outra mais boninas;  
 E por abono grave  
 De que sois clara luz , e flor suave,  
 Quando voffa alma, e voffo corpo encerra,  
 O Ceo resplandeceo , cheirou a terra.

9

Musa , naõ mais , que em mar taõ dilatado  
 He meu debil engenho concha breve ,  
 Valente penna de Escritor sagrado ,  
 Grave em sentenças , como em voos leve,  
 Tal morte , vida tal , tal santidade  
 Ao tempo furte , entregue á eternidade:  
 Trate de Antonio Antonio,  
 De Livio pafmo , e medo de Suetonio ,  
 Ambos jaõte Lisboa , admire o mundo,  
 Este por santo , aquelle por facundo.





## ROMANCES VARIOS

*Do mesmo Feronymo Babia.*

Ao mesmo V. P. Fr. Antonio da Conceição  
da Ordem da Santissima Trindade.

### ROMANCE BURLESCO.

**S**anto novo, mas tão grande,  
Tão augusto, tão famoso,  
Que fazeis esquecer velhos,  
Mais por grande, que por novo.

Vossos vos quero cantar,  
Bem que amigo vos supponho  
Não de poeticos termos,  
Porém sim dos Oratorios.

Vossa patria foy Lisboa,  
E vossos pays generosos,  
Por ter de vós muito tento  
Tiverão muitos abonos.

Primeiro chamar soubestes

Que

Que o pay vosso o Padre nosso,  
Primeiro amastes coquilhos,  
Do que temesseis os cocos.  
Antes de ser o Sol nado,  
Quanto mais depois de posto,  
Rezais as Ave Marias  
Já das Trindades devoto.  
Com tudo me dizem muitos  
Velhos hoje, entã cachopos,  
Que lhe lieis a cartilha  
Com graças mil, com mil gostos.  
Com muitos razoens tivestes,  
E se os vieis descompostos,  
Lhes daveis por seu ensino,  
C'os Mandamentos em rosto.  
Tatul pertendeo o mundo  
Fazer de vossa alma roubo,  
Vós o deixastes na flor,  
Dando de paos a seus ouros.  
As riquezas desprezastes,  
Que promette manirroto,  
Pintandose mui mais largo  
Do que o pintamos redondo.  
Por vencer suas batalhas,  
Por rechagar seus encontros,  
Em Ordem Trina vos pondeis,

Como esquadraõ Macedonio.

Artes fostes estudar ,

Porém mostrastesvos logo

Do individuo descuidado,

Se da abstracçaõ cuidadoso.

Passastes diversos livros,

Nos d'alma mui curioso,

Nos da morte mui lembrado,

E nos do Ceo mui absorto.

Do bem soubestes mui bem,

Mas de hum tudo , e nada de outro,

Tudo soubestes do honesto,

E nada do deleitoso.

Se vos fonda o cabedal,

Que não sabeis me resolvo

Nem por sombras divisoens,

Diferenças nem por sonhos.

Em fim deixais os estudos,

Mas o deixallos approvo,

Porque para seres Mestre

Só tinheis certos tres votos.

Fugis da Filosofia,

Mas não a deixais de todo,

Que he da solidaõ o estado

Parte sua , e vosso porto.

Alli chorais tantas aguas,



Que não posso entender como,  
 Sendo aguado de tal sorte,  
 Fostes puro de tal modo.  
**Ereis por habito Trino,**  
 Ereis terno por choroso,  
 E sem fallar com ninguém,  
 Corrente vos achão todos.  
**Ainda mais que do cilicio,**  
 Fostes amigo do choro,  
 Pois hum trazeis apertado,  
 Outro deixais andar solto.  
**Para matar o appetite**  
 Dizem que hervastes o gosto,  
 Comervas mais que comida  
 Déstes á barriga como.  
**No tribunal da dieta**  
 Tanto castigais o corpo,  
 Que bem que não sois má carne,  
 Pondes a carne nos ossos.  
**Muito innovastes nas Missas,**  
 Pois com nunca visto troco,  
 As que são em si casulas,  
 Alvas em vós as encontro.  
**Alli Deos feito minino**  
 Pendia do collo vosso,  
 Que como vos achou virgem,

Quiz andar ao vosso collo.

Tanto que vos vi nos braços

Hum Minino tão formoso,

Disse entre mim : Este Padre

Ha de ser hum Santo Antonio.

A quanto pedis na Missa

Diz Amens o Rey do polo,

B a Missa não se danava,

Bem que tinha Amens sem conto.

Muitos Amens tinha a Missa,

Porém creyo , porém noto,

Que comparados ás glorias ,

Os Amens ficavaõ poucos.

Em fim , depois que viveo

A vossa alma em vosso corpo,

Este seculos de ferro,

Mas aquella idades de ouro.

Morrestes como hum santinho,

Beijouvos o pé o povo,

Que sempre por Padre santo

Vos julgou em vivo , e morto,

Prégou o grande Correa,

Deixando a Tullio invejoso,

Consul , que por oraçoens

Senaõ livrou do demonio.

Os Poetas vos louvaraõ ,

IV. Part.

E 2

Fal.

Fallando em vossos affombros,  
Eu só por boca de ganço,  
Por boca de cisne os outros.







# AO MININO JESUS

em metáfora de juras

R O M A N C E,

**A** O Minino de Belém  
 Me deixem fallar de chança,  
 Que posto que he pequenino,  
*Por Deos tem immensa graça.*  
 Dizem quer irse, e deixarnos,  
 Mas vejaõ lá como fallaõ,  
 Que elle ha de ficar conosco,  
*Pela hostia consagrada.*  
 Dizem que ha de viver pouco,  
 Quem o diz muito se engana,  
 Que ha de ter *por Deos Eterno*  
 Annos sem fim, vida larga.  
 Eu lhe affirmo pelo Ceo,  
*Pelas estrellas douradas,*  
 Não tem seu poder limite;  
 Nem sua grandeza tacha.

Tem

Tem sobre o monte de Venus

Huma mui formosa raya,

Que mostra ha de ser por *Cbristo*,

Sacerdote, Rey, e Papa.

Quem lograr este Minino,

Como nelle tudo alcança,

*Pelas reliquias de Roma*

Naõ tem que se cansar nada.

Tambem tenho por mui certo,

Sem saber de Chiromancia,

Que ha de vir este Minino

A ser morto *por minha alma*.

Tem hum perigo de pedras,

Mas livrar-se ha das pedradas,

Mas *por minha salvaçaõ*

Dos trinta e tres naõ escapa.

Com ter muitas dignidades

Sua pessoa sagrada,

Levará *por vida minha*

Huma vida bem cansada.

Haõ de comello a bocados

Os amigos, que mais ama;

E mais *pelo Sacramento*

*Do altar* lhe cahem em graça.

Tanto desprezará as glórias,

Que ha de ter das penas ancia,

E o reynado de Israel

Trocará pela Cruz santa.

Mas ha de ser Capitaõ,

E obrará grandes façanhas,

Pelos *santos Euangelhos*

Ha de ter no mundo fama.

Sendo minino ha de andar

Desterrado por estradas,

Será levado a Egypto

*Pela Virgem consagrada.*

Certo Rey para o matar

O peitende haver com manha,

Mas por *hum Anjo do Ceo*

Ha de escapar suas traças.

Com tudo he Euangelho

Em que não póde haver falta,

Que tudo por *JESU Christo*

Se ha de cumprir: isto basta.





# A SANTO ANTONIO

alifandose por soldado.

## R E D O N D I L H A S

*De Feronymo Babia.*

**S**E , Antonio , assentado estais,  
 Naõ façais na guerra falha,  
 E se heis de ir para a batalha,  
 Como assim vos assentais ?  
 Se Portugal vos conduz,  
 Ide a ser Portuguez Marte,  
 Tendo as armas d'huma parte,  
 Tendo de outra parte a Cruz.  
 Vesti , leal Portuguez ,  
 Esse burel mais galhardo,  
 Que he certo , que desse pardo  
 Naõ está seguro Aranjuez.  
 Tendes armas peregrinas,  
 Tendes ( aceitaime os gabos )

Nessa

Nessa Cruz divinos Cabos,  
No livro folhas divinas.

Nesse Terço de Lisboa  
Destá vez ide alistado,  
Que hum Terço com tal soldado  
Segurar bem póde a Coroa.

Bem podeis lançar á quadra  
De vossa esquadra o trofeo,  
Pois das esquadras do Ceo  
Sois sempre Cabo de esquadra.

Se ser Sargento quereis,  
Fazey milagroso o dia,  
Que em taõ boa companhia  
Certo milagres fareis.

Marchay, Alferes divino,  
Para a batalha animoso,  
Pois tremolais victorioso  
Por bandeira a Deos minino.

Ajudainos pois á falla  
Temos o imigo diante,  
Sede pois nosso Ajudante,  
Pois o fareis com bem galla.

Voay, qual ligeira seta,  
Meu Capitaõ singular,  
E naõ deixeis de levar  
Vosso pagem de gineta.

Todo o posto vos encampo,  
Pois sois soldado de porte,  
Que se sois Mestre de Corte,  
Tambem sois Mestre de Campo.

Ide , General perfeito,  
Eleição , que foy dos Ceos,  
Pois tendes o mesmo Deos,  
A vossas ordens sujeito.

Ide , que sem quebrar votos  
Sereis hum rico soldado,  
E posto sois remendado,  
Nunca nós seremos rotos.

Ide certo , que nas linhas  
Lhe heis de dar golpes tremendos,  
Pois só com vossos remendos  
Lhe haveis de gastar as linhas.

Ide , que vós bastais só  
Contra quem domarnos vem,  
E lutareis muito bem,  
Pois sois segundo Jacó.

Ide já , e acabareis  
De desfazer estes laços,  
Que se andais com Deos a braços,  
He certo que vencereis.

Ide , que posto estaõ fartos  
De empenharnos esta vez,



Tendo nós tal Portuguez,  
Faremos Castella em quartos.

Ide vencendo, e domando,  
Naõ percais o patrimonio,  
Que em chegando Santo Antonio,  
Haõ de irse com S. Fernando.

Ide a fazernos affagos,  
Ao caminho ponde os pés,  
Pois só com tal Portuguez  
Ficaraõ todos bem pagos.

Tempo he, Santo, de marchar,  
Que ha muito que vos esperaõ,  
Já que o habito vos deraõ,  
Antes de ires pelejar.

Levay grande coraçãõ,  
Contra o Carracena grulha,  
Que bem se ha de haver na bulha  
Hum soldado, que he Bulhaõ.

Nas palmas o Rey da gloria  
Levais, naõ temais mil almas,  
Que tendo taõ boas palmas,  
Tendes segura a victoria.

Já que sois o nosso abrigo,  
Day logro a nosso desejo,  
Acudi ao Alentejo,  
Que já naõ está todo trigo.

Castella destruireis,  
 O' Portuguez superior,  
 Correreis por ter valor,  
 Com valor não correreis.  
 Não temais, não, se diante  
 Virdes ballas de contino,  
 Que se o peito he do Minino,  
 Tendes peito de diamante.  
 Meu Santo, acudinos vós,  
 Posto o cordão, em que estaõ,  
 Antes de o fazer cordão  
 Custaraõlhe muito os nós.  
 Se vossa mão nos soccorre,  
 Será a pé quedo assolado,  
 Porque hum Portuguez soldado,  
 Posto val muito, não corre.  
 Livrainos já neste lago  
 Deste leão furibundo,  
 Mostray já a todo o mundo,  
 Que estais de nós muito pago.  
 Acudinos nesta hora,  
 Pois já muito antecedente  
 Deixastes de ser Vicente,  
 Por ir de barrete fóra.  
 Se desse Manná sois arca,  
 Sustentay a praça nossa;

Que só huma alparca vossa  
Lhe póde servir de Parca.  
Pelejay , sede farol  
Dessa escola militar,  
E bem podeis pelejar  
Pois tendes parado o Sol,  
Quem vos tem , não lhe faz mingua  
Os Cabos mui anciaõs,  
Porque obrais mui bem de mãos,  
Com terdes taõ boa lingua.  
Cortay , qual duro cutello,  
Naõ fiquem peitos , nem malhas ,  
Quem leva o Deos das batalhas,  
Naõ leva nada em capello.  
Lançainos fóra estas pragas,  
E se tendes ( por favor )  
A Deos ferido de amor,  
Defendeylhe as suas chagas.  
Vejaõse vossos poderes,  
Lançay fóra o Castelhanao,  
E inda que fois Franciscano,  
Day , Santo , quanto podéres.  
Vistaõ de escafiatas roupas,  
Militem com mais decoro;  
Se fostes Moço do Coro,  
Idelhes vestindo as opas.



Castella hum Memento reze,  
 Por quanto desta vez cudo,  
 Que heis de , Antonio , vencer tudo,  
 Porque estais nos vossos treze,  
 Muito , Santo , nos amais,  
 Pois assim nos acudistes,  
 Ha poucos dias cahistes,  
 E hoje já nos levantais.  
 Com tudo se vos apraz,  
 Fazey que o forte Leão ,  
 Visto deixar tanto paõ ,  
 O venha buscar com paz.



FA-



## FABULA DE APOLLO, e Daphne.

*Do mesmo Auctor.*

ROMANCE.

**C**Anto a historia daquelle,  
 Que na celeste carroça,  
 Sendo o cocheiro do dia,  
 He Conde Andeiro das horas  
 He fidalgo de solar,  
 Que em seu privilegio cobra  
 A moradia dos Ceos  
 Das noires , que na agua mora.  
 Este pois assumpto digno,  
 Desta empreza generosa  
 Preste a lyra , porque entoe  
 Em seu contraponto a solfa.  
 O tu, que, se naõ me engano,  
 Pódes dar á mais formosa

Com

Com todas as peças mate  
De dama por peça a todas.

Tu, que não só na belleza,  
Mas nessa graça, que mostras,  
A Venus de inveja tens  
Toda metida nas conchas.

Tu, que em mares de bellezas  
Conduziste ás partes nossas  
Em tuas mãos, e cabellos  
Mais prata, e ouro, que as frotas.

Tu, que dás aos lapidarios  
Safyras, rubins, aljofar,  
Tudo o que se vê por olhos,  
Te vem a pedir por boca.

Ouve os successos de Apollo,  
Que presumo quando os ouças,  
Se eu faço historia de conto,  
Tu faças conta da historia.

Dá teus ouvidos aos versos,  
Que com que nelles os ponhas,  
Quem vir, que os arrecadas,  
Os deve de ter por joyas.

Guardava vacas de Admeto,  
Rey de Teslalia famosa,  
Apollo, que por palavras  
Se exercitou em taes obras.



Era o tal hum mochachão  
De fórma maravilhosa,  
E sem mentir, nem gabar,  
Como dizem, de ouro em dobras.

Tinha os cabellos taõ louros,  
Que inda hoje farey aposta,  
Que ninguem os tem taõ bons,  
Cá para detraz das costas.

Os olhos cousa he sabida,  
Que servem, quando lhe importa,  
De luminarias no Ceo,  
De alegria á terra toda.

Da boca, e dentes presumo,  
Que será cousa mui pouca,  
Pois naõ dizem delles nada,  
Inda quem diz grandes cousas.

No mais do corpo, e donaire  
Era mui bella pessoa;  
Pelos altos Villa curta,  
*Hafia los pies Villa Longa.*

Perdido andava este moço  
Por huma certa senhora,  
Filha do rio Peneo,  
Graõ pescador de minhocas.

Cortezaõ, que lá da serra  
Baixava com grande força,



A beijar humilde as plantas  
De mil arvores vigorosas.

Dizem, que deste nasceo

Daphne, aquella grã senhora,  
Desde os pés até a cabeça  
Feita de neve, e de alcórça.

Mas pois pintalla pertendo,

Dame, minha Musa, agora  
Teu favor, que se me falta,  
Ficará de tintas mortas.

Naõ queiras verme perdido,

Dáme teu traslado, e copia,  
Que temo me dem olhado,  
Se vem, que tu me naõ olhas.

Teve pois a dita Daphne

As gadelhonas taõ louras,  
Que inda hoje em anneis de ouro  
Se conservaõ as memorias.

Solto o cabello nos hombros,

Ou recolhido na coifa,  
Ou era lisonja ao vento,  
Ou guarniçaõ da lisonja.

A branca testa da neve

Tanto ficou vencedora,  
Que sempre em campanha livre  
Candida ostentou victorias.

Subtilmente as sobranceiras

Em seus dous arcos compostas

Duquezas são de Florença,

Quando são negras de Angola.

Os olhos de bem rasgados

Se meteraõ á valentona,

No bairro da Boa vista.

Com morarem na Bemposta.

Duas mininas os fervem,

Taõ lindas, graves, e airozas,

Que inda que andaõ nas capellas,

As veneraõ por senhoras.

Ambas vestem de esperança

Direitamente a la moda,

E sem ter nada de geito,

São mais que todas geitosas.

De pestanas se guarnecem,

Cujas bem agudas pontas

Em competencia de bellas

Se topaõ humas com outras.

Maçans vendia seu rosto,

E flores mui preciosas;

Sendo barata de tudo,

He só mui cara de rosas.

Naõ lhe fallo nas orelhas,

Porque temo, que lhas comaõ

Por rosquilhas de alfenim,  
Algumas destas gulosas.  
Do nariz não sey que diga,  
Mas sey, que a dita senhora,  
Esteve muito arriscada  
Por hum trinco a ir a Roma.  
Com boca, beiços, e dentes  
Encanta, suspende, affombra,  
Todos deixa boca aberta,  
Se acerta de abrir a boca.  
Bem no remate da cara  
Adrede mysteriosa  
Faz huma cova, onde a graça  
Junta com o riso mora.  
Tem de crystal a garganta,  
E desce tão vagarosa,  
Que dentro em mui breve espaço  
A vista a traspassa toda.  
As mãos não são de papel,  
Que aquellas pequenas folhas  
Deixaõ de ser de açucena.  
Por serem flor de Lisboa.  
Os pés por carta de menos  
Sempre perderaõ na polha,  
Nem já mais fizeraõ vaza,  
Posto que levaraõ fota.



Esta pois filha do rio

( Porque nessas aguas proprias  
Melhor será, que outro dia  
Refresquemos as memorias )

Teve hum encontro com Febo,

Essa deidade lustrosa,  
Que nas balanças do Ceo

O ouro peza sem conta,

Mas ella, que a gravidade

Antes vendia ás arrobas,

Agora com todo o corpo

Naõ era mais que huma onça.

Porém Apollo á porfia

A alcançalla se esforça,

E largando ao coche as redeas,

Corria á redea solta.

Ella, que se vio perdida,

Desmayada, e quasi morta,

Contra Apollo em alta voz

Logo as deidades invoca.

Acodi, deusas supremas,

Naõ consentais minha affronta;

De quem me quer deshonrar

Como posso e perar honra?

Em arvore me muday,

E seja por graça vossa

Das que dão folhas sem fruto,  
Porque me conserve em folha.  
Nisto Apollo, que chegava  
Como jogador da bolla,  
E indo bollando com ella,  
Logo em louro se transforma.  
Ficou de vella perdido;  
Quando nos braços a toma,  
Deo com a luz pelas paredes,  
E varreo com Sol as moutas.  
Fez trinta mil labirintos,  
As iras do Ceo provoca  
A' morte, e ao pé do loureiro  
Feito hum caõ chamava á cova.  
Quem haverá, que tal crea,  
Ou que tal affirmar possa!  
Apollo o não pode crer,  
E a Daphne assim falla agora.  
Tu es, lhe disse, tu foste,  
Tu serás, como tu foras,  
Hum *sum, es, fui* em pedaços  
Lançou pela boca fóra.  
Cançado de chorar tanto,  
Em mares os olhos volta,  
Donde mergulhando as luzes,  
Surge de manhã de rosas.

Visitaraõno as deidades

Feitas ameijoas, e ostras,

E amor, que nas aguas arde,

Vinha feito hiuma lagosta.

Differaõlhe cousas raras,

E amor, que o peito lhe exhorta,

Lhe deo, invidando o resto,

Mil ligoens de maço, e mona.

Apollo, Apollo, lhe disse;

Porque agonizas, que choras?

Por dita de guardar vacas

Te fizeste vaca loura.

Dorme o teu sono quieto

Entre Tropicicos, e Zonas,

Anda em caminhos do Ceo,

Que tudo o da terra he sombra.

Daphne ja nas Convertidas

Tem professado de Monja,

Porque lhe veyo por casta

O que vem ás mais por loucas.

Como Jupiter teu pay

Só venera a tua esposa,

Ordeña, que os rayos seus

Naõ toquem no pao da nora.

Marte tambem por honralla

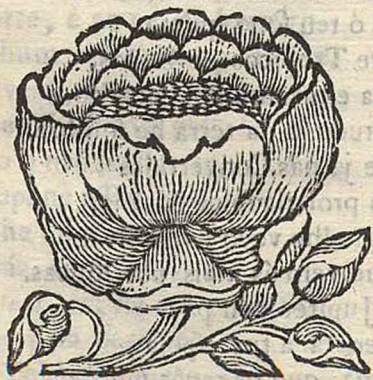
De seus ramos se coroa,



Quando elle as victorias dá,  
Ella he a que dá as glorias.

Disse , e logo , como hum rayo  
Elle , e os mais compatriotas,  
Porque Apollo descançasse,  
Se foraõ pelas escorvas.

Isto passou na verdade,  
Assim como aqui se conta,  
Foy esta a historia de Apollo,  
Que eu naõ sou hom. m. de historia.





## A' FORMOSURA DE MARCIA

## ROMANCE.

**S**I escucho Marcia la dulce,  
 Si miro Marcia la bella,  
 Es basilisco a mis ojos,  
 A mis ouvidos sirena.  
 Siquea su beldad rara,  
 Su placida voz saquea  
 Un alma por dos ventanas,  
 Un coracon por dos puertas.  
 En su dulçura arrobado,  
 Arrobado en su lindeza,  
 No puedo verla al oirla,  
 Oirla no puedo al verla.  
 Quando regala un sentido,  
 Otro sentido enagena,  
 Y ansi linda me ensordece,  
 Y ansi canora me ciega.  
 Es su melodia de Angel,

De Angel es su gentileza,  
Por hermosa estrella clara,  
Por dulce vocal estrella.

Hermosa quanto suave,  
Duplicado Sol se ostenta,  
Es luz Febea, a quien mira,  
A quien oye es luz Febea.

Encuentra un Cielo, quien mira,  
Y quien oye un Cielo encuentra;  
Es su voz celestial,  
Celestial su belleza.

Serenidad, y hermosura  
Iguales corren parejas;  
Serena su luz al ayre,  
El ayre su voz serena.

Entre el cabello, y la voz  
No puedo hallar competencia,  
Ella fina, y fino el,  
El es prision, prision ella.

Clara voz, y frente clara  
Tiene puesto en controversia,  
Si es mas serena la frente  
Si la voz es mas serena.

Quando flexa con los ojos,  
Quando con las voces flecha,  
Dos arcos de evano dobla,



Dobla dos arcos de perlas,  
Por su blandura, y blancura  
La garganta de açucena  
Es tan cyfne por de dentro,  
Como cyfne por de fuera.  
La mano blanca, y voz dulce  
Andan siempre en competencia,  
O' si es mas tierna la mano,  
O' si la voz es mas tierna.  
El pie con la voz compite  
Sobre quales mas recrean  
Los passos, con que ella canta;  
O los passos, con que huella.  
Esta la voz es de Marcia,  
De Marcia la beldad esta,  
Mas miento, que es mui mas dulce,  
Mas miento, que es mui mas bella.





MANDANDO AO INQUISIDOR  
Alexandre da Silva o Romance fei-  
to a Santo Antonio , que démos  
no terceiro Tomo.

R O M A N C E .

**E** Ste minimo Romance  
Em tudo vay submetido  
Aos poderes de Alexandre,  
E ás leys do santo Officio.  
Para que possa correr  
Tem pés mais de vinte e cinco,  
Dêlhe licença Alexandre,  
Se não fica á corrido.  
Vay composto em Castellano,  
Porque a Cancer parecido  
Quero ser , pois Cancer sou,  
Quero imitallo no estylo.

ao Inquisidor Alexandre da Silva. 93

Mas que Syra pareça,  
O que for bem advertido  
Neila achará mil louvores  
De Antonio , e mais do Minino.  
Como ando cego por elles,  
Tão louco , e tão presumido,  
Dou cacheiradas de cego  
Ao burlesco , e ao divino.  
Vós que sois o meu Mecenas,  
Poeta mais que Virgilio,  
Revelareis minhas faltas  
Com eu ser tão atrevido.  
Tenhais , Senhor , boas festas  
Com muito gofsto , e alivio,  
Se não forem de cavallo,  
Sejaõ de pé , e andeis rijo.  
Não volas posso eu ir dar,  
Que desque entrou este frio  
Não posso pôr pé no chão,  
E mayormente em ladrilho.  
Que a perna , que Deos me deo,  
Como perna de marifco ,  
Ou perna de caranguejo ,  
Para traz anda comigo.  
Com este pé de cantiga  
Posso só , Senhor , servirvos,



E quero com este pé  
 Darvos materia de riso.  
 E que o Senhor Presidente  
 Esteja doente sinto,  
 Deos o fare , porque acabe  
 A festa com regozijo.



AOS DESPOSORIOS DO SERENISSIMO  
 Senhor Rey D. Affonso VI.

R O M A N C E.

*Dividido em tres partes.*

I. P A R T E.

Q ue ufano estará Cupido,  
 Hymeneo que arrogante?  
 Hoje mais luz deste a-facha,  
 Hoje a daquelle mais arde.  
 Mais luz huma , arde mais outra,  
 Porque ambas vem a occuparse  
 Nos mais luzidos esposos ,  
 Nos mais ardentes amantes.  
 Affonso, aquelle, que reyna  
 Com mil accoens singulares,  
 Mais entre os Reys por virtudes,  
 Que entre os vassallos por sangue.

M  
 Cuja



Cuja heroica valentia,  
 Real liberalidade,  
 Para ser papel de Affonso,  
 Foy ensayo o de Alexandre.

Em cuja fronte eminente,  
 Em cuja mão fulminante,  
 Se vê de balde a coroa,  
 O sceptro se vê de balde.

Pois faz da frente , e da mão  
 A senhoril gravidade,  
 Que huma baste por coroa ,  
 E que outra por sceptro baste.

Cuja magestade he tanta,  
 Que regendo as quatro partes,  
 Faz que fique a Monarquia  
 Menor do que a Magestade.

A cujo merito raro  
 Não fora Imperio bastante  
 Mandar tantos universos,  
 Quantas domina Cidades.

## II. P A R T E.

**M** Aria aquella belleza,  
 Por quem as que julgou Paris,  
 Tres Furias parecerião,

Bem que foraõ tres deidades.

Taõ bella , que sendo amada

Mais que nenhuma o foy antes,

Parece amada mui pouco,

Por ser muito mais amavel.

A cujo louro cabello,

A cuja encarnada face,

Paga tributo a Coroa,

A purpura vassallagem.

Cuja fronte mais que humana,

Faz que ao Monarca mais grande

O amor com dous olhos cegue,

O Sol com dous arcos mate.

Taõ discreta , que parece,

Que nella veyo a ajuntarse

Com mais do que Venus brilha;

Mais do que Minerva sabe.

Em fim digna de que Affonso

Sobre trofeos taõ notaveis

Se preze mais de vencido,

Que se prezou de triunfante.

E digna de mayor Reyno,

Se póde mayor chamar-se,

Que aquelle , onde está Maria,

Que aquelle , onde Affonso cabe.

Estes Augustos sujeitos

IV. Part. G Con

Com chãmas, e vodas fazem,  
Que amor mais se vanglorie,  
E que Hymeneo mais se jacte.  
Tanto os dous se ensoberbecem,  
Que naõ sey como se engastem  
Em corpos de dous mininos  
Soberbas de dous gigantes.  
Porém sem razaõ presumem,  
Pois tem nesta gloria parte,  
Mais que Hymeneo cada esposito,  
Mais que amor qualquer amante.  
Alternamente renderaõ  
Cada qual as liberdades,  
Sem de amor, ou de Hymeneo  
Intervir ou força, ou arte.  
A fama os venceo, e unio,  
Por final, que com cansarse,  
Dizendo encarecimentos,  
Naõ pode igualar verdades.  
Pelos ouvidos se viraõ,  
E bem que muito faltasse  
Para se ver os excessos,  
Ouviraõse as igualdades.



III. P A R T E.

**O** H nasça , excelsos confortes,  
Hum filho , que vos retrate,  
Que excederá seus avós ,  
Quando com seus pays iguale.  
Em seu feliz nascimento  
Se mostre o Ceo taõ affavel,  
Que a Jove emule Saturno,  
Que a Venus compita Marte.  
Juno com leyte do Ceo  
Lhe dê sustento suave,  
Qual outro Alcides o crie,  
Pois de outro Jupiter nasce.  
O deos das armas o vista,  
O neto do mar o emballe,  
As tres Graças o festejem,  
As nove Musas lhe cantem.  
Cresça o ditoso minino  
Mais no valor , que na idade,  
E lendo os trofeos de Affonso,  
Nos de Cesar naõ repare.  
De seu avô Joaõ Quarto  
Lendo as façanhas notaveis,  
Sobre lhe louvar o esforço,  
IV. Part. G 2 A

A forte lhe não desgabe.  
 Chegue a ser Hercules novo  
 De seu pay sublime Atlante  
 Só para ter companhia,  
 Não por ter necessidade.  
 E vós, Augustos esposos,  
 Por quem já podem contar-se  
 Dez os heroes da fama,  
 Outro do mundo os milagres.  
 Vivey com tanta concordia,  
 Com toda a felicidade,  
 Mais que aquella ave do Ceo,  
 Que parece Sol das aves.  
 E perdoay os defeitos  
 Das Musas, que vos applaudem,  
 Que ellas são imitadoras,  
 E vós tois inimitaveis.





EM LOUVOR DE S. SENHORINHA  
Portugueza.

LOA.

**N**oble scena un Raton pobre  
Como aquel, que Horacio pinta,  
No es mui ridiculo parto  
De una preñez bien altiva.

A vuestra scena un Raton  
Viene con su figurilla,  
Que a las scenas los ratones  
Ellos por si se combidan.

Vós pues, gente estraña, y propria,  
Que toda sois peregrina,  
Vós galanes, y vós Damas,  
Digo vós Faunos, y Ninfas.  
Vós casadas, vós solteras,  
Viudas, rapazes, niñas,  
Mas baste, que un Raton noble



No repara en niñerías.

Oid del Raton un rato

La Loa más exquisita;

Es cosa del otro mundo,

Que al fin es de la Bahía.

Sus mercedes mucho callen,

Sus mercedes nada digan,

Pues mas urbana mi Musa

Se lo pide en cortezia.

La Loa pues se confagra

A una Santa esclarecida,

Por sua sangre Señoraça,

Por su virtud Señoriña.

Venció , naciendo de Condes,

Su virtud a sua familia,

Santa fue por excelencia,

Fue noble por Señoria.

Si deseais su retrato,

Hallareis , que parecia

La más linda entre las Santas,

La más santa entre las lindas.

Todo esplendor su cabello

Con corona repetida,

Quando por bella le adorna,

Por santa la canoniza.

Luzia un Alba en su frente,

Qu<sup>e</sup> deshecha en perlas finas,

A la beldad se llorava,

A la virtud se reia.

Miente quien al de la vieja

Arco del Cielo appellida,

Porque los arcos del Cielo

Son dos cejas desta niña.

Un Sol dormia en sus ojos,

Ya cansados de vigalias,

Mas el Cielo madrugava,

Quando a la tierra dormia.

Como si fuera virtud,

La nariz en medio habita,

Mas haze al medio del rosto

Extremo de bizzarria.

Candidas, y vergonçosas

Las flores en sus mexillas,

Quando virtudes mezclavan,

Hermosuras confundian.

No puede la virgen rosa,

Viendo su boca divina,

Ni por rosa, ni por virgen

Dezir: Esta boca es mia,

Porque su diyina boca

A la rosa, que más brilla,

Si reza, en un credo mara,

Si calla, en un punto abisma.  
 He un gyrafol de nieve  
 Su cuello, que Pharo embidia,  
 Pues siempre al Cielo se eleva,  
 Aun quando al suelo se humilla.  
 El numero de crystales,  
 Que sus bellas manos cifran,  
 Si ay dedos, porque se cuenten,  
 No ay manos, porque se midan,  
 En qualquiera cosa, que entren  
 Estas manos crystalinas,  
 Si al entrar son assucenas,  
 Al salir son maravillas.  
 En poco pie mucha nieve  
 Toca la tierra inimiga,  
 Que poco a la tierra toca,  
 Quien mucho a la tierra piza.  
 Fin del retrato: Laus Deo,  
 Que la Musa, que me inspira,  
 En este mar de belleza,  
 Ya tomó pie de cantiga.  
 Un Conde de Real sangre  
 Su hymeneo sollicita,  
 Mas si el busca matrimonio,  
 Orden ella pertendia.  
 Con Dios quizo desposarse,



Fuessa a ser Monja Benita,  
Para hazerse despues negra  
De quien antes fue cautiva.

Junto al Ave , illustre rio,  
A su Jesus se dedica,  
Que mucho buscasse al Ave  
Quien adorava a Maria.

En este jardin del Cielo  
Hizo sus flores más ricas,  
Jasmin solo en los demásoyos,  
Rosa solo en las espinas.

De una flor en otra flor  
La Santa se convertia,  
Era clavel en la sangre,  
Perpetua en la disciplina.

Del Ave al Basto passó,  
Con que dós rios se miran,  
Tan perennes com su fama,  
Como claros con su vista.

De las tierras , de las aguas,  
O' mi rio , ó patria mia,  
Por tal suerte , e por tal Santa,  
Nó eres Basto , eres Manilla.

Los milagres , que aqui hizo,  
Es bien que un Raton los diga,  
Porque quando los numera,

Entonces los ratifica.

Mas qual primeiro ha de ser?

Eslo lo dize la egnima,

Sea de harina el primero,

Porque *ore-mus est farinam.*

Harina para el sustento

Le faltava a Señoriña,

Y haziendo harina tan buena,

Fue faltarle lo que hazia.

Los ojos puso en el Cielo,

Y como tienen dós niñas,

Que como dós niñas lloran,

Como dós viejas hechizan.

Oyo sus lagrimas Dios,

Y llamando jerarchias,

Ordenó, que los salvados

Se occupassen con la harina.

Los Angeles la sirvieron

Moliendo, mas sin fatiga,

La harina, que deseava,

Con el agua, que vertia.

Mis sacos de harina llenos

Dios le dio, que ella pedia,

Que Dios sabe dar a sacos,

Los hombres a sacos quitan.

Vaya prodigio segundo,

En que la Santa castiga  
La ranas por dizidoras,  
Y por dizidoras frias.  
Entre ratones , y ranas  
( Homero lo testifica )  
Huvo una batalla griega,  
Sin armas , mas con heridas.  
La guerra a dos elementos  
Occupava , pues se hazian  
Por el agua las entradas,  
Por la tierra las salidas.  
Nós por agua , ellas por tierra,  
Ya con suerte , y con desdicha,  
Las poniamos de lodo,  
Y el polvo nos sacudian.  
Com más tierra, y con más agua,  
Por instantes foccorrian  
Ratisbona a los ratones,  
Y Venecia a las ranillas.  
Vencimos tandem , y con esto  
A batalla tan reñida  
Lleve el agua rio abaxo,  
Eche el campo tierra acima.  
Sabiendo pues nuestra Santa,  
Por sua mucha Astrologia,  
( Que desde muchacha siempre



Puso en el Cielo la mira )

Que un Raton mui su lacayo

Oy a loarla venia,

Brindando , y no sin razon.

Con su gracia a vuestra riza.

Las ranas emmudecio

De ratones inimigas,

Porque rezando ella baxo

Ellas recio respondian.

Calló la torpe canalla

Con ronca , y sin valentia ,

Musica si , mas no dulce,

Lavada si , mas no limpia.

Del agua al vino me passo,

En la tercer maravilla,

Bien que no es el vino aguado,

Porque es pura Señoriña.

Viendo al agua tan culpada

Nuestra Santa peregrina,

Quizo transformarla en vino

Solo para convertirla.

Vino al vino mui debota

La sed con hydropesia,

Bevalo por almudes,

Tomavalo por reliquias.

Mil vezes obró el milagro

Quando vino no tenia,  
Y de la fuente de Basto  
Hizo fuente de la *Pipa*.  
Era el vino milagroso,  
Pues para la eterna vida  
Los varones se arrobaron,  
Las mugeres se encendian.  
Con mui grande promptitud,  
Y con mayor alegria,  
La servian ambos sexos,  
Mas a secas no servian.  
Siguese el quarto prodigio,  
Mas dexemos esta lista,  
Que pues los haze sin numero,  
Sin numero se repitan.  
A un ciego, que a su sepulchro,  
Si no le vè, le visita,  
Concedio vista tan clara,  
Que a los ojos se venia.  
Sana un mudo, sana un sordo,  
Y con doble maravilla  
Pone la boca en la oreja,  
Pues una suelta, otra libra.  
Sana coxos, sana mancos,  
Con celestial medicina,  
Y los dexa tan contentos,

Que



Que dan de patas arriba,  
 Con su tierra haze milagros,  
 Y más que la tierra misma,  
 Que puede hazer con el Cielo  
 Quien con la tierra dá vida?  
 Sana todos los enfermos,  
 Muchos muertos resuscita,  
 Dá mil hijos a mugeres,  
 Mejor les diera mil hijas.  
 Los hydropicos, los prezos,  
 Mas baste, porque no digan,  
 Que ratones a las ranas  
 En ser parleros imitan.  
 Demás, que ya mi memoria  
 De mi sustento impedida  
 Vá quedando a buenas noches,  
 Con el queso destes dias.  
 Oy pues consagro a la Santa  
 La Comedia, que publica:  
*Solo el piedoso es mi hijo,*  
 Porque la Santa es mui pia.  
 Y vós, huespedes sublimes,  
 A cuya gran hidalguia,  
 Todas las fiestas son justas,  
 Porque todas son devidas.  
 Vós, que en el bruto más fiero

A la gineta, a la brida,  
 Ostentais dichosamente  
 Ser maestro de dos filhas.  
 Vós, cuya varonil gala  
 En cada qual nos avisa  
 O' que Jacyntho no es muerto,  
 O' que Adonis resulcita.  
 Mis deseos perdonad,  
 Però vós, ó gente mia,  
 Que pudiereis ser de Roma,  
 Mais que de Basso patricia.  
 Mis aciertos applaudid  
 Porque sin culpa, y con dicha  
 Unos perdones me lluevan,  
 Otros las gracias me rindan.







A D. MARIA DE MENEZES,  
 a quem nasceo hum dente depois de  
 velha , quando já não tinha  
 nenhum.

R O M A N C E .

**E**M vós , melhor , que em ninguem,  
 Se vê , Senhora , cumprido  
 O adagio , que diz dos velhos  
 Saõ duas vezes mininos.

Depois que vos fez a idade  
 Taõ ermitaens os carrilhos ,  
 Que não dais dente com dente,  
 Posto que tremais de frio .

Depois que vos poz o tempo  
 Cada queixo taõ varrido,  
 Que sobre pagar os altos,  
 Paga os baixos de vazio.

Entaó vos nasce , oh milagre !  
 Entaó vos sahe , oh prodigio !

Hum dente taõ consummado

N'hum queixo taõ consumido.

Trazello por fruta nova

Nesta boca determino,

Que bem que nasceo do tarde,

He fruta nova o dentinho.

Vós sejais muy bem chegado,

Vós sejais muy bem nascido,

O' raro Fenis dos dentes,

Que tendes na cova ninho.

Dizem fois do fizo dente,

Mas nesse lince entendido

O dente muito tardou,

Apreffouse muito o fizo.

Que lhe estais muito mal dizem,

Mas eu naõ creyo esses ditos,

Pois naõ lhe deve estar mal

O que lhe vem taõ nascido.

Ha diversos pareceres,

E cuido, que tenho ouvido,

Que naõ lois muito Menezes,

Sendo de Menezes filho.

Mas eu singular vos chamo,

Unico vos appellido,

Que fois hum só digo sempre,

Que naõ ha mais sempre grito.

Por seres ultimo parto

De mais amor, de mais mimo,  
Chamar Beijamim vos quero,  
Bem que dê por esses tribus.

Mas vós, boca a mais fecunda,  
Que depois que o tempo iniquo  
Vos tirou mil perlas netas,  
Huma bisneta haveis tido.

Produzi mais, que eu vos juro,  
Tendo vós mais, sim por Christo,  
Levantareis os da boca  
A' mesma deosa de Gnido.

Podereis levar nos dentes,  
E mais isto farey rindo,  
Dos aljofares do Ganges  
Bem que saõ de concha bichos.

Sereis outra vez amada,  
Sereis, contrarios unindo,  
Amiga velha no amar,  
Amiga moça no pico.







AO SENHOR CONDE DE S. JOAM,  
e Marquez de Tavora.

R O M A N C E.

**I**lustre, famoso Conde,  
Cuya valerosa espada,  
Vençe como Portugueza,  
Corta como Toledana.

Vós, que assombro de la Iberia,  
Y gloria de Lusitania,  
Dais cuidado a la fortuna,  
Sois desvelo de la fama.

Cuyos invencibles hechos,  
Cuyas acciones preclaras,  
Passando de los deseos,  
Exceden las esperanças.

Vós, cuya illustre nobleza,  
Es tan sublime, y tan alta,  
Que la pluma de mas buelo,  
La venera, y no la alcança.

Vós, que a pezar de la embidia,  
IV. Part. H 2 Sois

Sois con preeminencia hidalga,  
Señor por naturaleza,  
Grande por antonomasia.  
Vós, que discreto, y valiente,  
Vinculais la consonancia  
De hazer belicas las letras,  
Y scientificas las armas.  
Permittid, que en estos rasgos,  
Que affectuosa os consagra  
En mal formados conceptos  
Bien nascida confianza.  
Bosquexe un retrato vuestro,  
Pues es la idea tan rara,  
Que puede la novedad  
Ser disculpa de la audacia.  
Por vuestra cabeça empieço,  
Que es, señor, tan cortezana,  
Que gasta veinte sombreros,  
En quanto dura una capa.  
Sois mas que Sanson valiente,  
Y el cabello lo declara,  
Pues os queda, aunque le corten,  
Valentia gratis data.  
La frente, que es la mejor,  
Que haze frente, quando marcha,  
Si le oppone frente a frente,

No ay quien falga cara a cara.  
Sentinelas son los ojos,  
Y con tales atalayas  
Ocioso vive el disvelo,  
Segura está la campaña.  
Por valientes de la hoja  
Tan a lo soldado campan,  
Que si el mirar crudo es moda,  
Andar rasgados es gala.  
La nariz, guardenos Dios,  
Que le llegue la mostaza,  
Porque qualquiera estronudo  
Suena con cambray, y olanda.  
Por valientes las mexillas  
Merecen bien vuestra gracia,  
Pues siempre estan peleando  
En blanca, y roxa batalla.  
La boca, sin ser de fuego,  
Tanto affombra las contrarias,  
Que con el color de Tyro  
Haze officio de granada.  
Tan bizarro aliento tiene,  
Que qualquiera, que os enfada,  
Al punto se queda muerto,  
Solo con quitarle la habla.  
Vuestra barba es mas temida



Que algunas mas respetadas,  
Pues, si mostrais barba teza,  
A muchos tiembla la barba.

Siendo de tan pocos años,  
Es de tantas esperanças,  
Que por lo fuerte, y prudente  
Nos parece barbacana.

No dá la edad perfecciones,  
Meritos dan las hazañas,  
Por esto, siendo tan joven,  
Soys el Padre de la patria.

Anda a pecho descubierto  
Vuestro pecho entre las balas,  
Y porque las toma a pechos,  
Muy buenos pechos nos pagan.

Vuestras espaldas sin duda  
Que vos la teneis guardadas,  
Porque vuestros inimigos  
Nunca os vieron las espaldas.

Los braços son por lo suerte,  
Dós mosquetes de Biscaya,  
Y basta qualquiera dellos  
Para romper muchas mangas.

Testigos son los contrarios,  
Pues a su pezar declaran,  
Que no os cuestan las victorias,

Mas que intentar las batallas.  
Sois tan liberal de manos,  
Que ellas ya de puro francas  
A los pobres inimigos  
Dan sin reparo las cargas.  
Por esso el Cielo permite  
Que por galardón os nascan  
De las manos las victorias,  
Si de los pulsos las palmas.  
Todos siguen vuestros pies,  
Mas nadie se le adelanta;  
Porque fundan sus acciones  
En seguir vuestras pizadas.  
Galan sois a todas luzes,  
Y el commum applauso os llama  
El Adonis de la Corte,  
Y el Marte de la campaña.  
Diganlo, Señor, los toros,  
Quando en la festiva plaza,  
A los que eran mas leones,  
Hizisteis tremer quartanas.  
Sin duda en aquella tarde  
De embidia, Señor, estava  
El demonio en Barrabas,  
Y el diablo en Cantillana.  
Angel por tan gentilhombre

Los soldados os acclaman,  
Porque es siempre vuestro cuerpo  
El mejor cuerpo de guardia.  
En fin sois todo unas flores,  
Pues se logra en vuestra gala  
Por la Pascua, y por San Juan  
Buen San Juan, y buena Pascua.  
Oy si quereis darnos todo  
Con estas pazes de Hespaña,  
Hagamos las pazes oy,  
No aguardemos a mañana.  
Pues si vienen tan a pelo,  
Y tiene un pelo la calva,  
Valgamonos de lo breve,  
Porque el breve tiene gracia.  
Las Historias nos enseñan  
Que esto de guardar palavra,  
Ojos que lo vieron ir,  
No lo veran mas en Francia.  
Si los Hespañoles ruegan,  
Quando los Franceses faltan,  
Mas vale ruego de buenos,  
Señor, que salto de mata.  
Y si solamente al son  
De su conveniencia baylan,  
Porque han de ser las firmezas



Tributo de las mudanças?

Ellos dizen , que nos tienen

Metidos en una jaula ,

Porque simples paxarillos

Solo con liga se caçan.

Pues , Señor , si es tan penoso

Traer ligas apertadas ,

Y es esto de andar con ligas

Señal de salud muy mala.

Desatemos este ñudo ,

Porque es culpable desgracia ,

Que sea nuestro el trabajo ,

Siendo suya la ganancia.

Ajuste-se paz tan linda ,

Antes de dar cuenta larga ,

Porque la mas cierta cuenta

Es dar la cuenta ajustada.

Si este es el fin , a que aspiran

Las mayores esperanças ,

Que fin mas dichoso espera

La gloria de vuestras armas?

Y si vos por ser tan grande ,

Todo os sobra , y nada os falta ,

Bien puede echarse a dormir

Quien cobró tan buena fama ,

Venga esta vez el valor

Toda la desconfianza,  
 Pues es qualquiera rezelo  
 Agravio de vuestra espada.  
**Lo** demas diga el silencio,  
 Porque quien mas os alaba,  
 Poco explica en lo que dize,  
 Mucho dize en lo que calla.  
**Vivid** pues edades muchas,  
 Y llegue el numero a tantas,  
 Que, por ser cuento de cuentos,  
 Paresca historia el contarlas.  
**Tenga** la Parca un buen gusto,  
 Y exceptue a su guadaña  
 Una vida, en que grangea  
 El mayor nombre de Parca.  
**Y** perdonad a mi Musa,  
 Que ya, Señor, de cançada,  
 Por echarse à buena sombra,  
 Besa humilde vuestras plantas.





AO SERENISSIMO SENHOR REY D.  
Affonso VI. matando em Salvaterra  
hum javali.

R O M A N C E.

**V**ingou-se a gala do horror,  
Alto Affonso, invicto Heroe,  
Mortal estrago das feras,  
Grata caricia dos homens.  
Vingou-se do horror a gala,  
Porque o javali disforme,  
Que foy de Adonis triunfante,  
Vencido ficou de Adonis  
Vós, Adonis Lusitano,  
Naõ menos bello, e mais forte,  
Fazeis que alegre, e que triste,  
Venus ria, e Marte chore.  
O rayo da vossa espada,  
Que excede ao rayo de Jove,  
Bem como ao Leaõ no campo,  
Prostra ao javali no monte.

Foy



Foy taõ fatal a ferida ,  
Que nas entranhas enormes  
Entaõ mais se ostenta o ferro,  
Quando o ferro mais se esconde.  
Fulmina o golpe ainda,  
Mas naõ tinha o bruto aonde ;  
Se huma morte se logrou,  
Esperdiçouse outra morte.  
Desmedido, e copioso  
Cahe o bruto , o sangue corre,  
Mas naõ enche ao golpe o sangue,  
Mas excede ao bruto o golpe.  
Morre o bruto, e morrem quantos  
Encerra o tremendo bosque,  
Qual do medo de quem mata,  
Qual da inveja de quem morre.  
Foy inda morto invejado  
Na fausta , se dura morte,  
Pois perdendo a humilde vida,  
Achou hum perpetuo nome.  
O seu nome entre as façanhas  
Se venera superiores,  
Com que mais de hum orbe occupa  
Quem domina mais de hum orbe.  
O golpe applaudio Lisboa,  
Mas entre as festivas vozes

A terra em lagrimas banha,  
O Ceo em suspiros rompe.

De vos ter ausente nascem

Estes Etnas, estas fontes,  
Que em tantas lagrimas descem,  
Que em tantos suspiros sobem.

Mil dias ha, que vos chama,

Mil dias ! Erreylhe o nome,  
Pois ló no nome saõ dias,  
Mas na tristeza saõ noites.

Mereça pois vossa vista,

E o Sol, que a montanha esconde,  
Enxugue os olhos de perto,  
Naõ queime as almas de longe.

Se o monte assim vos agrada,

Vinde, Senhor, para a Corte,  
Que sem sahir da Cidade  
Podeis lograr sete montes.





## ROMANCE PASTORIL.

Por ecos.

**S** Ale al bayle de su aldea  
 Luzia con sus amigas,  
 Y aunque era luzido el bayle,  
 Solo Luzia *luzia*.

Con la embidia de sus ojos  
 Toda emulacion se rinda,  
 Mas que mucho, si es tan bella,  
 Que hasta la embidia la *embidia*.

A pezar de los luzeros,  
 Dos en su rostro traia,  
 Y de los otros la muerte  
 Causava su vista *vista*.

Grandes eran sus poderes,  
 Porque quando ella queria,  
 Con enseñar su hermosura  
 El mundo en un dia *bundia*.

A la conquista del bayle  
 Todo el valle desafia,  
 Pero ninguna como ella



En la conquista *conquista.*  
 Buscavala alguna falta  
 Una ferrana inimiga,  
 Mas en ella todo airoso  
 Por qualquiera via *via.*  
 Quando salia a bailar,  
 Con tal donaire le hazia,  
 Que dexava el alma entonces  
 Con su partida *partida.*





LOA PARA LA COMEDIA, CUYO  
 titulo es *Triunfo de la humildad*, *La soberbia*  
*castigada*, que se representó en la eleccion  
 de la Señora D. Luiza de Tavora en Ab-  
 badeça del Real Convento de Santa  
 Clara de la Villa de Conde.

R O M A N C E.

**Y**O la bizarra Princeza  
 Del Macedonico Imperio,  
 En esfuerço mas que Palas,  
 En belleza mas que Venus.  
 Yo, que foy dos vezes rayo,  
 Si enamoro, o si peleo,  
 Rayo de luz en favores,  
 En armas rayo de fuego.  
 Yo la que amo al mas humilde,  
 La que humillo al mas sobervio;  
 Dexando mi fiervo al uno,  
 Haziendo al otro mi dueño.  
 Mi dueño Conde Filippo,

Al Rey Trebacio mi siervo,  
 De aquel gloria, y deste pena,  
 De uno amor, y de otro miedo.  
 Quería ilustre Prelada,  
 De quien mas bienquisto veo  
 De querida el apellido,  
 Que de ilustre el epiteto.  
 Vós, en cuya regia estirpe  
 Texidas vê, logra insertos  
 Mil purpuras en la sangre,  
 Y en tronco iguales los ceptros.  
 La que hazeis con rigor dulce  
 Benevolamente austero,  
 Que os respete el amor mismo,  
 Que os ame el mismo respeto.  
 Lince de la discricion,  
 De la prudencia modelo,  
 De la virtud Oceano,  
 De la perfeccion compendio.  
 Cuya eleccion mas que justa,  
 Con uniforme consenso  
 Ni puso al amor en vandos,  
 Ni en dudas puso al acierto.  
 A vós, Confessor insigne,  
 En cuyas letras contemplo,  
 O' que Tulio ha renascido,  
 IV. Part. I O' que



- O' que Escoto no se ha muerto.  
**A** vós, Prelado famoso,  
 En quien admira lo attento,  
 Un Demosthenes Christiano,  
 Un Chrysologo moderno.  
**A** vós, Vicaria celeste,  
 Aquien los Angeles dieron  
 Con la beldad del renombre  
 La blandura del sugeto.  
**A** vós, Astros de Francisco,  
 A vós, de Clara luzeros,  
 Que haziendo el Cielo mas pardo,  
 El Cielo hazeis mas sereno.  
**A** todos vós, a vós todas  
 En una Comedia offresco  
*De la soberbia el castigo,*  
*De la humildad el trofeo.*  
 Deviera incluir su loa,  
 Pues lo pide el argumento,  
 De aquella virtud primores,  
 Y de aquel vicio defectos.  
 Mas solo será del Sol,  
 Que haze Cielo este Convento,  
 Porque dedique la loa,  
 A quien dedico el enredo.  
 Honrando ( amada Luiza)

En vuestras prendas mis metros,  
 No se agravia no el assumpto,  
 Antes se logra el intento.

Porque consagraros loas  
 Sin controversia es lo mesmo,  
 Que a la virtud dar encomios,  
 Que hazer al vicio desprecios.

En si, y en vós las virtudes  
 No las distingue mas, que esto,  
 Que en si viven en abstracto,  
 Y en vós estan en concreto.

En si nó las miro unidas,  
 En vós juntas las venero,  
 En si cada qual es una,  
 En vós cada qual un ciento.

Luego mas que bien se sigue,  
 Que quando a vós os celebro,  
 Todas las virtudes loo,  
 Todos los vicios offendo.

Vuestra pues será su loa,  
 Los reales descriviendo,  
 Que son vuestros por ser suyos,  
 Que son suyos por ser vuestros.

Consentidme pues que logre,  
 ( O' Senado el mas supremo )  
 En vuestro oido mi dicha,

Su applauso en vuestro silencio.  
Quando el Indiano más rico,  
Sus thesoros exponiendo,  
Pezava los hilos de oro  
En las balanças de argento.  
Nació de sangre de heroes,  
Para elmalte de dos Reynos,  
La gloria del Lusitano  
En la patria del Ibero.  
Veis el coraçon luzido,  
Del azul dorado cuerpo,  
Que le calienta en el todo,  
Que le palpita en el medio?  
Pues assi como el Sol claro,  
Dos patrias ennobleciendo,  
Tiene en el Cielo su Aurora,  
Y su tierra tuvo en Delo.  
Assi el Sol destas estrellas,  
El coraçon destos pechos,  
Tiene el Cielo en Lusitania,  
Y en Castilla tuvo el suelo.  
Aqui vive, acollá nasce,  
Dando de la luz, que vemos,  
Al Hespañol los principios,  
Al Portuguez los progressos.  
Fuesse augmentando en belleza,



Como en edad ; pero miento,  
 No crecio con igualdades,  
 Descollose con excessos.  
 Más que en edad , en belleza,  
 Más que en belleza , en ingenio,  
 Más que ingenio , en virtud,  
 Que todo lo más es menos,  
 Virtud ingenio , y belleza,  
 Venciendo al tiempo ligero,  
 O le cortaron las alas,  
 O se vestieron mas buelos.  
 Contemplastes algun dia  
 En mar rico , en prado fresco  
 Dentro del boton la rosa,  
 La perla del nacar dentro ?  
 Pues como la rosa es rosa,  
 La perla es perla, aun teniendo,  
 Aquella el boton no roto,  
 Estotra el nacar no abierto ;  
 Assi la niña en belleza,  
 En virtud, y entendimiento,  
 Antes de tiempo fue rosa,  
 Y fue perla antes de tiempo.  
 Donde al mundo edificado,  
 Que el Portuguez deve al Griego,  
 Mucho monte es poca bala,

Cristal mucho es poco espejo.  
Donde, digo, está Lisboa,  
Con su bulto, y con su peso,  
Affombrando un Oceano,  
Siete Atlantes opprimiendo.  
Siete, que a machina tanta,  
(Si uno basta al Orbe immenso)  
No son grandes montes siete,  
Siete Atlantes son pequeños.  
El nombre de Anna ilumina,  
Riega de Francisco el zelo,  
De estrellas un paraíso,  
De flores un firmamento.  
En este jardin celeste,  
En este Cielo terreno,  
Do la pobreza está rica,  
Do el rigor vive contento.  
An año sexto de edad  
Se encerró la niña, haziendo  
Del amor la essencia quinta,  
De la edad el año sexto.  
A su amor parecio tarde  
Lo que a su edad fue tan presto,  
Porque en tan tiernos Abriles  
Afectos tuvo aun mas tiernos.  
Su blando JESUS seguia,

(No sin luz, pero sin yerro)  
 Bien como al Norte el iman,  
 Como al iman el azero.  
 Niña si, mas ya muy grande,  
 Fue su esposa antes de serlo,  
 Antes de serlo en tres votos  
 Fue su esposa en mil affectos.  
 Penitente su innocencia  
 Previno con raro acuerdo  
 El remedio antes del daño,  
 Antes de la mar el puerto.  
 En esta educacion sancta  
 Procedió con tal concierto,  
 Que tomando las doctrinas,  
 Repartia los exemplos.  
 Siete años servió muy fina  
 De Anna insigne al dulce nieto,  
 Nieto, mas primo en amores,  
 Primo, mas padre en consejos.  
 Deste Jacob fue Rachel,  
 Mas hallo en este seteno  
 A Jacob logrando siempre,  
 Y siempre a Rachel sirviendo.  
 Del Convento en fin se ausenta,  
 Porque era lugar estrecho,  
 A tal Fenis una Arabia,



A Sol tanto un hemysferio.

Lloróla toda la casa,

En quien con contrario effeño

Las lagrimas se quedaron,

Porque los ojos se fueron.

Segunda vez la vio el mundo,

Y tan loco de contento,

Que salia de su esfera,

Porque la via en su centro.

Fingio-sele mas hermoso,

Y tal joya en si teniendo,

Verdad hizo que acabasse,

Lo que empeño fingimiento.

Ufano quedó Cupido,

Quedó arrogante Hymeneo,

Este por hallar mas laços,

Por hallar aquel mas fuegos.

Ambos tener presumian

Redes mil, y mil incendios,

Los incendios en sus ojos,

Las redes en sus cabellos.

Mas ni Hymeneo, ni el mundo

Su resolucion torcieron,

Menos el amor profano,

Ni aun el amor paterno.

Quantas vezes le propuso

El valiente padre cuerdo  
 En la copia de sus prendas  
 De su casa los aumentos.  
 Que rigor, mas que cariño  
 Usó risueño, y severo,  
 Severo para doblarle,  
 Para atraerla risueño.  
 Mas la varonil donzella  
 Entre caricias, y ceños  
 Se mostró fuerte, y constante,  
 Ciega al terror, sorda al ruego.  
 Al fin salió vencedora  
 Del vil mundo, y padre excelso,  
 De Hymeneo, y de Cupido,  
 Amigos dos, dos opuestos.  
 Antes de enemigos quatro,  
 Pues tanta guerra le hizieron  
 Hymeneo, y padre amigos,  
 Como amor, y mundo adversos.  
 Mudó la cordera intacta  
 El pasto no, solo el puesto,  
 Porque en segundo ganado  
 Al pastor seguio primero  
 Catorze vezes quebrara  
 El Sol al toro corriendo  
 Mil luminosos rejonés,

En un estrellado cuello.  
 Quando del mundo la rueda  
 (Loco pabon) abatiendo,  
 Con mostrale los pies nudos  
 Le dexo los ojos ciegos.  
 Aqui donde esta gran Villa,  
 Por grande está pareciendo,  
 Mas que ser Villa de un Conde,  
 Ser Reyna de muchos pueblos.  
 Donde este edificio grande,  
 Por augusto , y por modesto,  
 Pone en question, dexa en duda,  
 Si es palacio, o Monasterio.  
 Donde está con quien le erige,  
 Quien le habita compitiendo,  
 Pues Regia sangre le habita,  
 Si le erige braço Regio.  
 Donde una ave buelta en rio,  
 Donde un rio en ave buelto,  
 Quiere en su cristal mirarlor,  
 Subirlo quiere en su buelo.  
 Vestió de Francisco el trage  
 Por mostrar , que iba attendiendo  
 Con el vestido de lana  
 Al sequito del cordero.  
 Visteis una parda nube ,



Que al bello Sol encubriendo,  
 En vez de darle sus sombras,  
 Recibe sus luzimentos ?

Pues el sayal en Luiza

Fue nube parda en Sol bello,  
 El no le afea lo lindo,  
 Ella le alinda lo feo.

Profesó ; mas que profigo,

Que profigo , fino tengo  
 La trompa de Homero, o Tasso,  
 La voz de Lino, o de Orfeo.

Ni de Propercio lo lizo,

Ni de Papinio lo crespo,  
 Ni de Persio lo acendrado,  
 Ni de Marino lo terso,

Ni de Camoés lo grande,

Lo comico de Terencio,  
 Lo valiente de Ronfardo,  
 De Gongora lo discreto.

Mas que importan , fino bastan

Para assunto tan selecto  
 Cien Gongoras, cien Marinos,  
 Cien Ronfardos , y cien Persios.

Cien Terencios , cien Papinios,

Cien Linos, y cien Propercios  
 Orfeos ciento, y cien Tassos

Cien Camoës, y cien Homeros.

O' quien me prestara aora

En cada voz un conceto,

En cada conceto un pasmo,

En cada pasmo un extremo,

En cada extremo un milagro,

En cada milagro un Cielo,

En cada Cielo un Apolo,

Y en cada Apolo mil Febos.

Mas pocos son a sus prendas

Mil Apolos, y mil Cielos,

Febos, extremos, milagros,

Pasmo, voces, y concetos.

A la mudez se remitta

Lo que no cabe en el verso,

Pues nacar breve en mal alta

Es en su loa mi plectro.

Oisteis ya de Timantes,

Aquel Pintor estupendo,

De Protogenes ventaja,

Y de Apeles paralelo.

Oisteis, que no ajustando

De un Rey triste el triste aspecto,

Poniendo un velo en su rostro,

Hizo un primor en su lienço?

Pues qual su pincel mi voz,

Mi silencio qual su velo,  
 Ni ella tal gloria celebra,  
 Ni el pinta tal sentimiento.  
 Velo el quadro, el lienço cubro,  
 Porque son igual empeño  
 Referir gloria tan alta,  
 Pintar tan grave tormento.  
 Pude dizir, qual fue niña,  
 Qual es ya mayor no puedo,  
 Que el Sol nasciendo se mira,  
 Mas desalumbra en creciendo.  
 Conoscase ( gran theatro )  
 Por lo novel lo provecto,  
 Bien como el Sol por la Aurora,  
 El gigante por el dedo.  
 Que si a su luz no me humillo,  
 Si a su grandeza me atrevo,  
 A tal Sol seré Faetonte,  
 A tal gigante pygmeo.  
 Mas si no me atrevo, escuso,  
 Pero si me humillo, espero,  
*De la soberbia el castigo,*  
*De la humildad el trofeo.*





PEDINDO A CADA HUMA DAS  
Freiras de Villa de Conde, danças para  
a procissão de Corpus.

REDONDILHAS.

**N** Aõ devia jantar, naõ,  
Nenhuma Freira, pois erra  
Quem trata do paõ da terra,  
Quando tem dos Ceos o paõ.  
Naõ se usem taes desarranjos,  
E pois que por mil maneiras,  
Saõ Anjos todas as Freiras,  
Tratem só do paõ dos Anjos.  
He das almas muy amigo,  
Este paõ maravilhoso,  
E entaõ he mais amoroso,  
Quando naõ he todo trigo.  
Em terra virgem nascido,  
Foy este paõ regalado,  
De agua de pranto regado,  
De fogo de amor cozido.

Divino paõ excellente,  
Que para mor abundancia  
Se faz carne por substancia,  
Sendo paõ por accidente.  
Em pouco paõ manjar muito  
O celeste trigo offerece,  
Pois quando se parte cresce,  
Pois quando paõ, he conduto.  
Por nenhum dinheiro he dado,  
Por nenhum preço offrecido,  
Huma vez só foy vendido,  
Huma só vez foy comprado.  
Mas ainda entaõ ficou,  
Por naõ ter interesseiro,  
O que vendeo sem dinheiro,  
Com dinheiro, o que comprou.  
Oh de amor divina traça,  
Oh de amor fatal excessõ!  
Que seja paõ de tal preço,  
E que seja paõ de graça.  
Este pois divino paõ,  
Paõ nosso de cada dia,  
Festeja nossa alegria  
N'huma gentil procissão.  
Vós Prelada cuja fama  
Gloriosamente retumba,

Donde

Donde o Sol tem berço, e tumba,  
 Donde se esfria, e se inflamma.

Vós, cuja prudencia rara,  
 Cuja rara compostura  
 Deixa toda a luz escura,  
 Faz Santa Clara mais clara.

Castro illustre, feliz astro,  
 Cujos nome tanto campa,  
 Que em letras de ouro se estampa,  
 Sobre folhas de alabastro.

Dareis com graõ bizzarria  
 Doze Apostolos fatais,  
 Mas se de Freiras os dais,  
 Seraõ Padres da apanhia.

Hum David fazendo danças  
 O Padre Confessor dê,  
 E já que taõ vario he,  
 Lhe ensine a fazer mudanças,

E vós Poeta divina,  
 E voz Musica serena  
 Que venceis a filomena,  
 Que triunfais da Caballina.

Vós de Santa Anna Maria,  
 Que com modo soberano  
 O nome furtais ao anno,  
 E furtais a luz ao dia.



Vós, que com gentil estudo,  
A ser rosas sem espinhas,  
Enfinais vossas sobrinhas,  
Sobrinhas primas em tudo.

Day com pompa soberana  
Do Egypto a bella Senhora,  
Das almas tão roubadora,  
Que bem parece figana.

Nynfa das almas prisão,  
Que por engenho, e belleza,  
Corpo sois da gentileza,  
Sois alma da discricião.

Vós Ignacia sempre illustre,  
Das Freiras graõ consultora,  
Que deixais sem luz a Aurora,  
Que deixais o Sol sem lustre.

Freira de altos pensamentos,  
Que sois com gentil decoro,  
Mais que Vigaria do coro,  
Vigaria dos casamentos.

Vós, que das amantes coroa,  
Pois bem mostrais retirada  
Ter sido boa casada  
Com ter viuva tão boa,

Day a gentil Magdalena,  
Pois fostes, minha Senhora,



- Algum tempo peccadora,  
 Mas em todo tempo bella.
- O** Padre Feitor não perde  
 Seu pasto em dar espadana,  
 Que se o prado não me engana  
 Não lhe pode faltar verde.
- E** vós Padre Capellaõ,  
 De quem se diz, e não mal,  
 Que posto que espirital,  
 Tambem fois filho de Adaõ;
- D**areis com lustroso alinho  
 Charamellas superiores,  
 Mas primeiro aos tangedores  
 Dareis lambedor de vinho.
- As** amantes ao divino,  
 Madres da porta galantes,  
 Podem dar feros gigantes,  
 De que fuja amor minino.
- Item** mais sem mais razões  
 Dem vacas bem folgadeiras,  
 Mas em mosteyro de Freiras  
 Fora mais facil dar boes.
- A** cifra das Graças tres,  
 Cujos rosto soberano  
 Si mata a lo Castellano,  
 Derrite a lo Portuguez.

A suspensão dos Poetas,  
 Jeronyma , cuja lyra  
 Por arcos de Apollo atira  
 De amor as douradas settas.

Visto ser taõ peregrina  
 Por graça, e por formosura,  
 Dará quem faça a figura.  
 Da famosa Catharina.

A Thefoureira , thesouro  
 De perfeiçoës estupendas,  
 Porque engasta ricas prendas,  
 Em o seu talento de ouro,

Dê com decentes concertos  
 Santo Esteuaõ sem soldados ;  
 Que nos seus olhos ralgados  
 Torne a ver os Ceos abertos.

A Mestra da Ordem destra,  
 Com brios, sem desfarranjos,  
 Dar pode huma gloria de Anjos,  
 Pois que de Anjos he Mestra.

A Meneses sublimada,  
 Prelada sempre excelente ,  
 Pelo amor inda presente,  
 Pelo cargo já passada,

Os ramos encarregamos,  
 E pedimos quando os der,

Que enfimem a florecer  
Suas virtudes seus ramos.

Dona Maria Coutinho,  
Cujo illustre nome voa  
Do Poente á parte Eoa,  
Onde o Sol tem tumba, e ninho,

Dê vestido de sayal,  
Com barba feita, e coroa  
Santo Antonio de Lisboa,  
Espelho de Portugal.

A Madre Dona Violante,  
Discreta, illustre, bem quista,  
Dará o grande Bautista,  
Da santidade gigante.

Dona Anna Bautista, grave,  
Astro da mais alta esfera,  
Para Cupido severa,  
E para Christo suave,  
Dará de Affis o portento,  
Que sendo com pincel grave,  
Do Crucifixo retrato,  
Tem a gloria no tormento.

A que todo o mundo espanta  
Por entendida, por vista,  
Madre Francisca Bautista  
Dará a Rainha Santa.



As duas Madres das rodas,  
Dos boys, ou dos namorados,  
Vós, que sois todas cuidados,  
Vós, que sois descuidos todas,  
Dança de espadas daraõ,  
Triunfando de todo o posto  
Mais com armaçoens do rosto,  
Que com espadas na maõ.  
E vós, ó Madre Adegueira,  
Cujó officio superior  
Póde, sem que gasteis cor,  
Fazervos córada Freira:  
Vós, que para render vidas,  
Cozendo com doce engano,  
Quando os pontos dais no pano,  
Dais nas almas as feridas,  
Day São Jorge com seu pagem  
Valeroso de tal arte,  
Que seja imagem de Marte,  
Qual vós de Venus imagem.  
Vós, galharda Provisora,  
De cujo celeste lume  
O mesmo Sol tem ciume,  
O mesmo amor se namora:  
Vós, por quem tudo se abraza,  
Nos dareis huma folia,

Pois para tal harmonia,  
Tendes as vozes de casa.

Vós, que na roda escutais  
De tão diversos sujeitos  
Já bem limados conceitos,  
E já bem sentidos ays :

Vós, Joanna Peregrina,  
Discreta, musica, bella,  
Nos olhos mui mais que estrellas,  
No rosto mais que bonina:

Vós, que com raro poder  
Descafastes hum casado,  
Que trocou, de vós prendado,  
Por hum Anjo huma mulher.

Mas a mulher entretanto,  
Que usais feitiços, murmura,  
Como se tal formosura  
Naõ fora o mayor encanto.

E vós, linda Marianna,  
Que passastes sem razeão  
Da Benta Religiaõ  
Para a Ordem Franciscana.

Vós, em quem Cupido lavra  
Tão pouco, e he tanto o primor,  
Que rompestes pelo amor,  
Por naõ quebrar a palavra.

Em cujo rosto amor preza  
Em cujos olhos reluz  
Graça, que dá vida, e mata,  
Senaõ de estrellas pirata,  
Bandolera de la luz.  
Pellas dareis, e taõ bellas,  
Que se a seu claro luzir  
O Sol quizer competir,  
Possaõ ter ao Sol as pellas.  
E vós, que servis na grade,  
Escutas autorizadas,  
Já depois de jubiladas,  
Cargos de menor idade.  
Se quereis merecer gabos,  
Day diabos dos farellos,  
Que tambem dos Anjos bellos  
Se fazem feyos diabos.  
E vós, ó gentil forneira,  
Que com poder soberano  
Ao coração mais ufano  
Pondes a paõ de padeira,  
Dareis a Mourisca á risca,  
E veremos desta vez,  
Que quem dá trigo tremez,  
Dá tambem dança Mourisca.  
Refeitoreira deidade,



Mil seculos de belleza  
 Em poucos annos de idade ,  
 Huma dança haveis de dar  
 De bugios com mil brios,  
 Mas se forem maos bugios,  
 Vos mandarey bugiar.  
 Moças da Communidade,  
 Que sois todas hum feitiço,  
 Que sois moças no serviço,  
 Bem que sois velhas na idade,  
 Dareis dança , e vaõ sem guia  
 De negras com tal primor,  
 Que furtando á noite a cor,  
 Dem mil invejas ao dia.  
 Se por estar em clausura  
 Negra côr naõ podeis dar,  
 Bem negras haõ de ficar,  
 Dandolhe a vossa figura.  
 Vós , em quem com graça leda  
 Reyna Abril , floresce Março,  
 Que sois damas de cadaço,  
 Se as Freiras damas de seda.  
 Particulares ufanas,  
 Que sabeis mais do que as cobra  
 Pois sois sifanãs nas obras,  
 Na dança sereis sifanãs.

E vós , ó Brites famosa,  
Clara em sangue , em obras clara,  
De Minerva inveja rara,  
Da fama empreza gloriosa.

Vós , cujo engenho poem rayas  
Ao juizo mais ufano,  
Guardareis da serpe o pano  
Com todas as mais altayas.

E para o anno , que vem ,  
Fareis outra procissão  
Com mayor ostentação,  
Com melhor Poeta. Amen.





C A R T A  
A H U M A M I G O D A N D O L H E  
novas de sua irmã  
R O M A N C E.

**P**Aulo, he tempo de escrevervos  
 O que contar prometti,  
 Porque nunca em minhas contas  
 Digais costume mentir.  
 Depois de já levantado  
 Daquella noite feliz,  
 Em que já na outra carta  
 Vos dey conta do que ouvi.  
 Daquella noite repito,  
 Que toda em pezo dormi,  
 Como *Francez* com caneca,  
*Genovez* com canequim.  
 A Aurora entre alegre, e triste,  
 Veste o Ceo de carmesim,  
 Como minina mimosa,



Que a hum tempo chora, e se ri.  
Quando ás janellas do rosto  
Hum breve postigo abri,  
E intentando levantarme,  
Torney logo a recahir.  
Acordey, e para a grade  
Mais duro que pedra vim,  
A quem não limou cinzel,  
Nem inquietou buril.  
Quando sahia de casa,  
Desmontava de hum rocim  
Hum gentilhomem, mas minto,  
Que não foy homem gentil.  
Era Christaõ, a Deos graças,  
Mas taõ galan, que entendi,  
Que ou não era morto Adonis,  
Ou tornava a resurgir.  
Com huma occulta propensão  
A recebello corri,  
Para jantar o roguey,  
Me offereci para o fer vir.  
Desfaceitou, e aceitou  
O cumprimento, que fiz,  
Dizendo a boca, que não  
Dizendo os olhos, que sim.  
Fomos em fim a jantar

Huns linguados senhoris,  
E ruivos de taõ bom pello,  
Que eraõ retratos de mim.  
Sem sal , porém naõ sem graça,  
Veyo pescada gentil ,  
Ovos , arroz , fruta , doce ,  
Tudo bom , nada ruim.  
Mas sobre tudo hum vinhete  
Mais que Poeta sutil,  
Mais fino do que hum amante,  
Mais vaiente do que hum Cid.  
Comemos sem descançar,  
Brindamos sem nos sentir,  
E fizemos taes extremos,  
Que deo contas o barril.  
Aturar naõ pode o moço  
Tanta festa a Saõ Martim,  
E com naõ beber por hum,  
Por nós ambos foy dormir.  
Fiquey com meu novo amigo,  
Como amigo de annos mil,  
Até que me quiz deixar ,  
Até que se quiz partir.  
Era irmaõ este fidalgo,  
( Vede de amor os ardis )  
De huma senhora celeste,

De hum terrestre Serafim,

Levoume comsigo á grade

Quando se foy despedir

Della , e doutra irmã bizarra,

Toda ceo , toda jardim.

Vi , porém se indignamente

Tal belleza referir,

Naõ mo deis , amigo , em culpa,

Pois ceguey tanto que a vi.

Huma soberana rosa ,

Antes estrella gentil,

Antes radiante Sol,

Porém pouco a encareci.

Vi Marianna peregrina,

Tudo tenho dito assim ,

Porque só ella ser póde

Bello retrato de si.

A seus cabellos , e resta

Luzimentos vem pedir

De Sofalla o ouro fino ,

E a prata do Potosi.

A seus olhos soberanos,

Que com incendio gentil

Da minha té saõ crysol,

Do meu coração Sol cris.

Por dar mortes , fazer roubos



Podem chamar por ahí  
De amantes coraçoens cova,  
De crueis ladroens covil  
Parece no bello rosto  
O bem tirado nariz,  
Qual Via Lactea no Ceo,  
Qual branco lirio em jardim.  
Naõ mostra perolas tantas  
Neste celebre zafir  
A gentil Alva, se chora,  
Como seus beijos, se ri.  
He seu collo mais nevado,  
Do que a branca flor de liz,  
Mas lustroso que crystal,  
He collo de graça em fim.  
A candida, e bella maõ  
Do mais custoso marfim  
Bem podéra triunfar,  
Porém naõ quer competir.  
Que vos direy do juizo  
Taõ sublime, taõ sutil?  
Se o rosto he mais que belleza,  
O engenho he mais que belis.  
Com que enfeite, com que gala,  
Brinca os conceitos, que diz!  
Oh que os naõ posso escrever,

Oh que os houvereis de ouvir,  
Fallámos hum pouco á grade,  
Que fortuna taõ feliz!  
Oh quanto entaõ degradada  
Foy a ignorancia dalli!  
Disse o quanto lhe queria,  
Mas ay, Paulo, que menti,  
Que o excessõ deste affecto  
Nem se alcança, nem se diz.  
Admittio minha vontade,  
E se naõ me engano, vi  
No espelho de seus olhos  
Mil favores trasluzir.  
Joguey, e perdi no jogo,  
Porém naõ fuy infeliz,  
Porque todo me ganhey,  
Quando todo me perdi.  
Neste descanso alguns dias  
Descuidado profeguei,  
Mui mais brando que bmoI,  
Mais alegre que hum jardim.  
Armarãõ se alguns estorvos,  
Com que mil penas senti,  
Porém penas em tal tempo  
Foraõ glorias para mim.  
Eu lhe agradeço o trabalho

A quem maltratarme quiz,  
 Pois se assim me deo tormento,  
 Tambem me deo gosto assim.

Hum cravo branco me deo,  
 Que na branca maõ gentil  
 Mudava de envergonhado  
 A cor branca em carmezim.

Tanto que cheguey do valle,  
 Valle! Mal disse: Jardim,  
 Com lagrimas de meus olhos  
 A meus olhos escrevi.

Mais pranto gastey, que tinta,  
 E quando ao papel no fim  
 Cobri de area miuda,  
 Mais que areas aguas vi.

Escrevi segunda vez,  
 Porém resposta não vi  
 Ha mil annos, que dous dias  
 São mil annos para mim.

Lembranças mil me acompanhaõ,  
 Não sabe a Musa o que diz,  
 Huma só vez me lembrey,  
 Porque nunca me esqueci.

Este animado diamante,  
 Este discreto rubim  
 De meu amor foy principio,



De meu amor será fim.  
Nesta suspensão gostosa,  
Neste doce frenesi,  
Morto estou para viver,  
Vivo estou para sentir.  
A Deos, Paulo, que vos guarde,  
Mas primeiro guarde a mim,  
Que he cada hum obrigado  
Rogar primeiro por si.



## A HUMA PRIMA SUA COZENDO.

## ROMANCE.

**P**Or divertir-se huma tarde  
 Pozse a cozer minha prima  
 Na costura, que já muito  
 Antes começado tinha.  
**O** didal meteo no dedo,  
 E cuidou, que defendia,  
 A baanca prata, que a neve  
 Communicado lhe tinha.  
**M**ui cortez pegou na agulha  
 Para ser dos pontos guia,  
 Que sempre guia a senhora  
 Os pontos da cortezia.  
**L**ançou as mãos ao novello  
 Açucena dividida  
 Com tal brio, que o contalle  
 Huma novella feria  
**A** linha logo enfiou  
 Primeiro aos dedos corrida,  
 Mas á vista de taes mãos  
 Ficou enfiada a linha.

**N**ão sem razaõ dizem todos,  
 Quantos enfiar a viraõ,  
 Que pelo fundo da agulha  
 A todos enfiaria.  
**A**penas a dar os pontos,  
 De ponto em branco vestida,  
 Começou, a cada ponto  
 Sempre de ponto subia.  
**E**ra o panno da costura  
 Branca, mas crespa olandilha,  
 E por cozer em holanda,  
 Era Holandeza das vidas.  
**A**o dar os pontos na holanda,  
 Picar hum dedo sentia,  
 E com o pique da agulha  
 Ficou picada a minina.  
**A**codio ao pique logo  
 Com palavras, que sabia,  
 E como he muito discreta,  
 A todo o pique sahia.  
**M**as lavroulhe o pique tanto  
 No dedo de prata fina,  
 Que quem attendeo ao dedo,  
 Por prata lavrada o tinha.  
**N**ão sey que motivo teve  
 Para picar-se la niã ;



He que a brandura picada  
De brandura passa a ira.  
De quando em quando a thesoura  
No thesouro recebia  
Das maõs , em que bem mostrava  
Ser thesoureira a minina.  
Cortava com ella os fios  
Que a costura permitia,  
E como Parca cortava  
Tambem os fios da vida.  
A todo mundo mostrava  
A costura , que fazia,  
E com ser cosida a pontos  
Ponto cru mostrou n'hum dia.  
Mil lindezas debuxava,  
E tudo a pontos abria,  
E com fallar tudo a ponto,  
Ponto aberto parecia.  
Quiz aliviar as penas  
Da costura com cantigas,  
E para encantar as almas  
Teve este pé de cantiga.  
Poz fim ao cozer na tarde  
Esta costureira linda,  
E com ter cozido tanto  
Ser mais crua parecia.






A' MESMA FAZENDO BOTOENS

ROMANCE.

**E** Ngenhosa botoeira,  
 Posto o conceito he de casa,  
 Se hei de cantallo á viola,  
 Não quiz queimar as pestanas.  
 Quem vos torce o retrozilho  
 Vos tira toda a ganancia,  
 Porque eu só, por vos dar lucro,  
 N'humra roda viva andara.  
 Qualquer botaõ, que fazeis,  
 He para mim cousa clara,  
 Ser de rosa no que pica,  
 E de fogo no que abraza.  
 O de prata quando o obrais,  
 Vos rouba da maõ a prata,  
 E merece hum bom gibaõ,  
 Pois já por ladraõ tem marca.  
 Se alguem quer os botoens d'ouro,  
 Lhos negais com muita raiva,

E anda com vosco ás gadelhas,  
Se quer levar de que os faça.  
Os mais botoens de respeito  
Se fazem de cores tantas,  
Que vendo lhe déstes vida,  
Andaõ como quem tem alma.  
Antes que vós os obrafleis,  
Segundo a gente repara,  
Nem moscas se punhaõ nelles,  
Agora passaõ das marcas.  
Todos fazeis com tal mimo,  
Que julgaõ grande desgraça  
Ir saber casas alheyas  
Creados na vossa casa.  
Senhora botoeira,  
Vós sois na fragrancia,  
Entre esses botoés,  
A rosa encarnada.





RELAÇAM

DO TRIUNFO, COM QUE EM LISBOA  
se receberão os Serenissimos Reys D. Affon-  
so Sexto, e D. Maria Francisca Isabel de  
Saboya em 29. de Agosto de 1666.

ROMANCE I.

*Por hum Anonymo.*

**P** Edisme, minha senhora,  
Como quem não pede nada,  
Que a entrada vos descreva  
Dos nossos grandes Monarchas.  
Não sabeis, que tanta luz  
A vista cega d'huma aguia,  
São poucos os olhos de Argos,  
Pequena a lingua da fama.  
Mas porém obedecervos  
Minha obrigação me manda,  
Inda que qual Faetonte  
Me despenhe, perca, e caya.  
Tremendo crueis maleitas



O Sol no Leaõ deixava,  
Sendo nelle o frio medo,  
A inveja febre, que abraza.

Na casa entrava do signo  
Que quanto mais nelle se acha,  
Sendo sexto, e sendo quente,  
Seu nome conserva, e guarda.

De Agosto eraõ vinte, e nove,  
Porém nesta grande entrada  
Naõ se chama o mez de Agosto,  
O mez de gosto se chama.

Quando o Sol de Portugal,  
Quando o bello Sol de França,  
A quem Marte rende prendas,  
A quem Venus paga parias,

Elle mais que o Sol bizarro,  
Ella mais que o Sol gaiharda,  
Pela esfera de Lisboa  
De Alcantara a esfera larga.

Principio foraõ do triunfo  
Clarins, trombetas bastardas,  
Atabales, charamellas,  
Chacotas, folias, danças.

Pellas foraõ as primeiras,  
De Porrugal antigualha,  
Festa, que sempre se usou

Naquelle idade dourada.  
 Vestidas muy lindamente  
 Bailando vinhaõ as figanas,  
 Mas em quanto bailaõ ellas,  
 Eu mil nós na bolça dava.  
 Com duas adagas fez  
 Hum homem tantas mudanças,  
 Que a vista do que está vendo  
 Dillo mesmo duvidava.  
 Pelos olhos parecia  
 Que mil vezes as passava,  
 Que as metia pelo peito,  
 Que atravessava a garganta.  
 Vinhaõ de Montelavar  
 As folias estremadas,  
 Dando admiraveis voltas,  
 O de São Joaõ das Lampas  
 Vinha huma dança de fontes,  
 E com ser a seca tanta,  
 Em cada volta das suas  
 Soltavaõ diluvios de agua.  
 Dos amigos deste tempo  
 Vinha curiosa dança,  
 Por que esta dança, e mais elles  
 São homens de duas caras.  
 Duas chacotas de fóra

Com outras mil danças varias,  
 E á chacota do cego  
 Ultimo lugar se dava.  
**Da Ribeira, e do Terreiro**  
 Vinhaõ feitas humas pascoas  
 As dançadeiras com arcos,  
 E de joyas adornadas.  
 Com maças de prata ricas  
 Logo os Porteiros da cana,  
 E os Reys de armas se seguiaõ  
 Com as suas cottas de armas.  
**Agora n'hum mare magnum**  
 Me dá agua pela barba,  
 N'hum labyrintho me vejo,  
 Naõ sey como delle sayano.  
**Que esses diamantes do Ceo,**  
 As areas dessas prayas,  
 As flores da Primavera,  
 Atomos, que o Sol levanta,  
**A numero reduzir**  
 Mais facil coufa se acha,  
 Do que contar dos Fidalgos  
 Ouro, joyas, librés, galas.  
**Quantos diamantes Ceylaõ,**  
 Quanto ouro creou Arabia,  
 Perolas a Margarita,



Quantas telas Milaõ lavra.

Quanta graõ Tiro tingio,

Quantas sedas fez Granada,

Quantos pannos teceo Londres,

Quanta as Indias deraõ prata,

Tudo junto neste dia

Nos fidalgos se admirava,

Bem que só sua nobreza

Para os adornar bastara.

Cincoenta, e duas liteiras

Do triunfo foraõ vanguarda,

Sendo entre ellas a melhor

A ultima, que passava.

Oitenta, e cinco carroças

De tanta joya eraõ caixa,

De tanta perola concha,

E cada qual do Sol casa.

Resplandeciaõ Meneses,

Eraõ os Sylvas luzes claras,

Finos diamantes os Mellos,

Os Castros gloria da patria.

Os Lancraffres saõ no Reyño

Flores da mais alta planta,

Os Souzas saõ os Atlantes,

Em que o Monarcha descansa,

Dos Portugaes anda o nome

- Escrito em azas da fama,  
 E o nome dos Malcarenhas  
 Desde hum polo a outro passa.  
 O Oriente dizer pode  
 Quem são os illustres Gamas,  
 Quem os temidos Almeidas,  
 Em quem o valor realça.  
 Os Noronhas são a flor  
 Da nobreza Lusitana,  
 Castelllosbrancos, Coutinhos  
 Da fidalguia são mappa.  
 Dos Lobos, e dos Silveiras  
 Todo o mundo em geral canta,  
 Dos Mendoças, e Furtados  
 Se admira, suspende, e jacta.  
 Dos terriveis Alburquerque,  
 Terror de Marte nas armas,  
 E do valor dos Botelhos  
 Tambem o mundo se espanta.  
 Os Pereiras, e os Faros  
 Flores da maior fragrancia,  
 Mouras, Telles, Vasconcellos  
 Illustre, e nobre profapia.  
 Dos Ataides a gloria  
 Por todo o mundo se espalha,  
 Dos Tavoras, e Manoeis

Sempre a fama foy preclara.  
 De todos he conhecida  
 A fidalguia dos Camaras,  
 Dos Sas, dos Cortereaes,  
 Dos Limas, e dos Almadas,  
 Dos Cesares com dizer  
 O nome de Cesar basta,  
 Estrellas são na nobreza  
 Os Manriques, e os Laras.  
 Quem são os altos Carvalhos  
 A fama só o declara,  
 Quem são Correas, e Britos,  
 Cunhas, Correas, Saldanhas,  
 Deças, Rolins, Azevedos  
 São no Reyno illustres casas,  
 Os Magalhaens, os Sampayos,  
 Os Henriques, os Mirandas.  
 Todos estes, e outros muitos,  
 Que minha penna tão alcança,  
 Realçaraõ neste triunfo,  
 Levaraõ louros, e palmas.  
 Dando mate a tudo vinhaõ  
 Os officiaes da Casa,  
 E em corpo, como he costume,  
 Todos os moços da Camera.  
 Cercando a Real carroça



Vinhaõ os soldados da guarda,  
E como á rosa as espinhas,  
Elles ao Sol com as archas.

E por remate de tudo  
Vinha o Sol de Marialva,  
Que depois dos nossos Reys  
Naõ vi cousa mais bizarra.

Tambem o Conde da Torre  
Dava gala á mesma gala,  
Se otros campan con su estrella  
Elle com seu Sol campava.

A estes polos da guerra  
Seguia por retaguarda  
Das luzidas companhias  
Huma do terço da Armada,

Agora, senhora minha,  
Inda o principal me falta,  
Que he pintar das Magestades  
Grandeza, apparatus, e graça.

Porém naõ sey como chegue  
Voar a esfera taõ alta,  
Se o amor para esta empreza  
Naõ me emprestar suas azas.

Porque a lingua se emudece,  
A penna suspensa pára,  
Os sentidos se confundem,

E o juizo se embarça.  
E só com as azas da fama  
Poderey ter confiança  
Para em segundo Romance  
Fazer segunda jornada.





R O M A N C E II.

**D**O Sol era o claro dia,  
 Que tambem quiz nestas festas  
 A noslos grandes Monarchas  
 Festejar estes Planetas.

Mas o Sol vá rir ao Sol,  
 Por que hoje em Lisboa entra  
 O Sol da mor valentia,  
 O Sol da mayor belleza.

Mais valente elle que Marte,  
 Ella mais que Venus bella,  
 Elle esfera do valor,  
 Porém ella da belleza.

Mas pintar taes Magestades  
 Quem haverá , que se atreva ,  
 Sem temer varios riscos,  
 E Faetonticas quedas.

Pincel seja o pensamento,  
 Taboa a imaginaçã seja,  
 Se comprehender infinitos  
 Póde elle , ou póde ella.



No amoroso, e no severo  
 Tanto brilhou sua Alteza,  
 Que quem quer que o vê, o ama,  
 Quem quer que o ama, o respeita.

Na joya de Portugal  
 El Rey diamante se ostenta,  
 Perola a Rainha he,  
 E Pedro preciosa pedra.

Em huma carroça vinhaõ,  
 Que o Sol, vendo tal riqueza,  
 Cuidou que seu velho coche  
 O de Faetonte era.

Seis facas vinhaõ tirando  
 A carroça taõ soberbas,  
 Que em si os quatro elementos  
 Cada qual dellas encerra.

Alento lhe dava o fogo,  
 Davalhe o ar ligeireza,  
 Brancura lhe dava a agua,  
 E a formosura a terra.

Esses cavallos do Sol,  
 Que a fama tanto celebra,  
 A' vista destas seis facas  
 Saõ arenques, saõ fanecas.

Flegeton de Dom Quixote  
 Do Rocinante he parella,

São Pyrois, Eoo, Ethon  
Do Cid Ruy Dias Babiecas.  
Na Real carroça vinha  
A insigne, e grande Marqueza,  
Mat. ona, por quem se esquecem  
As Romanas, e as Gregas.  
Só servir a tal Rainha  
Tal Camareira podéra,  
E tal Rainha somente  
Tivera tal Camareira.  
Os coches vinhaõ das Damas,  
E nellas mil primaveras,  
E como a Rainha he Sol,  
Se não soes, eraõ estrellas.  
Estrellas na formosura,  
Mas muito mais na nobreza,  
E muy boa estrella tinha  
Quem quer que chegava a vellas.  
Houve grande reboligo  
Junto de huma estribeira,  
Eraõ Paris, e mais Venus,  
Ambos jogando as gadelhas.  
Paris diz, que se enganou,  
Quando a ella a maçã dera,  
Que lha deo por não ter visto  
Inda as Damas Portuguezas.

Venus diz, que tem razaõ,  
 E que a maçã lhe rendera,  
 Se entre tanta formosura  
 Podéra achar differença,  
 Dando, e mais tirando vidas  
 Vinhaõ as Madamas Francezas,  
 Cada huma flor de Lis,  
 Rosa, angelica, açucena.  
 Entre ellas, e entre as nossas  
 Era a formosura a mesma,  
 Só o trage as distinguia  
 Para poder conhecellas.  
 Junto o Senado da Camera  
 A Cidade representa,  
 E no Loreto leal  
 Coraçãõ, e chave entrega.  
 Christovãõ Soares fez,  
 Com sua grande prudencia  
 A pratica a nossos Reys  
 Breve, elegante, discreta.  
 Chegaraõ á Igreja Mayor  
 Os mayores Soes da terra,  
 Onde com *Te Deum laudamus*  
 Todo o Cabido os espera.  
 Huma oitava maravilha  
 Estava entaõ a Igreja,



Toda armada de bordados,  
 Ouro, brocados, e telas.  
 Eraõ tantos os brocados,  
 Tantas alcaatifas bellas,  
 Que parecia impossivel  
 Juntarse tanta riqueza.  
 Com ser o templo taõ grande,  
 Nelle não se via pedra,  
 Que de ouro, que de prata  
 Não estivesse cuberra.  
 Em quanto fazem oraçaõ,  
 Eu me vou correndo á pressa  
 A ver os arcos, e ruas,  
 Porque tambem os descreva.





R O M A N C E III.

**O** H que grandes dous barrancos,  
 Senhora, passado tenho,  
 Mas nas ruas de Lisboa  
 Inda á vergonha me vejo.  
 Pois querer contar seus arcos,  
 Emprezas, figuras, versos,  
 Ieroglificos, emblemas,  
 Impossivel grande emprendo.  
 Porque para qualquer arco  
 He pouco hum anno de tempo,  
 E naõ ha papel que baste  
 A pintallos por extenso.  
 De alcatifas, e de colchas,  
 Cobertores, reposteiros,  
 E de muy ricas cortinas,  
 Tudo se via cuberto.  
 Sete maravilhas só  
 Se haõ visto em todo o universo,  
 Mas juntos hoje em Lisboa  
 Se vem sete mil portentos.

A Nação Italiana

Mostrou o arco primeiro,  
Com oito artes liberaes,  
Liberal em todo extremo.

Romanos Imperadores

Seis o triunfo estaõ vendo,  
E vendo taõ graõ triumpho  
Acharaõ os seus mais pequenos.

Tinha discretos emblemas

Todos feitos ao intento,  
E de Portugal, e Roma  
As Armas faziaõ o fecho.

Daquella Santa, que tres

Palmas mereceo por premio,  
Armaraõ muy ricamente  
As portas os Volanteiros.

O segundo arco fizeraõ

Pasteleiros, Vinhoteiros  
De cera, e mais de telilha,  
Que era maravilha vello.

No principio do Chiado

O arco estava terceiro,  
Que fizeraõ os Alfayates,  
Curioso, rico, e bello.

Todo cuberto de cera

Com mil labores diversos,



Com muy bem feitas figuras,  
Com distichos muy bem feitos.

Rematavase esta obra

Com a gloria, que hoje temos,  
Porque a flor de liz de França  
A gloria he deste Reyno.

Ao Espirito Santo estava

Hum arco, que por pequeno  
Menos fama não merece,  
Nem louvor merece menos.

Este arco só levantou

Quem da Cidade he sustento,  
E quem da Cidade leva  
D'huma parte a outra o peso.

Na Rua nova d'Almiada,

Agora paro suspenso,  
Porque taõ graõ maravilha  
Por miudo contar quero.

Hum arco de ouro, e de azul

Taõ alto estava, e soberbo,  
Que ao Ceo parece subia  
A dar a luz ao mesmo Febo.

Este os Homens de negocio

Fizeraõ com tal dispendio,  
Que podéraõ com o gasto  
Fazer hum Midas, e hum Cresso.

Oito ViceReys da India

Pintados com tanto extremo,  
Tinha, que a ser vivo Apelles;  
Naõ os pintara mais perfeitos.

Dom Vasco da Gama estava

Dando ao nosso Reyno reynos,  
Taõ vivo, que parecia  
Está aos nossos Reys dizendo :

*O berço descobri do Sol, e Aurora,  
E unidos vejo o Sol, e Aurora agora.*

Vi Dom Francisco de Almeida

De seu tragico successo  
Esquecido, e venerando  
Dizendo com grave aspecto :

*Barbara terra sey minha homicida,  
Ver a Affonso, e Maria me dá vida.*

O destemido Albuquerque

A Goa está offerecendo,  
E coroadado de victorias,  
Diz com generoso peito :

*Sujeitey, e rendi a invicta Goa,  
Que he throno desses pés, da India coroa.*

O Exemplo da fortuna,

O graõ Duarte Pacheco,  
Das suas grandes victorias  
Diz, que está já satisfeito :

*De meus triumphos, palmas, e victorias  
O premio tenbo hoje nestas glorias.*

Triunfante Dom João de Castro

Por tirar de Dio o cerco,  
A quem palmas coroaraõ,  
Diz com verdade, e com zelo:

*Das prendas, de que fiz taõ nobre empenho,  
Nas glorias de hoje tenbo o desempenho.*

O grande Nuno da Cunha,

Que foy do valor modelo,  
A quem grande o mundo chama,  
Diz com coração sincero:

*Todo o mundo em geral grande me chama,  
Mas vence a fama de hoje a minha fama.*

De André Mendoga Furtado,

De quem Romanos, e Gregos  
Poderaõ apérender valor  
Diz constante nestes versos:

*Por ser terror de Marte, inveja, espanto,  
Mereci ver tal bem, prodigio tanto.*

Martim Affonso de Soula

Para os presentes exemplo,  
Para os futuros memoria,  
Diz a este triumpho attento:

*De meu Sol inda os rayos resplandecem  
Felices, pois tal dia ver merecem.*



Oito Cidades insignes,  
 Que são principaes do Reyno,  
 Com oito notaveis Villas  
 Rematavaõ este portento.  
 E se os nomes das Cidades  
 E das Villas o desejo  
 Vos pede saber agora,  
 Lede os nestes quartetos.

Lisboa.

A vós seu coração de ouro  
 Dá Lisboa, que he razão,  
 Que esteja o seu coração,  
 Aonde está seu thesouro.

Evora.

Sertorio me deo o ser,  
 Dom João Quarto me honrou,  
 Affonso me restaurou,  
 A quem mais venho a dever?

Elvas.

Chave, defença, e escudo  
 Sou do Reyno Lusitano,  
 Sou freyo do Castelhana,  
 Elvas sou, e digo tudo.

Braga.

Braga sou, que a primazia  
 Com razão tenho de He

Mas nunca gloria tamanha  
Tive , como neste dia.

Coimbra.

Coimbra sou das sciencias  
Patria, deposito, e centro,  
Concha sou , que guardo dentro  
De Isabel as excellencias.

Porto.

Sou a Cidade do Porto,  
E sou porto das Cidades,  
E de ver taes Magestades  
Vejo todo o mundo absorto.

Leiria.

Sou Leiria , escudo , e malha,  
Vestirey quando importar ,  
Que para victorias dar  
Sou vizinha da Batalha.

Bragança.

Eu sou a nobre Bragança,  
Que tenho tanto poder ;  
Que pude satisfazer  
De Portugal a esperanza.

Santarem.

Sou a nobre Santarem,  
Cofre de reliquias santas ,  
E por maravilhas tantas

Sou Roma, e Jerusaleem.

Cetubal.

Cetubal sempre leal

Vos rende com novas traças,

Senhora, infinitas graças,

Pois tem marinhas de sal.

Aveiro.

Aveiro sou, que tributos

Me paga o mar dos melhores,

Flora me tributa flores,

Pomona me rende frutos.

Villaviçosa.

Minhas flores me roubou

A insigne, e grande Lisboa,

Mas ainda a fama pregoa,

Que Villaviçosa sou.

Vianna.

Fora mais minha alegria,

O' Rainha soberana,

Se chamandome Vianna,

Me chamara Vi Maria.

Guimaraens.

Guimaraens sou, glorias minhas

No mundo a fama derrama,

Porque tambem tenho fama,

Como Elvas tem, pelas linhas.



## Thomar.

Eu Thomar, só eu tomar  
O mundo todo quizera,  
Que a tal Rainha o rendera,  
A tal Rey o houvera dar.

## Villa Real.

Agora Villa Real,  
Com razaõ me chamarão,  
Pois vejo tal uniaõ,  
Pois vejo grandeza tal.

Na Calçetaria hum arco  
Fizeraõ os Moedeiros,  
Que na traça, e artificio,  
A palma está merecendo.

Era de pedra fingido,  
Nelle pintado o dinheiro;  
Porém dinheiro pintado  
Naõ he de nenhum proveito.

Era o remate deste arco  
Do Reyno o Custodio bello,  
Com as Armas, que Deos deo  
Ao nosso Affonso primeiro.

Mas hum pouco neste arco  
Descansar agora quero,  
Que os mais nos outros Romances  
Irey logo descrevendo.



## ROMANCE IV.

**V** Amos correndo , Senhora ,  
 Que inda faltaõ muitos arcos ,  
 E tambem porque os Ourives  
 Do ouro me estaõ chamando.  
 E se com ouro me chamaõ ,  
 Será mui forte o reclamo ,  
 Porque a hum reclamo de ouro  
 Todos apressãõ o passo.  
 Os Ourives neste triunfo  
 Merecem a palma , e lauro ,  
 Porque de tudo o que vi  
 Naõ vi brinco mais bizarro.  
 A traça , artificio , a obra ,  
 O revestido , o ornato ,  
 Era feitiço dos olhos ,  
 Dos sentidos era encanto.  
 Em as Hesperidas hortas  
 A nossos Monarchas altos  
 Duas Nynfas offerenciaõ  
 De ouro os pomos celebrados.

Que estas maçans eraõ de ouro ,  
 Dizem Poetas muy sabios ,  
 E eu por huma dellas dera  
 De camoezas hum saco.  
 Huma aguia de fito a fito  
 Do Sol vendo estava os rayos ,  
 Quando ella de pedraria  
 Rayos estava lançando.  
 Passar de ver esta joya  
 Naõ me parece acertado ,  
 Mas de Saõ Joseph o Officio  
 Me convida c'õ seu arco.  
 De sua bandeira todos  
 Os officios concertados  
 Junto á Igreja da Oliveira  
 Tinhaõ o arco fabricado.  
 Como a casa he da Senhora ,  
 Tinhaõ seu Esposo casto ,  
 E a Deos feito Minino ,  
 De quem fora digno Ayo.  
 Hum Satyro feito fonte  
 No meyo estava tentado ,  
 Que por aguas mil esguichos  
 De agua estava lançando.  
 Ao grande arco dos Flamengos  
 Me vou agora chegando ,



Se he que minha humilde penna  
Póde dar voo taõ alto.

No meyo da rua nova

Tinhaõ o arco levantado,  
E a fama por todo o mundo  
Já o andava publicando.

Da outra parte se viaõ

Juntos em hymeneo santo  
Os nossos grandes Monarchas  
Dignos de taõ grande aplausõ.

Da parte estava delRey

O seu Progenitor claro,  
ElRey Dom Joaõ o Primeiro,  
Que foy de Castella o rayo.

E da parte da Rainha

Ficava do outro lado  
Henrique Quarto, que oriente  
Foy de Sol de esplendor tanto.

Estava a Paz, e a Concordia,

Ambas com os braços dados  
Pela paz, que os Holandezes  
Tem com o Reyno Lusitano.

As Quinas de Portugal

Eraõ o remate estremado,  
E as bandeiras Holandezas,  
Que lhe estavaõ tremolando.



E da Praça os Mercadores  
 De télas, e de brocados,  
 De chamalotes de prata,  
 De lamas, e de damascos,  
 De panos de prata, e ouro  
 A Praça tinhaõ adornado,  
 Toda com muita riqueza,  
 Desde o chaõ te os telhados.  
 Mas neste grande triunfo  
 Se mostraraõ taõ bizarros,  
 Que a armaçaõ, que fizeraõ,  
 Com o melhor arco igualaõ.  
 Dos nossos Reys Portuguezes  
 Tinhaõ todos os retratos,  
 Do Reyno o Anjo Custodio,  
 E o Padroeiro Santo.  
 A Cidade de Lisboa  
 Tinhaõ com grande aparato,  
 E Ulysses seu Fundador  
 Depois de tantos naufragios.  
 Muito me tenho detido,  
 Quando me estaõ esperando  
 Os meus Ourives da prata,  
 Que em tudo saõ acertados.  
 Fizeraõ de fina prata

Hum altissimo retabolo,

IV. Part.

N

Em

Em que ElRey Dom Manoel  
 A seus Descendentes claros  
 De sua Real cabeça  
 A coroa estava dando,  
 Para que se perpetue  
 Em Principes tão preclaros.  
 Em cima de tudo estava  
 Aquelle Santo Prelado  
 Eloy, a quem os Ourives  
 Tem por Patraõ, por amparo.  
 Tinha discretos Emblemas  
 Ao triunfo apropriados,  
 E em baixo de tudo estava  
 Hum curioso theatro,  
 Em que Portugal, e França  
 Hum papel representavaõ,  
 E em amizades conformes  
 Hum a outro daõ os braços.  
 Passando da Fancaria  
 A' Portagem faz hum arco,  
 Que bandeira, e Saõ Miguel  
 Tinha posto no mais alto.  
 Como era de cera verde  
 Debaixo volante branco  
 Estava muito aprazivel,  
 Muito airoso, e engraçado.

Em cima estava triunfante  
 Aquelle formoso Arcanjo,  
 Que em dizer: Quem como Deos?  
 De Deos venceu os contrarios.

Debaixo tinha dos pés  
 Aquelle dragão irado,  
 Que por soberbo, no Inferno  
 Ficou feito Anjo diabo.

A bandeira de São Jorge  
 Tinha o arco fabricado  
 No baixo da Padaria,  
 E nelle o Santo a cavallo.

Matando estava com a lança  
 Aquelle sanhudo drago,  
 E a donzella de joelhos  
 As graças lhe estava dando.

Em cima tinhaõ a Fé,  
 Porque sempre a fé nos Santos  
 Foy a que obrou maravilhas,  
 E milagres tem obrado.

Em o alto desta rua  
 Vi dous arcos ordenados,  
 Hum ornaraõ os Corrieiros,  
 Capateiros outro ornaraõ.

Da Conceição a Senhora  
 Concebida sem peccado,



Do Arco dos Corrieiros,  
He Lua, Estrella, e Sol claro.  
São Crispim dos Çapateiros  
Tinha o arco authorizado,  
Santo que tem por irmão  
Ao Santo Crispiniano.  
De subir á Padaria  
Me sinto hum pouco cansado,  
O mais no quinto Romance  
Irá, porque acaba o quarto.





## ROMANCE V.

**C**uido que nos meus Romances

Vou já de todo perdido,  
 Mal posso ganhar o jogo,  
 Pois que começo a dar cinco.

Porém dos arcos a obra  
 Se requinta neste quinto.

Pois cada hum dos que falta  
 De mil victores he digno.

De flores os Cerieiros  
 Fizeraõ tal artificio,  
 Que o mez de Agosto tornaraõ  
 Primavera, e Abril florido.

Flora tinha a cornucopia  
 Chea de cravos, e lirios,  
 De rosas, jasmims, mosquetas,  
 Açucenas, e junquilhaos.

A nossos Reys a offerencia  
 Com a boca cheya de riso,  
 Que cuida estava dizendo  
 O que tem na tarje escrito:

Das

*Das flores da Primavera*

*Cera fez a abelha ; agora*

*Para vos tributar Flora*

*Flores faz da mesma cera.*

*Pomona tinha hum cabaz*

*Cheyo de frutos muy ricos,*

*Que tambem lhes offerecia*

*Com estes quatro versinhos :*

*Desde hum a até outra Zona*

*Pomona vos rende frutos,*

*Que he bem vos paguem tributos*

*Flora, Ceres , e Pomona.*

*Ceres rematava o arco ,*

*E com hum gôsto excessivo*

*Aos Reys diz , offerecendo*

*Humas espigas de trigo :*

*Se Flora , e Pomona amigas*

*Vos rendem frutos , e flores,*

*Ceres tributos melbores ,*

*Vos rende em render espigas.*

*Huma parreira fizeraõ*

*Com tal traça , e artificio ,*

*Que podéraõ suas uvas*

*Enganar aos passarinhos.*

*O artificio bastardos*

*Faz a seus cachos opimos,*



Mas a vista vendo as uvas,  
 Os julgava por legitimos.  
 Quanto a Musa antiga canta,  
 Quanto canta o verso antigo,  
 Cessa, porque hoje em Lisboa  
 Se levanta mor prodigio.  
 Fizeraõ hum arco os Francezes,  
 Que de tal arco me admiro,  
 Pois passa a grimpa da Sé  
 No soberbo, e no altivo.  
 De tal portada sómente  
 Digno era tal edificio,  
 E de hum arco taõ notavel  
 Só taõ grande Templo he digno.  
 Huma oitava maravilha  
 Da Sé era o frontispicio,  
 Pois arco taõ grandioso  
 Já mais no mundo se ha visto,  
 De hum a parte estava posto  
 Em hum sumptuoso nicho,  
 O Fundador deste Reyno,  
 O primeiro Affonso invicto.  
 Em outro da outra parte  
 O Restaurador querido  
 Dom Joaõ o Quarto, que fez  
 Livre o Reyno de cativo.

Em hum quadro retratados  
Debaixo de hum docel rico  
Nossos Monarchas estavaõ  
Algum tanto parecidos.

Porém no quadro , e mais nelles,  
Que vay , com verdade digo,  
Muito do vivo ao pintado ,  
Muito do pintado ao vivo.

As quatro partes do mundo  
Lhe offrecem dons exquisitos,  
Que do mundo ás quatro partes  
Chega seu grande dominio.

Fé , Esperança , e Caridade,  
Estavaõ postas no frizo,  
Que estas virtudes saõ coroa  
De Reys taõ christianissimos.

Debaixo do grande arco  
Em quatro partes advirto  
Quatro virtudes , que a hum Rey  
Daõ poder , e senhorio.

Tinhaõ discretos emblemas,  
E curiosos jeroglificos ,  
Que por naõ ser dilatado ,  
Por extenso naõ refiro.

Em quanto andey vendo o arco  
Curioso , e pensativo,

Os Reys fahiraõ da Sé,  
 E ao Palacio saõ já idos.  
 Porém inda vejo os coches,  
 E eu á pressa os vou seguindo,  
 E assi os arcos , que me faltaõ  
 Irei vendo de caminho.  
 Humas varandas de grades  
 Na praça do Pelourinho  
 Os Pintores levantaraõ  
 Com figuras , e mininos.  
 E no fim dellas estava  
 Hum arco grande , e subido,  
 Fabrica, com que os Inglezes  
 Naõ faltaraõ no festivo.  
 Tinha de huma, e d'outra parte  
 Em muitos quadros distinctos  
 Alguns Reys de Inglaterra  
 Pelas armas conhecidos.  
 Em quatro cantos mostrava  
 De Inglaterra quatro rios,  
 Que no caudaloso podem  
 Competir com o mesmo Nilo.  
 Estava o famoso Carlos  
 Em laço amoroso unido  
 Com a formosa Catharina,  
 Da formosura prodigio.



Inglaterra se ostentava  
 Sentada com senhorio  
 Com tres Coroas, que domina,  
 E com seus fortes navios.  
 Era o remate do arco  
 São Jorge com grande brio,  
 Se filho de Inglaterra,  
 De Portugal patrocínio.  
 Não se dirá do Terreiro  
 Não ser todo pão de trigo,  
 Pois era sua armação  
 Trigo anafil escolhido.  
 A Alfandega se adornou,  
 Estando em distante sitio,  
 Porque como o Rey he Sol,  
 Nada ao Sol he escondido.  
 Entre ella, e entre o Terreiro  
 Estavaõ os Contos luzidos,  
 Contallos são contos largos,  
 E perder o algarismo.  
 O Açougue se mostrou  
 Tambem com muito capricho,  
 Sem ter nenhum contrapeso,  
 Curioso, afeado, e limpo.  
 Mas para o ultimo arco  
 Ao Deos Apollo appellido,

Porque

Porque de hum arco Imperial  
Naõ se falla sem auxilio.

Este tinha quatro faces,  
E dentro nellas escritos  
Muy levantados emblemas  
Com seus letreiros Latinos.

E em verso Heroico ao pé  
Bem limado, e bem medido  
Em oitavas declarava  
Dos emblemas o sentido.

De Alemanha Imperadores  
Oito estavaõ pelos frizos,  
Que progenitores foraõ,  
Do Sol, que hoje luzir vimos.

Tinha em cima quatro quadros,  
Dous eraõ triunfos altivos,  
Que Imperadores tiveraõ  
De rebeldes inimigos.

Em hum da banda do mar  
O Imperador Federico  
Dentro na santa Cidade  
Se coroava de ouro fino.

N'outro da banda do Paço  
Rodolfo com zelo pio  
O seu cavallo, ou careça  
Dava da Igreja ao Ministro,

Que

Que a hum enfermo levava  
 O Senhor do Ceo Empyreo,  
 Com as Aguias do Imperio,  
 Vendo o Sol de fito a fito.

Este, Senhora, he o triunfo,  
 Este o applauso festivo,  
 Com que recebeo Lisboa  
 A seus Monarcas invictos,  
 Cuja vida o Ceo dilate  
 Por mui dilatados siglos,  
 E em seus prosperos successos  
 Se mostre sempre benigno.

Para que Affonso triunfante  
 De Turcos, Mouros, Gentios  
 Restaure o santo Sepulchro  
 Do poder dos inimigos.

E deste santo Hymeneo  
 O Ceo lhe dê tantos filhos,  
 Que hum mundo seja muy pouco  
 Para conquistar seus brios.







## RELACAM

DAS CANAS REAES, COM QUE A NO-  
breza Lusitana festejou as felicissimas vodas  
dos Senhores Reys D. Affonso VI. e D.  
Maria Francisca Isabel de Saboya.

*Offerecida ao Senhor*  
D. RODRIGO DE MENEZES  
pelo mesmo Auctor.

### DEDICATORIA.



*Aquelle festivo dia, que Por-  
tugal desde seu primeiro  
berço naõ vio outro seme-  
lhante, quando a nobreza  
desta Corte em humas reaes  
Canas quiz mostrar o gosto,  
que teve nas felicissimas vodas dos nossos  
grandes Monarchas, me mandou V. S. es-  
crevesse humas decimas, e supposto que  
taõ*

taõ alta empreza não era para a minha humilde penna; como os mandados dos Senhores devem sempre ser obedecidos, escrevi estas, que quando por minhas mãos chegarão a esses pés, pelos sujeitos, de que trataõ, merecem a dita de chegar a essas mãos illustres. A pessoa de V. S. guarde Deos largos annos, como este mais humilde criado de V. S. deseja.



## ROMANCE.

Vossa Senhoria a mim  
Em decimas me condemna?  
Quando tiveraõ de que  
Pagar decima os Poetas?  
Mas a Vossa Senhoria  
Razaõ he, que lhe obedeça,  
Assim que as decimas pago,  
Mas em bem ruim moeda.  
Canas será hoje ouvirme,  
Quando estas Canas descreva,  
Que taõ canas ouvir versos  
De hum Poeta de má vea.  
Sempre imaginey que o Sol  
Hum só era em sua esfera,  
Mas hoje acho nestas Canas  
Ter vinte, e cinco parellhas.  
A primeira he dos Padrinhos,  
Porém minha penna erra,  
Em dar nome de Padrinhos,  
A taes padroens da nobreza.



Vinhaõ dando luz ao dia,  
 Sendo sua gala negra,  
 Que sempre o Sol dentre nuvens  
 Sabe com mayor belleza.

A guarniçaõ dos vestidos  
 Toda fina prata era,  
 Fino ouro quem as vestia,  
 Dando gala á gala mesma.

1.

Vinha o Conde de Miranda  
 Bizarro de tal maneira,  
 Que o Sol em sua carreira  
 Olha pasmado, e naõ anda:  
 Que tome seu coche manda,  
 E de seus amores morto,  
 Vendo tanta luz absorto  
 Disse com saber profundo,  
 Governe, e dê luz ao mundo

☞ O Governador do Porto.

2.

O Visconde neste dia  
 Com tantas luzes brilhava,  
 Que elle a si só se igualava,  
 Exceder se naõ podia:  
 Fino diamante luzia,  
 Brilhava claro luzeiro,



Mas ser em tudo primeiro  
 Não me admira nesta acção,  
 Se he Lima de perfeição,  
 Do Sol mayor Estribeiro.

Vendo a primeira quadrilha  
 Suspenso o quato Planeta,  
 Aqui da quadrilha chama,  
 Porque sua luz lhe leva.

Prata, e nogueirado a gala,  
 Mas porém desta nogueira  
 Saõ mais as nozes, que as vozês,  
 Que diz da fama a trombeta.

Debaixo do traje Mouro  
 De Gouvea o graõ Marquez  
 Nos mostrou, que desta vez  
 Tudo quanto luz he ouro:  
 Nelle vi, como em thesouro,  
 Unidos por excellencia,  
 De hum Dom Diogo a prudencia,  
 De hum Dom Philippe o valor,  
 De hum Dom Manrique o amor,  
 De hum Dom Joaõ a sciencia.

O illustre Conde da Feira

Da nobreza era o brazaõ ,  
 E podera em conclusaõ  
 Fazer da Nobreza feira :  
 Este dia de maneira  
 Brilhou com tanto arrebol.  
 Que a todos mostrou ser Sol,  
 Pois seu sangue tanto val ,  
 Que em Castella , e Portugal  
 He da nobreza o Farol.

5.

Taõ nobre como as estrellas ,  
 O Conde de Santa Cruz ,  
 Era da nobreza luz ,  
 Era Sol com luzes bellas :  
 Mas entre Mouriscas tellas  
 Tanto brilhou neste dia ,  
 Que com sua cortezia ,  
 Nestes applausos festivos ,  
 A todos fez seus cativos ,  
 Que a todos cortez rendia.

6.

O Conde de Abrantes muro  
 Forte he em toda occasiaõ ,  
 Das fontes de seu irmaõ  
 Limpo crystal , clara , e puro :  
 Taõ valente , taõ seguro

Jogava com os amigos ,  
 Que temiaõ os inimigos  
 Que a cana em lança trocasse ,  
 Porque se a lança empunhasse ,  
 Certos tinhaõ seus perigos.

7.

Clara luz de Obidos era  
 O dos Mascarenhas flor ,  
 Dom Fernando , e seu fulgor ,  
 De Sol alumia a esfera :  
 Vinha feito primavera ,  
 Sendo huma inveja das flores ,  
 E eraõ taes os seus primores ,  
 Que rendia com decoro  
 Feyto Mouro , qual Medoro ,  
 Mil Angelicas de amores.

8.

Sendo exemplo da firmeza  
 O de Villa Verde vinha ,  
 E viva em seu peito tinha  
 Huma defunta belleza :  
 De amor encobre a fineza  
 Em seu coração amante ,  
 E descobre em seu semblante  
 A fineza , e lealdade ,  
 E assim o vio a Cidade

O 2

Amant



Amante, leal, constante.

Entra a segunda quadrilha,  
 Segunda sem ter primeira,  
 Primeira sem ter segunda  
 Porque he hum Fenis na terra.

Na terra? Naõ digo bem,  
 Porque he quadrilha de estrellas,  
 Como mostra a cor azul  
 Em que o ouro reverbera.

9.

Virtude, merecimento,  
 A nobreza, a fidalguia;  
 A prudencia, a valentia,  
 A constancia o sofrimento,  
 Da lealdade o mor portento  
 O portento do valor,  
 Liberalidade, e amor,  
 Tudo isto junto se achava,  
 E como em seu centro estava  
 Em hum Castello melhor.

10.

Realçava na nobreza  
 Galan Dom Luis de Lancastro,  
 Sendo na nobreza hum astro,  
 Hum astro na gentileza,

Liberal a natureza  
 No illustre sangue, que herdou,  
 De taes partes a adornou,  
 Que nesta illustre quadrilha,  
 Se claro diamante brilha,  
 Fino ouro se mostrou.

## 11.

O Conde da Vidigueira  
 Sempre illustre, e nobre Gama,  
 Seus louvores diga a fama,  
 Por todo o mundo ligeira:  
 Assim brilhou de maneira,  
 Que seu illustre ascendente  
 Vendo-o taõ resplandecente  
 Cuidou á India não passara,  
 Porque nelle certo achára  
 Mais claro Sol, que no Oriente.

## 12.

O mundo vejo suspenso,  
 E com razaõ admirado  
 Do sangue illustre, e alentado  
 Do Conde de Saõ Lourenço:  
 Pagalhe a nobreza censo,  
 E tanto o Conde brilhava,  
 Que eu de vello me admirava  
 E de tal pay dizer posso

C'o grande Poeta nosso  
Que tal filho se esperava,

13.

Christovaõ de Almada está

Dando gala á mesma gala ,  
A vello o mundo se abala ,  
Porque ás galas alma dá :  
Sempre juntos nelle ha  
Em seu nobre coraçãõ  
O valor , e a discricãõ ,  
O primor , a valentia ,  
O valor , a cortezia  
Sempre nelle se acháraõ.

14.

Dom Simaõ com rayos bellos

Ao Sol causava desmayos ,  
E eu vendo esconder seus rayos ,  
Ao Sol disse Vasconcellos :  
O dar de valor modelos ,  
E ter da milicia a arte ,  
Diz a fama em toda a parte ,  
E os deoses em suas fallas  
O vem por filho de Pallas ,  
O tem por filho de Marte.

De acabellado , e de prata

Entra



Entra a quadrilha terceira,  
 E se era de acabellado,  
 Do cabelo do Sol era:  
 A prata lhe deo a Lua,  
 O luzimento as estrellas,  
 O valor, e bizarria  
 Foy influxo dos Planetas.

15.

Ao Marquez de Marialva  
 Não louvaõ decimas minhas,  
 Louvem-no de Elvas as linhas,  
 Montes Claros lhe dem salva:  
 Ser Sol, Estrella, e mais Alva  
 No mundo a fama apregoa,  
 Sendo a gloria de Lisboa,  
 He dos Menezes a gloria,  
 Segurança da vitoria,  
 E restauraçã da Coroa.

16.

Desafia ao mesmo dia  
 Dom Lourenço de Lancaastro,  
 Tanto ao mais brilhante astro  
 Como ao Sol desafia:  
 O mundo se suspendia,  
 E mostrava admiração  
 De ver Mouro nesta acção,

Causan-

Causando geral espanto,  
 Neto de hum avo taõ santo  
 Filho de hum pay taõ christaõ.

17.

Adonis na gentileza

Vinha o Conde de Monsanto,  
 Nelle se vê junto quanto  
 Ha de valor, e nobreza:  
 Thesouro he com tal riqueza,  
 Como mostraõ prendas tais,  
 Mas estas, e outras mais  
 Diz sempre a fama palreira,  
 Que lhe vem da Castanheira,  
 E que lhe vem de Cascais.

18.

Sómente o Conde Baraõ

De tal lugar teve logro  
 Entre taes genros, e sogro,  
 Como na quadrilhaõ vaõ:  
 Que muito, se nelle estaõ  
 Taes partes, taes perfeiçoens,  
 Que caxaõ admiraçoens,  
 Ver nelle recopilados  
 Os feitos taõ celebrados,  
 De seus passados Baroens.

19.

Dom Miguel Luiz a luzir  
 Com elle o Sol não se ponha;  
 Que taõ illustre Noronha  
 Vencido ao Sol fará ir:  
 Nelles juntos vi unir,  
 Sendo em tudo admiraçaõ,  
 A nobreza, e discriçaõ,  
 Tendo por modo subido  
 O discreto adquirido  
 O illustre por geraçaõ.

20.

Dom Rodrigo de Menezes  
 Em tudo prodigio raro,  
 Outro não vio mais perclaro  
 O Sol em seus doze mezes:  
 Vence a Trajano mil vezes  
 Na justiça, na igualdade,  
 No zelo, fé, na verdade,  
 Firme, zeloso, constante  
 Se ostentou claro, e brilhante,  
 Luz dando a toda a Cidade.

Dando admiraçaõ ao mundo  
 A quarta quadrilha chega;  
 Deixando seu branco em branco.

Quem



Quem quer que vencella intenta,  
 Ouro, e branco na quadrilha  
 Também faziaõ paelha,  
 Mas porém ao branco, e ouro  
 Deo a quadrilha belleza

21.

Posto que em tudo he primeiro  
 O illustre Conde de Aveiras,  
 Veyo a ser nestas carreiras  
 De Regedor quadrilheiro:  
 Nellas foy claro luzeiro  
 Sempre o Conde Regedor,  
 Feito Turco no valor,  
 Naõ he muito a todos rendesse,  
 E graõ Turco pareceffe,  
 Sendo sempre graõ senhor.

22.

Da Silva illustre Joaõ  
 Só seguir tal luz podera,  
 Sendo alegre primavera,  
 Sendo flor na perfeiçaõ:  
 Nelle vi com suspençaõ  
 Naõ ser como as outras flores,  
 Por quanto as flores melhores  
 Saõ flores de silva madre,  
 Mas flores de silva padre

São só as mais superiores:

23.

Dom João de Lencastro tanto

Em luzes resplandecia ,

Que aos sentidos suspendia ,

Aos olhos causava espanto ;

Nelle se vê junto quanto

A fortuna póde dar ,

Ser no sangue singular ,

Ser singular na nobreza ,

Singular na gentileza ,

Ser Fenix , que não tem par.

24.

Nesta festiva campanha

Oh que grandes luzes vem !

Mas quem tantas luzes tem ,

He só Luiz de Saldanha :

Nelle vi com graõ façanha

Unidos no mesmo ser

A valentia , o saber ,

E a fama em todas as partes

Diz que quem quizer ver artes ,

Neste Saldanha as vá ver.

25.

Quem quizer achar tal bem ,

Como o Visconde de Affeca ,

Ha de

Ha de correr séca, e méca,  
 E olivais de Santarem.  
 Cuido inda assim, que ninguem  
 Lhe poderá dar igual:  
 Tanto este Correa val,  
 Que della Apollo blasona,  
 E para os signos da Zona  
 Cortou do Correa tal.

26.

Louvar eu a João Correa  
 Será muy alto voar,  
 Porque para o eu louvar  
 Hey mister de Homero a vea:  
 Velo era felice estrea,  
 Galan, airoso, e polido,  
 Tanto que vendo-o Cupido  
 Seu arco, e frechas lhe rende,  
 Que elle nas Damas despende,  
 Com que a todas tem ferido.

Já chega a quinta quadrilha,  
 Ser de Marte he cousa certa,  
 Porque hum só Planeta quinto  
 Quinta quadrilha governa.

De acamuçado, e de prata  
 Se orua quadrilha taõ bella;



Antes troca por camuça  
Ouro, e prata, que despreza

27.

Da Torre o illustre Conde

Louvores publique a fama,  
Porém já elle os derrama,  
Onde o Sol nasce, e se esconde:  
No mundo não ha parte, onde  
Deixe de ser conhecido  
Por valente, e entendido,  
Por insigne cavalleiro,  
Por liberal, por guerreiro,  
E por fangue esclarecido.

28.

Do mais lindo prado a flor

Se vé no Conde do Prado,  
E nelle está retratado  
Do insigne pay o valor:  
Flor tão alta, e superior,  
Que vence a mais alta hera,  
Só tal Prado dar podera;  
Porque tanto ha de subir  
Que esta flor ha de luzir  
Mais que toda a primavera.

29.

Segunda flor Dom João

Deste

Deste Prado na quadrilha  
 Era huma flor maravilha,  
 Hum cravo na perfeição:  
 Assim que hum, e outro irmão  
 Taõ bizarros se mostráraõ,  
 Taõ airofos se ostentaraõ,  
 Que quem os vira diffêra  
 Que só tal Prado podera  
 Dar taes flores, que admiráraõ.

Vinha Dom Luis Manoel

Em tudo passando a raya,  
 Porque o Conde de Atalaya  
 He de flores hum vergel:  
 A fama em claro papel  
 Seus louvores só descreva,  
 Minha penna não se atreva.  
 Voar a esfera taõ alta,  
 Porque a eloquencia me falta,  
 Com que de tal Conde escreva.

31.

Dom Diogo de Almeida agora  
 Entra taõ claro, e flammante,  
 Que outro a elle semelhante  
 Não vio o Sol, nem a Auroras  
 Nelle junto nesta hora

Vi quanto se póde ver ;  
 Assim que posso dizer ,  
 Que a nobreza , e fidalguia ,  
 Discricao , e valentia  
 Sempre estaõ nelle em hum ser.

32.

Se de Almeida paralelo  
 Minha Musa quer buscar ,  
 Só outro Almeida ha de achar ,  
 Que he do valor hum modello :  
 Dom Pedro hum forte castello  
 He só adonde se encerra  
 O valor todo na guerra ,  
 O primor todo na paz ,  
 E quem com taes luzes faz  
 Hoje esclarecer a terra.

Rayos de luzes lançando  
 Se ostenta a quadrilha sexta ,  
 Cuja luz he taõ radiante ,  
 Que a vista de hum lince cega.  
 De gemado , e mais de prata  
 Toda a quadrilha se ostenta ,  
 Que he bem que vista gemado  
 Quem he da nobreza gema.

Sendo



33.

Sendo outro Marte alentado

O Conde de Villa Flor,

Vencia com seu valor

Esse Deos Marte afamado

Sempre ferei limitado

Louvando sujeito tal,

A fama, que tanto val,

Dizer póde seus louvores

Com trombetas, e tambores,

No campo do Ameixial

34.

Seu filho seguindo o vem,

E ser grande diz seu nome,

E tambem tem sobre nome

De quem he da gloria o bem:

Logo se em si juntos tem

Para illustrar seu valor

O sobre nome mayor,

Nome de hum Santo taõ grande,

Por mais que o Sol corra, e ande,

Naõ verá cousa melhor.

35.

O Conde de Mesquitella

Rayo de luz resplandece,

Seu fangue illustre enriquece

Cuma virtuosa tella:  
 Assim mostrou luz taõ bella,  
 Que suspenfos os sentidos,  
 Em applausos repetidos,  
 Diz seus louvores a fama,  
 E coroa de verde rama  
 Seus meritos taõ subidos.

36.

Dom Antonio Castel-branco

Branco he de todas as vistas,  
 E em amorosas conquistas,  
 Sempre tem o campo franco:  
 Das graças tem feito estanco,  
 Das gentilezas thesouro,  
 Brilhou como hum piao d'ouro,  
 Taõ nobre como as estrellas,  
 Outro de partes mais bellas  
 Naõ vio o Planeta louro.

37.

Agora suspenfo paro

Admirando na grandeza  
 Da illustre, e grande nobreza  
 De Dom Diogo de Faro:  
 A este prodigio raro  
 De taes partes o dotou  
 A natureza, e o ornou

IV. Part.

P

Tan.

Tanto , que he admiraçaõ ;  
 Pois quanto ha de perfeiçaõ ,  
 Em Dom Diogo cifrou.

38.

O Academico ambicioso  
 Desde hum até outro pollo,  
 Das Musas he novo Apollo,  
 Sempre illustre , e generoso :  
 Quem he este taõ famoso  
 Das sciencias graõ abrigo,  
 Das letras o mor amigo?  
 Ser a fama testimunha  
 Antonio Alvares da Cunha ,  
 O graõ sujeito , que digo.

De Camoens, Virgilio , Homero  
 Será limitada a penna,  
 Se da sétima quadrilha  
 Quizer contar a excellencia.

De prata , e mais de encarnado  
 Brilhava de tal maneira,  
 Que nunca encarnado, e prata ,  
 Mostraraõ mayor riqueza.

39.

A flor da Cavallaria,  
 E da discriçaõ a flor,



O centro do mór valor,  
 O centro da fidalguia,  
 O affombro da valentia,  
 O sujeito mais cabal,  
 Fenis, que não tem igual,  
 Bem sey que todos dirão,  
 Que este excellente varaõ  
 He o Conde de Sabugal.

40.

Louvar de Villar mayor  
 Não posso o raro sujeito,  
 Porque lhe sou mui suspeito  
 Por simpatia de amor :  
 A Sylva taõ superior  
 Do illustre pay as façanhas  
 Louvem , pois que são tamanhas ,  
 Taõ claras , tam manifestas ,  
 Que nas mais publicas festas  
 Sempre admiraõ por estranhas.

41.

Francisco Correa entrou  
 Da Sylva taõ singular ,  
 Que a todos deo que admirar  
 Na grandeza, que ostentou :  
 Taõ bizarro se mostrou,  
 Que quando velo admirava,

O vello gosto causava,  
 Taõ illustre, e taõ perfeito,  
 Que muito, se o fugeito  
 Correa, e Sylva juntava.

42.

**Luiz Francisco de Saldanha**

Era da gala a victoria,  
 Era dos olhos a gloria,  
 Com bizzarria tamanha,  
 Que o amor buscava manha  
 Para naõ ficar rendido,  
 Mas porẽm ficou vencido,  
 E Venus nesta occasiaõ  
 Lhe entregou seu coraçãõ  
 Por seu Adonis querido.

43.

**Diogo Lopes de Souza**

Publica a fama veloz  
 E o mundo todo a huma voz  
 Que naõ ha mais nobre cousa:  
 Louvallo certo naõ oufa  
 Minha Musa, e fico mudo,  
 Porẽm vendo seu escudo,  
 Seu louvor venho a alcançar,  
 Porque em Souza lhe chamar  
 Certo venho a dizer tudo.

44.

O Monteiro Mór caçando  
Vem a todos os sentidos,  
Porque em vello suspendidos  
Todos se estão admirando:  
Tal gala vinha mostrando,  
Tal brio, tal galhardia,  
Que certo que neste dia  
Por varios, e illustres modos  
Deixou rendidos a todos,  
Fez de todos montaria.

Sendo oitava maravilha

Oitava quadrilha entra,  
E de Argos todos os olhos  
São muy poucos para vella.  
Que vista verde me admira,  
Que esperança representa,  
Que quadrilha, que tem tudo,  
Não sey que outra cousa espera.  
Que tambem com ouro brilhe,  
Não he muito me suspenda  
Ver que possa brilhar outo,  
Onde tanto Sol se encerra.

45.

Mostrando sua luz clara

De



De São João vinha o Conde,  
 O Sol de vello se esconde  
 Por lhe ver luz mais preclara:  
 Não andou com elle avara  
 Natureza, e com razaõ,  
 Assim com liberal maõ,  
 De taes partes o dotou,  
 Que he certo as lampas levou  
 O Conde de São João.

46.

Prepara a fama obelisco  
 Augusto, illustre, preclaro  
 A hum sujeito taõ raro,  
 Que he Tavora, e he Francisco:  
 Em louvallo tenho risco  
 De cahir qual Faetonte,  
 A fama sómente conte  
 Seus encomios, e louvores,  
 E seus altos resplandores  
 Por todo o mundo remonte.

47.

As Musas vejo contentes  
 Muito alegres, muito ledas,  
 Porque ao Conde de Sarzedas  
 Louvar querem reverentes:  
 Mas estaõ indifferentes

Se o louvem de graõ luzeiro,  
 Se de insigne Cavalleiro,  
 E em seus louvores confusas  
 Publicaçõ as nove Musas,  
 Que o Conde em tudo he primeiro.

48.

Dom Miguel de alta Sylveira  
 Flor illustre em perfeiçãõ,  
 Como irmaõ de seu irmaõ,  
 Sol se mostrou na carreira:  
 Assim brilhou de maneira,  
 Que a fama logo applaudio,  
 Porque claro Sol luzio,  
 Porque diamante brilhou,  
 Por Marte se mostrou,  
 E porque Adonis se vio.

49.

Cesar, ou nada dizia  
 Cesar que queria ser,  
 Mas nada o veyo a fazer  
 Pedro Cesar neste dia:  
 Porque sua valentia  
 Em tudo taõ acertada,  
 Sua valerosa espada  
 O fez Cesar com razaõ,  
 E em sua comparaçãõ

Cesar

Cesar ficou sendo nada.

50.

Anda a fama pelos ares

Dom João de Castro applaudindo,

O seu nome repetindo,

Com victores a milhares :

Coroas lhe tece a pares,

Da illustre , da verde rama ,

E assim no mundo o acclama

Por illustre descendente

De outro Dom João excellente,

Que foy decimo da fama.

Chegaõ ao Real Terreiro,

Donde da mais alta esfera

As mais altas Magestades

Daõ luz a tantos Planetas.

Tambem sua Alteza a todos

Com sua vista os alenta ,

Que ElRey, Rainha, e Infante

He Sol , he Lua , he Estrella.

Os Soes das illustres Damas

Igualmente os allumea,

Que he alegria dos olhos

Tanta bella Primavera.

Airosos jogaraõ Canas,



Correraõ com tal presteza ,  
Que no mesmo tempo os viaõ  
Estar em partes diversas,  
Exhalagoens os cavallos  
Pareciaõ na carreira,  
Correr , voltar , e parar  
Huma mesma cousa era.  
Acabou se logo a tarde,  
Mas de taõ illustre festa  
Em as idades futuras  
Haverá memoria eterna ,





PEDINDO A FRANCISCO DE MENZAS

Seu amigo, que o soccorra.

*Pelo mesmo Auçtor.*

ROMANCE.

**S**enhora Francisco de Menzas,  
 Hum Romance hoje vos faço,  
 Em que ser Poeta mostro,  
 Em que ser pobre declaro.

Porque pobreza, e Poesia  
 Nasceraõ de hum mesmo parto,  
 E destas Poeta, e pobre  
 Nasci em dia aziago.

E como são tão amigas,  
 E parentes tão chegados,  
 Entre pobre, e mais Poeta  
 Diferença neuhuma acho.

Como pobreza, e Poesia  
 Cantem no mesmo compasso;

E a loucura, todos tres  
 Fazem hum terno estremado,  
 E taõ unidas comigo  
 Todas tres estaõ n'hum laço,  
 Que se naõ canto com ellas,  
 Que com ellas choro he claro.  
 Poeta o vicio me fez,  
 Fez-me louco o tempo vario,  
 A fortuna me fez pobre,  
 Sendo todos meus contrarios.  
 Mas porém naõ sou Poeta,  
 Que este nome taõ preclaro  
 Naõ o posso merecer  
 Por quatro trovas, que faço.  
 Porque ser Poeta hum homem  
 He hum dom muy sublimado,  
 Huma graça gratis data,  
 E hum espirito muy alto.  
 Mas que sou louco varrido,  
 Isso naõ posso negallo,  
 Que as causas pelos effeitos  
 Se conhecem de ordinario.  
 Porque grande louco he,  
 E de juizo bem falto,  
 Quem faz trovas, e faz versos  
 Estando em taõ triste estado.



Po ém : *Quod natura dat,*  
 Nos diz o Latino Adagio  
 Que: *Nemo negare potest,*  
 Assim que estou desculpado.

He certo que melhor fora  
 O ser hum louco insensato,  
 Do que ter algum juizo  
 Para sentir, o que passo.

## D E C I M A.

Porque só perde o juizo  
 Quem sempre juizo tem,  
 Quem a enlouquecer não vem  
 Esse he louco, e não tem fizo :  
 O louco só tem juizo ,  
 Porque o mal, que tem, não sente,  
 Que neste tempo presente  
 Sentir com entendimento  
 Augmenta mais o tormento ,  
 Faz a pena mais vehemente.

Que sou pobre he tão patente,  
 Que não hey mister provallo,  
 E mais quando este Romance  
 Em ser pobre vay fundado:

Tudo isto são rodeyos,

Que eu, Senhor, ando buscando  
Por dilatar o pedirvos,  
De corrido, e envergonhado.  
Porque não sey com que cara  
Pedir possa hum homem honrado,  
Quando sey que he o pedir  
Taõ duro, custoso, e caro.  
Que entre morrer, e pedir  
Acho fora mais barato  
Ao homem honrado morrer,  
Que pedir necessitado.  
Porque he o mal da pobreza  
Taõ forte, e desesperado,  
Taõ cruel, taõ rigoroso,  
Taõ triste, abatido, e baixo,  
Que a não nos fazer a morte  
Taes medos, receyos tantos,  
Oh quantos a tomariaõ  
Da vil miseria obrigados!  
Que não he taõ feya a morte  
Como a pintaõ de ordinario;  
Que vay do pintado ao que he  
O que do vivo ao pintado.  
Que essa anatomia de ossos  
De sangue, e de carne saltos,  
Este cadaver horrivel,

Esse esqueleto mirrado,  
 Essa medonha cáveira,  
 Que mete horror, causa alco,  
 Não he retrato da morte,  
 Se não de hum morto retrato.  
 Que a morte sómente he feya  
 Quando succede em peccado,  
 Mas he muy bella, e formosa  
 A morte do justo, e santo.  
 He a morte hum leve sono,  
 Hum aprazivel lethargo,  
 Doce suspensão das penas,  
 Suave fim dos trabalhos.  
 He a morte hum livro certo,  
 Em que se lem desenganos,  
 He hum amigo fiel,  
 Que a ninguem traz enganado.  
 He a morte hum Surgião  
 Taõ destro, perito, e sábio,  
 Que só com sua lembrança  
 Corta os erpes do peccado.  
 Porque quem della se lembra,  
 E do juizo he lembrado,  
 Do Paraíso, do Inferno,  
 Que não peccará he claro.  
 Que ha mortes muy desastadas



Por ruinas, por naufragios,  
 Por grandes apoplexias,  
 E por accidentes varios.  
 E por isso importa andar  
 Na consciencia ajustado,  
 E ter a conta bem feita  
 Para a dar boa no cabo.  
 Porque a morte não avisa,  
 Quando ha de vir pelo prazo,  
 Nem diz o como, nem quando  
 Para nos ter com cuidado.  
 Ella he quem no combate  
 Sempre com tão livre passo  
 Entra nas choças humildes,  
 Como nos altos palacios.  
 Dalli leva Coroa, e Sceptro,  
 Daqui monteira, e cajado,  
 Que de sua aguda fouce  
 Nem foge o alto, nem o baixo.  
 Porque para ella não ha  
 Lugar algum reservado,  
 Porque em todo o mundo tem  
 Jurisdigaõ, poder, mando,

*Quintilha.*

Que ni al Rey mas subido,

Por-

Porque su tributo cobre,  
Ni al peon abatido  
Lo dexó por escondido,  
Ni le perdonó por pobre.

Felice quem como o cysne  
Da vida chegar ao cabo,  
Porque o branco cysne acaba  
Da vida o curso cantando.

E mais felice mil vezes  
A quem ella achou deitado  
Na sua cama, contrito,  
E chorando os seus peccados.

Mas a morte sempre tarda  
Ao triste, que a está chamando,  
Sendo ás suas queixas surda,  
Sem acodir a seus brados.

Porque nunca para hum triste,  
Com ter azas, vem voando,  
Para huns apressa o relógio,  
Para outros o tem parado

Porque foge a quem a busca,  
Dá a quem lhe foge assalto,  
Deixa a quem de nada serve,  
Leva a quem he necessario.

Leva hum rico, deixa hum pobre,

Deixa hum nescio, leva hum sabio,  
 Do mundo o ornato tira,  
 Deixa do mundo o embarço.  
 Corta huma encarnada rosa,  
 Arranca hum purpureo cravo,  
 Não corta a negra azinheira,  
 Deixa-o rispido carraasco.  
 Rosa bella he qualquer dama,  
 Cravo hum mancebo bizarro,  
 Azinheira a triste velha,  
 Carraasco inutil o avaro.  
 E pois tudo o que he a morte,  
 Tenho dito dilatado,  
 O que seja agora a vida,  
 Mais brevemente relato.  
 A vida he perpetua guerra,  
 Hum continuo sobresalto,  
 Huma inquieta fadiga,  
 He hum mar sempre alterado.  
 Tambem a vida he hum livro,  
 Mas muy mentiroso, e falso,  
 Hum amigo lisongeiro,  
 Que a todos traz enganados:  
 Tambem he hum Çurgiaõ,  
 Mas bem pouco experimentado,  
 Que anda curando por fóra,  
 IV. Part. Q Por



Por dentro os erpes deixando,  
 Mas não sey que tem a vida,  
 Que todos a desejanos,  
 Para prova disto quero  
 Huma fabula contarvos.

C'um feixe de lenha vinha  
 Hum velho muito cansado,  
 Que com trabalho, e canseira  
 Cortado tinha no mato,  
 Elle fraco, o pezo grande  
 Deo logo em terra c'o cargo,  
 Chamando a morte viesse  
 Dar fim a seus annos largos.

A morte veyo correndo  
 Ao velho, e perguntando  
 Que mandas, aqui me tens  
 Muito prompta ao teu mandado.

O velho vendo a lhe disse  
 Medroso, e sobressaltado,  
 Quero que me ajudeis  
 A pôr ás costas o cargo.

Pois se todos querem vida  
 Desde o mais alto ao mais baixo,  
 Desde o mais rico ao mais pobre,  
 Desde o valente ao mais fraco,  
 Deos vo la dé mui feliz

Por annos muy dilatados  
 Com tantos bens , como sempre  
 Vos deseja este criado :

Para que sejais dos pobres  
 Remedio , soccorro , amparo ,  
 Para que sejais dos tristes  
 Conforto , alivio , descanso.

Pois venho agora, Senhor,  
 Meus males comunicarvos,  
 Porque dizem que são menos  
 Os males communicados :

Porisso que será melhor  
 Ao silencio deixallos ,  
 Que mais que a lingua dizendo ,  
 Diz o silencio callando.

Mas foraõ de qualidade  
 Os que passei , e inda passo ,  
 Que até no mesmo silencio  
 Não cabem trabalhos tantos.

Porisso creyo me vem  
 Este mótte appropriado ,  
 Que não vi outro melhor ,  
 Nem de conceito mais alto.

*Solo el silencio testigo  
 Puede ser de mi tormento ,  
 Y aun no cabe lo que siento*

*En todo lo que no digo.*

Hum só dia de tormento  
 Annos parecem muy largos ,  
 Quantos me pareceriaõ  
 Menos dous dias dez annos.  
 Que tantos , Senhor , estive  
 Antes de morto enterrado ,  
 Se hem morto para os gostos ,  
 Vivo para estar penando.  
 Porque de ninguem digo  
 Se não só dos meus peccados ,  
 Porque estes só foraõ causa  
 De todos os meus trabalhos.  
 Mas eu para que me queixo ,  
 Se he meu queixume escusado ,  
 Se he pena de haver nascido  
 O viver sempre penando.  
 Não he minha esta sentença  
 Mas de hum Author estremado ,  
 Que chama ao nascer delicto  
 Na Decima, que traslado.

*Decima.*

Apurar Cielos pertendo ,  
 Ya que me tratais ansi ,  
 Que delito commetti



Contra vósotros nasciendo :

Mas si naci, ya entiendo,

Que delito he commetrido,

Bastante causa ha tenido

Vuestra justicia, y rigor,

Pues el delito mayor

*Del hombre es haver nacido.*

Quando os filhos lhe nasciaõ,

Choravaõ os antigos sabios,

Porque hum homem quando nasce,

Nace sujeito a trabalhos.

Porém quando lhes morriaõ,

Ficavaõ mui consolados,

Porque he dos males a morte

Termo, fim, morte, descanso.

Como o Sol havia ser

Em nascendo hum desgraçado,

No dia que tem principio,

Tendo nesse mesmo occaso.

Que berço melhor se póde

Dar a hum filho desgraçado,

Do que por brincos, e faxas

Da mortalha hum pobre panno.

Primeiro do que eu o disse

Já Lope de Vega Carpio

Na sua Arcadia famosa

Nas coplas, que já relato.

*Nasci pastor, aun que pobre,*

*Oh si plugiera a los hados,*

*Que de mortaja sirvieran*

*Aquellos primeros pañes!*

*Que el que nace para ser*

*En extremo desdichado,*

*Que mas nacer, que morir?*

*Que mejor cuna, que un marmol?*

Padecer hum homem affrontas,

Ruinas, perdas, naufragios

Por acaso, ou por defastre

No mundo he muy ordinario.

Mas não ha mayor desgraça,

Nem mais lastimoso caso,

Do que haver homem, que nasce

Por herança desgraçado.

Ter morgado de miserias

He muito triste morgado;

Mas inda mal, inda negro,

Que he morgado, que tem tantos.

Como estou de posse delle,

De dor, e de pena estallo,

E o coração se me faz,

Dentro no peito pedaços.

Assim peço a Deos me dê  
Paciencia em mal tamanho,  
Como a que quiz dar a Job,  
De quem possa ser retrato







A O M I L A G R E  
 DE S. FRANCISCO XAVIER

Convertendo em agua doce o mar, em  
 que meteo hum pé.

*Do mesmo Author.*

R O M A N C E.

**H** Oje a minha Caballina  
 Será, Santo Xavier,  
 Este mar, que vós tão doce  
 Fizestes com vosso pé.  
 De meus versos a medida  
 Cuido, que certa ha de ser,  
 Porque errar não posso, tendo  
 Vosso pé por pitipé.  
 Quizera, que este Romance  
 Não vos parecesse bem,  
 Que será doce, se vós

Lhe dais com a ponta do pé.

Vosso pé metestes na agua ,  
E ficou huua agua mel ,  
Eu entãõ não tendo sede,  
Bebera o mar por hum pé.

Agua ardente de cabeça  
Quem quizer póde beber,  
Que eu antes, que a melhor Candia ,  
Beberey dessa agua pé.

Muy salgado estava o mar,  
Porém virou dessa vez  
Sem sal, mas com muita graça  
Só com beijar vosso pé.

Seus braços logo juntou ,  
Que he certo que braços tem ,  
E se servio entãõ delles  
Para abraçar vosso pé.

Ainda sendo esse mar magnum,  
Nelle me quero meter,  
Que quando corra perigo,  
Sempre em vós hey de achar pé.

Dayme o pé , que eu vos prometto  
De villaõ não parecer,  
Pois não tomarey a maõ,  
Se vós me deres o pé.

Inda assim, Santo glorioso,

Do pé para a mão irey,  
Porque sempre sobe muito  
Quem se chega a vosso pé.  
Se o mundo me der a mão,  
Certo he no jogo perder,  
E certa tenho a ganancia,  
Quando por vós seja pé.  
Porque se ao mundo seguir,  
Darey comigo ao travez,  
Que o mundo mostra bom rosto,  
Mas dá couce co' seu pé.  
Ao pé cepelo quizera  
Só com vosso pé correr,  
Que ninguem me alcançará,  
Inda que me fique ao pé.  
Daime, Santo, a vossa graça,  
Que se a chego a merecer,  
Certo será, que correndo  
Me hey de ir ao Ceo em hum pé.  
E nelle com vosso auxilio  
Com pé direito entrarey,  
E irey muito descansado  
Com vosso pé ante pé.  
E com tal pé de cantiga  
Espero cantar tambem,  
Que ao Ceo se me ajudares



Farey de janella pé.  
De voffo pé daine os pontos ,  
Que he certo , se os tiver,  
Hey de calçar muito jufto  
Pela forma deffe pé,  
Deffe pé de cravos quero,  
Santo , hum craveiro fazer,  
Que fempre por Saõ Francisco  
Se poem de cravos os pés  
Acabo, porque naõ quero  
Centopea parecer,  
Que se profigo, naõ fica  
Aqui de peffoa pé.





# A H U M A B R I G A

De hum cego, e hum corcovado.

*Do mesmo Auctor.*

## R O M A N C E.

**D**E hum cego, e de hum corcovado  
 Hoje o desafio escrevo,  
 N'um vou á cega lagarta,  
 Noutro vou com grande pezo.  
 N'uma palestra se acharão  
 Os dous a hum mesmo tempo,  
 Hum carregado de espaldas,  
 Outro de colera cego.  
 Vinha o corcovado armado  
 De bacias de barbeiro,  
 Huma trazia nas costas,  
 Outra trazia nos peitos.  
 Com vir nas conchas metido,  
 Parece vinha com medo,

Pois nas conchas com Alongo  
Hum cagado estava feito.  
No cego vejo a razaõ ,  
No corcovado a naõ vejo ,  
Porque he homem , que nunca  
Teve aveslo, nem direito.  
Esgrimio o cego hum páo,  
E andou com elle taõ destro,  
Que em dous angulos obtusos  
As pancadas deo correndo.  
Descarregou de pancadas  
No corcovado hum chuveiro ,  
Porque os chuveiros nos montes  
Daõ as pancadas mais cedo.  
Dar o cego a bataria  
No corcovado era certo ,  
Porque duas eminencias,  
Tinha por onde batello.  
Sem haver pé de pessoa,  
Que a briga estivesse vendo,  
Foy o cego dar c'um páo  
Em dous vultos naõ pequenos.  
Tropeçou o cego nelles ,  
Que he o tropeçar de cegos ,  
E deo de cego pancadas,  
Em dous muy grandes tropeços ;



Pôr no corcovado o páo  
Naõ foy neste cego erro,  
Que em casás, que tem corcovas  
Pôrlhe pontoens he acerto.

Dando na casa dos bicos  
Eraõ os golpes taõ horrendos,  
Que lá no cunhal das bolas  
Soando estavaõ seus ecos.

Sempre hum cego ha mister guia,  
Mas eu neste cego vejo,  
Que naõ ha mister guiado,  
Pois tanger sabe hum camelo.

Com tangerem os cegos bem,  
Este tangeo taõ aveffo,  
Que nas costas de hum laúde  
Deo bordoadas aos centos.

N'um mesmo tempo brigou,  
E acclamou o vencimento,  
Pois sempre na briga esteve  
Os atabales rangendo.

O cego teve a victoria,  
Mas o corcovado he certo,  
Que dos despojos levou  
Os dous alforges bem cheyos.



## C A R T A.

Dando as boas festas a hum amigo , em  
que lhe dá conta da sua pobreza.

*Do mesmo Author.*

## R O M A N C E.

**D**O Espirito Santo agora ,  
Meu Senhor , vos quero dar  
Boas festas , porque em mim  
Tudo he já espiritual.  
Hum espirito estou feito ,  
Porque carne em mim não ha ;  
Nem no corpo , nem na mesa ,  
Por magro , e não ter real.  
Taõ espiritual estou ,  
Que na verdade afirmar  
Posso , que cousas do mundo  
Não vejo dos olhos já.  
Mas he minha natureza

Taõ

Taõ rebelde inda , e taõ má ,  
 Que naõ as podendo ver ,  
 As ando sempre á apalpar.  
 Minha camisa , e ciroulas  
 Muito tem de espirituazes ,  
 Pois sendo de hum panno grosso ,  
 Se me tornáraõ em cambray.  
 Naõ foy tornarem-se nelle  
 Por meu bem , mas por meu mal ;  
 Porque adelgaçáraõ tanto ,  
 Que me vieraõ a quebrar.  
 Taes brechas lhe abrio o tempo ,  
 E lhe fez buracos taes ,  
 Que hum só real de cominhos  
 Nellas naõ posso embrulhar.  
 Mas inda assim neste estado  
 Para isca podem prestar ,  
 Ou para pannos , e fios  
 Das feridas do Hospital.  
 No espirito o gibaõ  
 Quiz a camisa imitar ,  
 Pois se ella cambray se fez ,  
 Elle se faz tafetá.  
 Saõ mais os remendos nelle  
 Do que he o principal ,  
 E de que foy ao principio .



Naõ se pode divizar.

Por espirito a baeta ,  
E por me naõ encalmar ,  
Que em filele se tornou  
Por çafada se verá.

Se ella naõ foy de cem fios ,  
Sem fios já hoje está ,  
Porque os fios deo á tea  
Se antes os deo ao tear.

Com dar os fios á tea ,  
Veyo inda tea a ficar ,  
Mas huma tea de aranha ,  
Que hum assopro a levará.

Ainda assim póde servir  
Para rede de pardaes ,  
Ou para tea de aranhas  
Para mosquitos caçar.

Camisa , gibaõ , roupeta  
Cada qual teve seu par  
De mangas , agora nones ,  
Nem pares tem cada qual.

Inda tem mangas perdidas ,  
Mas naõ tem mangas de achar ,  
De arcabuzeria mangas  
Saõ com que o tempo me dá.

Mangas d'agua me parecem ,

Que se levantaõ do mar  
 Pois só de as ver huma onda  
 Se me vem , outra se vay.

Dellas fiz mangas ao démo  
 Porque manga , que não traz  
 Dentro em si alguma cousa ,  
 O démo a póde levar.

Que depois de festas boas  
 Saõ mangas , ouço contar ;  
 Mas eu antes , depois nellas  
 Sempre em mim as acho más.

Vós Senhor mas fazeis boas ,  
 Pois pelas festas me dais ,  
 Com que coma , e com que possa  
 Muy largas mangas cortar.

No espirito as meyas postas  
 Andaõ muito pontuaes ,  
 Porque tantos pontos nellas  
 Como malhas se haõ de achar.

Naõ saõ os seus pontos de honra ,  
 Nem pontos de cubiçar ,  
 Que pontos em rosto , e meyas  
 Deixaõ muy ruins sinaes.

Nem taõ pouco saõ de gloria ,  
 Pois me causaõ pena tal ,  
 De fumo digo , que saõ ,

Porque me fazem chorar,  
 De fumo são, porque o fumo  
 Vay se para não tornar,  
 E ellas por pontos se vão,  
 Para não tornarem mais.

Os çapatos parecerem  
 De espiritos se achará,  
 Pois com o rosto no chão  
 Andaõ, sem se levantar.

Mas são tão desafolados  
 Que tombos me fazem dar,  
 Mas eu pelos tombos tombas  
 Lhes mando deitar allas.

Só de espirito o chapeo  
 A ninguem parecerá  
 Pelo ver andar tão gordo,  
 E tão ensebado andar.

Mas estar elle tão gordo,  
 E tão ensebado estar,  
 De que meu suor custou  
 He muito claro final.

Estes espiritos todos  
 Vem a ser meu cabedal,  
 Mas espiritos malignos,  
 Que o tempo malvado faz,

Do Espirito Santo vós



Muy boas festas tenhais ,  
Com muitas felicidades ,  
Com vida , saude , e paz.





## A. F. CARRANCA, A,

Que sahio a açoutar , e foy marcado por  
ladraõ.

*Do mesmo Author.*

### R O M A N C E.

**S** Ahio dando ao mundo as costas  
Do Limoeiro o Carrança ,  
Porque sem ser São João  
Mudando estava huma casa.  
Tambem da Alfandega dizem  
Que certos couros furtára ,  
E que por elles o couro  
Lhe çurraõ , e mais a badana.  
De que elle furtou os couros  
He cousa evidente , e clara ,  
Porque nas costas a solla  
Ainda agora se lhe acha.  
Tambem de aslucar furtou

A hum confeiteiro humas caras ,  
 Porém carass lhe sahiraõ ,  
 E sendo doces amargas.

Por ellas , e por furtar

Hum fardo de finas cassas ,  
 Cassa lhe deo hum Alcaide ,  
 E lhe sacodiraõ a farda.

Tãbem dizem que furtara

A hum escrivaõ a prata ,

Mas quem furta a esta gente ,

Dizem , que mil perdoens ganha

De dentro de hum almazem

Levou de arroz huma saca ,

E entaõ ficou papa arroz ,

Pois carregou corpo , e alma.

Furtou a hum boticario ,

Sem saber o que furtava

Huma purga ; porém logo

Deste furto fez descarga.

A hum mercador fez merce

De tomarlhe humas patacas ,

Porque naõ eraõ de pezo ,

E tinhaõ já feito a barba.

Que ha de patacas barbeiros ,

E taõ destros em cerceallas ,

Que lhe fazem a la moda



As barbas ás tizouradas.

Quando furtava as gallinhas,

Tinha tal indúſtria, e traça,

Que deixava a pena ao dono,

Sem as levar depennadas.

De noite taõ cortezaõ

Era, que a quem encontrava

Naõ só tirava o chapeo,

Mas tambem tirava a capa.

Já no furto do tabaco

Parece, que naõ se falla,

Que furto de fumo, e pó

Naõ he furto de importancia.

Sendo que tal pó, e fumo

Estaõ em altura tanta

Que he o tal pó ouro em pó,

E o tal fumo fina prata.

Como em sua casa propria

Pelas alheyas entrava,

Que para elle naõ havia

Nenhuma porta fechada.

Que para suas gazuas,

Para suas chaves falsas

Naõ valiaõ cadeados,

Trancas, ferolhos, aldravas.

Porém sua casa era

Com

Com tantas peças furtadas  
 Casa do ladraõ गयाõ  
 Sendo huma feira da ladra.

Estas proezas diante  
 Hum pregoeiro cantava,  
 E detras delle o carraõco  
 Lhe tocava a saravanda.

Da cintura para cima  
 Muy pobre de roupa estava,  
 Sendo que todos affirmaõ,  
 Que hum novo gibaõ levava.

Era de taõ fina cor,  
 Que parecia esarlata,  
 Que hum brocado parecia  
 Nos altos, que levantava.

Com tanta força o carraõco  
 As costuras lhe affentava,  
 Que ruas de quebra costas  
 Saõ todas as porque passa.

Sahio só do Limoeiro,  
 Mas no cabo da jornada  
 Se achou com mais de duzentos,  
 Que as espaldas lhe guardavaõ.

Mas pouco lhe aproveitou  
 Aos duzentos o guardallas,  
 Pois o fazem homem de letras,

Sendo elle só homem d'armas.

Hum brazeiro foy tinteiro ,

Penna hum ferro feito em braza ,

E segunda vez com elle

Das costas lhe fazem carta.

De antes era conhecido ,

Pela pinta se julgava ,

Porém agora o será

Pela marca , e contramarca.

Por seus serviços lhe deraõ

Em as galés huma praça ,

Mas vay forçado a servilla ,

E a ser Cidadão de Braga.

Tornou para o Limoeiro ,

E hum gibaõ sobre outro encaxa ,

Hum de cordovaõ curtido ,

Outro de olanda frizada.

Veyo abaixo , onde o rancho

Todo junto o esperava ,

E nas unhas o tomáraõ ,

Que as unhas nelles são palmas.

E o copo na maõ correndo

De hum , e d'outro camarada ,

Lhe brindaraõ todos juntos

A la salud de las marcas.

A todos fez a razaõ ,



E com fer a razaõ tanta  
Todos ficáraõ sem ella,  
Tendo razaõ ás canadas,





A F. DANDOLHE HUM BOLO.  
 podre , o qual comido lhe causou huma  
 defenteria.

*Do mesmo Author.*

R O M A N C E .

**A** Hum certo homem se deo  
 Hum bolo podre estremado,  
 Estremado , pois no extremo  
 Ao homem poz , e no cabo.  
 Com ser o bolo muy rico ,  
 Muito doce , e regalado ,  
 Naõ foy regalo das tripas ,  
 Nem foy do ventre regalo.  
 Porque a ellas , e a elle  
 Os deixou em tal estado ,  
 A ellas hum trapo feitas ,  
 A elle pedindo rrapos.  
 Est: só bolo causou  
 Juntos nelle dous contrarios ,

Por.

Porque n'um tempo se vio  
Muy apertado , e muy largo.  
Parece que o bolo tinha  
Canafistula , ou ruibarbo ,  
E que era de Alexandria  
Hum fino assucar rosado.  
Porque com elle ficou  
O senhor taõ bem purgado ,  
Que senaõ bolo de freira ,  
Bolo foy de boticario.  
Sem jogar a arrenegada,  
Estava mais que arrenegado ,  
E como repoz o bolo ,  
Ficou com muy pouco ganho.  
Porém de ganho ficara ,  
Se o bolo comera em Mayo ,  
Porque em Mayo seus effeitos  
Saude saõ para hum anno.  
De cousas muito secretas  
O bolo foy secretario ,  
E assim logo ás necessarias  
A pressa dava despacho.  
Mas se secretario foy ,  
Tenho certo averiguado ,  
Que da Camara não seria ,  
Porque não o foy do Paço.



Sendo que então passo dava  
 A negocios atrazados,  
 E dos rios de Cuama  
 Hia a fazenda alojando.

Poeta o fez muy corrente,  
 Mas porém só neste caso  
 Verso solto, e seguidilhas  
 Faria, papeis borrando.

Nesta occasiã se tratou,  
 Como muy nobre fidalgo,  
 Porque camareiros tinha,  
 E todos muy necessarios.

Ter passaros á janella,  
 Vemos que alguns costumão,  
 Mas hum papagayo verde  
 Elle tinha, e hum calhandro.

Para visto então estava,  
 Porém naõ para cheirado,  
 Sendo que de Calecut,  
 Algalia estava estillando.

Com ser o sujeito pobre,  
 Nesta occasiã foy notado,  
 Que tem muitos servidores,  
 Sem ter nem hum só criado.

Deixou o então este bolo  
 Para outros acautelado;

Porque com o olho aberto  
O fez andar vigiando,  
Bem creyo , que outro não coma ,  
Porque , como diz o adagio ,  
De agua fria toma medo  
Gato , que foy escaldado.





MANDANDOLHE PEDIR,  
que glosasse este mote.

*Destes-me cravos azues.*

*Do mesmo Author.*

R O M A N C E.

**T**Udo, quanto for possivel,  
 Senhor André Escofer,  
 Hey de fazer por servirvos,  
 Por darvos gosto farey.  
 Mas porém hum impossivel  
 He cousa, que ninguem fez,  
 Assim mal posso fazer  
 O que nunca fez ninguem.  
 Faz-se o que he difficultoso,  
 Naõ o que impossivel he,  
 Que naõ he cousa impossivel  
 O que se póde fazer.  
 Mandais me glosar hum mote;

Que



Que dous impossiveis tem ,  
Que he haver cravos azues ,  
E azues consoantes ter.  
Por ver se achallos podia ,  
Da memoria no armazem ,  
Dey hum balenço , mas nelle  
Consoantes não achei ,  
Vós tirasteme os tafues ,  
E fizestes muito bem ,  
Porque gente que se perde ,  
Pouco vay em se perder.  
Já vi cravos d'Arrochella ,  
E Almirantes vi tambem ,  
Vi encarnados , e brancos ,  
E vi mesclados haver.  
Vi de Tunes , e amarellos ,  
Mas porém não os cheirei ,  
Que não são para cheirados ,  
E só servem para ver.  
Tambem cravos de balona  
Vi pelos campos nascer ,  
E ha muitos sem serem cravos  
Com balonas a la tré.  
Tambem vi cravos no rosto ,  
E de calos vi nos pés ,  
E cravos de ferradura ,

Que

Que muita gente ha mister;  
 Que ha gente, que come paõ,  
 Devendo palha comer,  
 E por isso no Terreiro  
 Taõ caro o trigo se vé.  
 Vi pequenas clavellinas,  
 Que antes huelen, que se ven;  
 Que naõ só as violetas  
 Tal propriedade tem.  
 Solas de cravos passadas  
 Mariolas vi trazer,  
 Porque para o pé candeu;  
 Dizem que de dura he.  
 E porque isto para hum cego  
 Parece já muito ver,  
 Os cravos quero deixar,  
 E a glosar o mote irei.







FABULA DE ALPHEO, E ARETHUSA

*Composta pelo Licenciado Manoel Pinheiro Arnaut, Advogado da Casa da Supplicação.*

Offerecida ao Excellentissimo Senhor

HENRIQUE DE SOUSA TAVARES

Conde de Miranda, Governador da Relação, e Casa do Porto, e das Armas da mesma Cidade, e seu distrito, e depois Marquez de Arronches.

DEDICATORIA.

**E**Xcelfo Conde, a quem a augusta fama  
A terra demarcando, e o Ceo medindo  
Inculca generoso, e sabio acclama  
Gala da Corte, e Cortezaõ do Pindo:  
Vós, a quem para o throno Apollo chama,  
Quando ao metro, e aos rayos conferindo,

*Fabula de Alpheo, e Arethusa* 275  
O louro vos conagra, entrega o sceptro,  
Que em rayos o assombraes, véceis no metro.

Mais alto Apollo em vós, Mecenas grave,  
Humilde invóco, elejo reverente  
Para alento feliz do canto suave,  
Defensa illustre do maligno dente:  
Lá virá tempo, em que, apurando a clave  
De vós cante, se a Musa me não mente,  
De sorte, que por vós, não pelo canto,  
Dê ciumes a Homero, a Horacio espanto.

Ouvi de Alpheo, e Arethusa hum pouco  
( Pois que vós me mandais ) cantar careta,  
Claro porém com tudo em nada rouco,  
A pezat de algum critico Poeta:  
Se eu posso dizer termo bebe louco,  
Porque direi demente liba meta?  
Defendeime Senhor, prestaime alento,  
Que os diques solto á vea, a voz ao vento.

Jaz hũ bosque em Arcadia, ou não sey donde,  
Que eu não posso de tudo estar lembrado,  
Taõ confuso na sombra, em q se esconde,  
Que nunca foy dos rayos penetrado;  
Pela boca da noite he que responde,



Quando a manhã vay darlhe algũ recado,  
Sendo com tão boçal fisiognomia  
Espantalho do Sol, coco do dia.

2.

Era de Julho a mais fogosa tarde,  
Em que a todo o villaõ sua o topéte,  
Grita a cigarra, que nos ramos arde,  
Na cova o grillo a estrugir se mete,  
Quãdo a bella Arethusa, que Deos guarde,  
Tenha maõ o leitor, não se inquiete,  
Que eu a retrato já, pois não se escula,  
Aparem lá o retrato de Arethusa.

3.

Mas se com meu engenho tanto avanço,  
Que hoje venha a acertar por maravilha,  
Ha de ser a pintura de relanço,  
Ha de ser o retrato por tablilha;  
Que juro na verdade, que me canço  
Com ver sempre hũs cõceitos de quadrilha,  
Cuidando he facção grande, empreza rara  
Investir huma dama cara a cara.

4.

Sobre pôr ella ao Sol varios apódos,  
Que não deixa tambem de ser traveça,  
Teve bulhas com elle, e dizem todos,  
Que veyo o Sol a darlhe na cabeça:

Tam

Tambem a rapariga por seus modos  
(Para que de valente se engrandeça)  
Batalhou com a neve sobre hum monte,  
E os quarteis assentáraõ fronte a fronte.

5.

A belleza, com quem só teve entrada,  
E as mais todas despede para velhas,  
Tanto que a vio a moça, de admirada  
Arqueou á belleza as sombrancelhas;  
Buscoulhe hum exemplar para imitada,  
E nada achou abaixo cá das telhas,  
Para o Ceo advertio, e sem refolhos,  
Foy dar com as estrellas logo de olhos.

6.

Louvou a huma affucena antes que abrisse,  
Huma manhã da fresca Primavera,  
Riose a fonte, que estava perto, e disse,  
Tão boa como os seus narizes era:  
Duas rosas, porque ella se não risse,  
Quizeraõ dar seu pique, mas severa  
Mandou a huma, e outra se callasse,  
Porque estava o remoque muito á face.

7.

Porlhe faltar o alento, de que viva,  
Por lhe faltar a gala, que lhe toca,  
Pediolhe esmola hum cravo, e compassiva,

Por

278 *Fabula de Alpheo, e Arethusa*

Por lha dar, a tirou da propria boca:  
Sem poder de seus brios, por astiva,  
Tanto na bella graça se equivoca,  
Vendo a huns jasmins em tudo peregrinos,  
Os tomou logo ao collo por mininos.

8.

Esteve Cresso hum dia em sua casa,  
E ambos sobre mesa armarão jogo;  
Mas a moça, com quem ninguem fez vasa;  
Em duas mãos lhe ganhou a prata logo:  
E com isto o retrato fique á rafa,  
Quem deve, ou roga, ou paga, eu porém rogo  
Ao leitor, que me espere no contrato,  
Que ás pagas lhe irei dando este retrato.

9.

Porém onde ficámos hum anno?  
Mas ah sim, já me lembra, inda que tarde,  
Cuido dizia eu lá; se não me engano,  
Quando a bella Arethusa, que Deos guarde:  
Ora firzamos o retalho ao panno;  
Para fazer de si pomposo alarde,  
Sahio bella a caçar, bella repito,  
E foy ao dito bosque affirma dito.

10.

De rosas o chapeo todo enfeitado,  
O jubaõ outro tanto justamente,



A saya com seis dedos de tomado,  
Do hombro a aljava com desdem pédente,  
A setta bem metida, o arco armado,  
A vista perspicaz, e o pé corrente,  
A matar, e a render animaes broncos  
Penetra os ramos, examina os troncos.

11.

Eis que a breve distancia, a espaço breve  
Cruzando-se diante da minina  
A fogir a perdiz já mais se atreve,  
E já mais a correr o coelho atina;  
Antes pelo cruzado ou grave, ou leve  
Hum tece as danças, outro o canto afina,  
E se ella a corda ao arco lhe provoca,  
Já pelo atravessado a todos toca.

12.

Quantos das settas são acometidos,  
Quantos são de seus olhos fulminados,  
Não só ficaõ do ferro mal feridos,  
Porém ficaõ dos rayos bem affados;  
Com q̃ a hũ tẽpo em extremos repetidos,  
Quem desta sorte os olha atravessados,  
Julga, sem serem termos indiscretos,  
Que as settas não são settas, mas espetos.

13.

Nenhum vivente o ar, e o campo ofenta;  
Contra



280 *Fabula de Alpheo, e Arethusa*

Contra quem os seus tiros não affeste,  
 Pois não só delles come, e se alimenta,  
 Porém também de muitos calça, e veste:  
 Pelo Inverno aos arminhos, q̃ atormenta,  
 As martas, e os castores a que investe,  
 Tratando deshumana de esfolallos,  
 De hũs vestidos cõpoê, de outros regallos,

14.

Da mais caterva, da grandeza toda,  
 Veados, javalis, urfos, abadas,  
 Os barbaros despojos accommoda  
 Em final das victorias afamadas;  
 Manchadas pelles pela casa em roda,  
 As testas brutas no portal cravadas,  
 Faz daquellas ornato, e brazaõ destas,  
 Pelles panos de Raz, armas as téstas.

15.

Naõ só para animaes se arma atrevida,  
 Mas até para homens rigorosa,  
 Sendo a bella moçacha a toda a vida  
 Pistolla de jasmim, punhal de rosa,  
 E passando ainda os termos de homicida,  
 Fogo introduz nos rios poderosa,  
 De que mostraõ, ardendo em viva fragoa,  
 Escumas de fervor ao lume da agoa.

Passa junto do bosque hum rio manso ,  
Que das sombras parece que tem medo ,  
E á falta de salgado leva hum ranço  
Da areia, assim da altura deste dedo :  
Pobre affirmão, que vay todo o remanso ,  
Tambem do mal da gota he q̃ vay quedo ,  
E mais de hum par de duzias de Poeta ,  
Dizem que já o pobre anda em muletas

Na aljava a aguda setta reportada ,  
Do arco a liza corda remetida ,  
Da suavidade do crystal brindada ,  
Dos sopros do Favonio persuadida :  
Em a areia arrojou toda a caçada ,  
E assentouse na margem divertida ,  
Sendo em bella razaõ , sabio pretexto ,  
Muito mais clara a margem do que o texto.

Tirou de hum lenço atado á cinta hum doce ,  
Com q̃ afugenta a fome , e a sede espanta ,  
Eu bem queria de acidram , que fosse ,  
Mas pede o consoante diagarganta ,  
Desculpou-se com dizer trazia tosse ,  
Que hũ grande estillicidio hoje a quebranta  
E não me ha de sahir o dito louco ,

Que

282 *Fabula de Alpheo, e Arethusa*

Que huma fonte ha de abrir daqui a pouco.

19.

Já o Sol arlcquim por toda a linha ,  
Que inda he mais que maroma, desframête,  
Sem tropeçar n'hum ponto andado tinha,  
Indo banhar-se ás aguas do Occidente :  
Quando a moça, q' o proprio lhe convinha,  
Hum banho se quiz dar nesta corrente ,  
Dizendo , se não fora inda a seu brio  
Para tão grande Sol tão curto o rio.

20.

As fitinhas desfata dos sapatos ,  
E dá com elles fora , mas por certo,  
Que devi.õ custarlhe bem baratos ,  
De rotos não podiaõ ter concerto :  
O jubaõ desfobriga dos recatos ,  
Livra a saya , e camiza igual do aperto ,  
Dá cá moço o pincel para o que falta ,  
Depressa , que já a moça na agua salta.

21.

Oh que excellencias daqui vejo agora !  
Quem não disser q' a moça he muita bella,  
Dirá que não he alva a mesma Aurora,  
Porá hum testemunho n'huma estrella :  
Folha a folha as mosquetas, não se ignora,  
Que estaõ todas n'hum corpo cõ a donzella,  
Quando



Quando igualmente em candidos espaços  
Com duas roscas de leite andava a braços.

22.

Contra o puro crystal do mesmo rio,  
Por se fazer guardar altos respeitos,  
Com duas pelias de neve a desafia,  
Tambem toma este caso muito a peitos:  
Medirse já com ella por hum fio  
Naõ pode cada qual de meu conceitos,  
Pois o mais delicado se o procura,  
Quando muito lhe chega até a cintura.

23.

Naõ pinto o que debaixo se convida,  
Por quanto para abono julgo, e creyo,  
Em cousa, em que naõ póde haver sahida,  
Deixalla, como está, he melhor meyo:  
Fiz-me corado? Naõ; mas que entendida  
Se está rindo ella agora deste enleyo,  
Pois tambem co alabastro, a quem governa,  
Vejo estar esta moça muy de perna.

24.

Com isto a pintura lhe remato,  
Sabendo em tantas graças que lhe aponto,  
Que me naõ dá por seu capricho ingrato  
Para mais fallar pé, e faço pontos  
Tenho pago ao leitor todo o retrato,

Peco-

284 *Fabula de Alpheo, e Arethusa*  
Pegolhe a quitação, bem que em desconto,  
Se elle a vira, ficara por ventura  
Mais pago do exemplar, que da pintura,  
25.

Saltou no rio a moça diligente,  
E amante o rio a mete no seu seyo,  
E crescendo outro tanto de contente,  
Pelo mundo quer ir dar hum pasleyo:  
Porém taõ grande febre o rio sente,  
Que de empolas já mostra o corpo cheyo,  
E se ao medico as aguas lhe mostrara,  
Differa, que da vea se sangrara.

26.  
Quem vio a toda a prova de evidencia,  
Por fugir do desmayo ao Sol furtarse  
A assucena, que guarda continencia,  
Na ambula de crystal depositarse:  
Pode jurar com muito sã consciencia,  
Sem que escrupulo faça ao confessarse,  
Que vio a moça entre os crystaes serenos,  
Assim como eu a vi, nem mais, nem menos.

27.  
Oh que nescia foy sempre a formosura,  
Quando só nos perigos se deleita!  
Pois não vé que he ruina o que procura,  
E que contra si propria os males peita:

*Fabula de Alpheo, e Arethusa* 285

Se nos melindres de alfenim se apura,  
Se de pedra de sal na graça he feita,  
Soborna o damno, e lisongea a magoa,  
Quem foy da agua o sal, o alfenim da agoa.

28.

Daqui a hum quarto de hora me perguntem,  
(E se lerem depressa, ha de ser antes)  
Quando este ponto áquelle caso ajuntem,  
E a veraõ derretida em dous instantes:  
Já do Galhano he bem se desconjuntem  
Os globos, os compassos, e os quadrantes:  
Que eu prognostico ao certo, nestas danças,  
Nuvens, alteraçoes, aguas, mudanças.

29.

Como o rio não teve em si cautella,  
Viose em vivas chamas abrazado,  
Vendo de porta a dentro a moça bella;  
Andava em pensamentos areado:  
Elevado das prendas da donzella,  
E do seu mesmo ardor em fim levado,  
Quiz mostrar no que adora, e no que sente,  
Que para amar tambem hum rio he gente.

30.

Sahio Alpheo de si com seus sentidos,  
Sem que para fallar faltasse nada,  
Cabelleira de limos bem compridos,

E da



286 *Fabula de Alpheo, e Arethusa*

E da area melhor polvorizada:  
Os bigodes de juncos retrocidos,  
E a barba de espadana prolongada,  
E em toda a organizada simetria  
Hum velhaco escamado parecia.

31.

Para fazer o assalto enamorado  
Foy logo muito manso o dito moço  
E quando se mettia reparado,  
Escoava-se logo muito ençoço:  
Tornava a apparecer determinado,  
Outra vez se escondia té o pesçoço:  
E porque mais luzir seu amor polla,  
Hia buscar por baixo da agua a moça,

32.

D: entre huns verdes salgueiros emboscado  
Hum melro curioso os espreitava  
Com dissimulaçoens muito callado,  
Para ver o successo em que parava:  
E quando vio o moço abalançado,  
E que por muito pouco lhe pegava,  
Deo logo o dito melro hum asovio,  
Voltou ella, e Alpheo perdeu o feitio.

33.

N'um altopro tirou os pés a seco,  
Poz a minina em terra os pés n'um brinco,

E zom

E zombando da farça, e do embleco  
Deo huma sapateta, e hum grande trinco;  
Alpheo, que era magano, e nada peço,  
E sabia muy bem quantos são cinco,  
Para dar a carreira se concerta,  
Quanto as pernas estende, os pés aperta.

34.

Menos a lebre iguala o tiro ao rayo,  
Menos ao vento o curso o galgo imita;  
Do que Arethusa corre de foslayo,  
Do que Alpheo a carreira sollicita:  
Pezarmcha se lhe der algum desmayo,  
Por ser a rapariga bem bonita,  
Mas vou atraz com doce, e pucarinho,  
E sendo o que elles dizem de caminho.

35.

Espera ( Alpheo lhe grita ) corresponde  
A quem só por te amar se dá tal preçe;  
Naõ quero, sou donzella ( lhe responde, )  
E espero em Deos q̄ hey de morrer em peça;  
Donde mora isto de donzella, adonde?  
Quem te meteo tal cousa na cabeça?  
Velhices deixa, ao tempo te acomoda,  
Anda á larga, que isto he andar a moda.

36.

Acenava com a maõ, que naõ queria;

Que.



Que não sabe gastar mais comprimentos,  
 E ambos se encareciaõ á porfia,  
 Elle hum pé de agua, ella hũ pé de vento;  
 Tornava elle a bradar, e lhe dizia,  
 Minina celebremos casamento,  
 A boda se prepare, e o mais se apreste,  
 Corrido o banho está já, tu o correste.

37.

Filho sou desse Deos, por quem me animo,  
 Que ao tridente diáfano aparelha,  
 Humas vezes de scetro, outras de arrimo,  
 Por ieu alto reinado, e idade velha:  
 Assã, e come os pescados de seu mimo,  
 E entãõ faz delle garfo, entãõ faz grelha,  
 Só tem de mariola, para as cargas,  
 Os braços grandes, quanto as costas largas.

38.

Minha mãy não tem menos qualidade,  
 Que hẽ fulana da rocha, que alli mora,  
 Calva tambem, por ser de muita idade,  
 Triste de mim, se me ella ouvira agora:  
 De casas muito illustres na Cidade  
 Se jãsta de haver sido a fundadora,  
 Com sogros tão cabaes, que he bem se apôte.  
 Que antes sejas tu nora, do que eu fonte.

Não

39.

Não sou tão feyo, nem tão mal composto,  
 Ainda que feito assim com tantas peças,  
 Não errey os encaixos deste rosto,  
 Nem vesti esta pelle das aveças:  
 Ajustados os membros no seu posto,  
 Em seu lugar unidas esta peças,  
 Hum homem de repente assim formado  
 He melhor, que o minino mais pensado.

40.

Se o Paço este meu vulto, e o meu talento  
 Como corpo de livro me revira,  
 Sem que em nada tivessẽ impedimento,  
 Licença de correr me permittira:  
 Por me censuras fora nescio intento,  
 Acharme erratas fora vã mentira,  
 Tudo em mim notaria, que approvasse;  
 Porém nada haveria que taixasse.

41.

Mas ay que esperas só, que te apresente  
 Alguma rica prenda o meu cuidado,  
 Oh mão fim tenha quem amor consente,  
 Que seja mais vendido, que vendido:  
 Porém se ha cousa em mim, que dignamête  
 Alcance algum lugar no teu agrado,  
 Farei de tudo o que eu tiver estudo,

IV. Part.

T

Com



290 *Fabula de Alpheo, e Arethusa*

Com que a pedir de boca tenhas tudo.

42.

Darte hey, já q̃ não queres de outro modo,  
E entendes que no dar amor se apoya,  
O favel recheado de ovas todo,  
O roballo, que leva ao fundo a boya,  
A cumba, que ao revez papa o engodo,  
O barbo, que c'ò a rede usa tramoya,  
A eiró, que o papel das ondas pauta,  
E a lamprea, que traças tem de frauta.

43.

Mais te darei, se tanta fê mereço,  
A tainha barata pelo custo,  
A truta, que he de graça a todo o preço,  
O peixe rey, que o nome lhe vem justo,  
O cágado, com quem tudo te offreço,  
Pois se vás esfalfada neste susto,  
Quando em fugirme o teu rigor se apura,  
Consinto já nos males pela cura.

44.

Darte-hei mais, porq̃ o meu amor se crea,  
O mugem, que no vaõ da lapa habita,  
A fataça, que as ondas senhorea,  
A boga, que a veyá da agua sollicita,  
Das redes sacodidas em a area,  
Hum soluça, outro salta, outro palpita,  
Estes,

*Fabula de Alpheo, e Arethusa* 291

Estes, e muitos mais, se tu quizeres,  
Com querer sejaõ teus, tens o que queres.

45.

Não te darei minina muitas sedas,  
Porque dar não costume o que não tenho,  
Como algum, que não logra taes moedas,  
E faz receita de tres mil de empenho:  
Porém quando hum favor tu me concedas,  
Te prometto inda assim por desempenho  
Para quatro porpoens, hum par de enaguas  
Córtes de lama, chamalotes de aguas.

46.

Tambem tenho na India alguns parentes,  
De quem espero herdar fazenda grossa,  
Menos minha será que dos teus dentes,  
Chamarlhe-has sempre tua, e nunca nossa:  
Que dizes moça? Aceita meus presentes.  
Fallas tu pédra? Assim fallava a moça;  
Folgo por vida minha, que assim seja,  
Já que vay contra o mesmo, que deseja.

47.

Mande elle perguntar ao rio Nilo,  
Que por parente he força lho não negue,  
Se segue a quem lhe foge o cocodrilo,  
Se foge o cocodrilo a quem o segue?  
E verá na mulher o mesmo estilo,

T 2

Quan.

292 *Fabula de Alpheo , e Arethusa*

Quando menos seguida mais entregue,  
Que por bom modo já no mundo de hoje  
Foge della o que a segue , quando foge.

48.

Com tudo isso homem feito este barbado,  
Ha quem diz, que não era muito tolo,  
Pois para se fazer de pé forçado  
Jogo tinha bastante para o bollo :  
Hum dos tres matadores agarrado  
Na mão leva para não repollo ,  
Nem manilha , ou espadilha era por fama,  
E era outro não sei como se chama.

49.

Vio hum real ferrugento na carreira  
A Ninfa , e por mostrar o de que gosta,  
O levou com destreza da primeira ,  
E se arremeça a elle pela posta :  
Por hum real se dobra interesseira ,  
E a desculpa que dá he bem composta ,  
Não ser muito, em que pouco seja o cobre,  
Que á pessoa real o joelho dobre.

50.

De correr Arethusa se cansava,  
E o cansar de correr em Arethusa  
Já nesse tempo entãõ se costumava ,  
Como agora tambem neste se usa :

E pre-



*Fabula de Alpheo, e Arethusa* 293

E presentindo os riscos, em que estava,  
A lingua balbuciente, a voz confusa  
Por Diana assim chama em tanto aperto,  
Dem lugar, que vou ouvilla de mais perto.

51.

Diana peregrina, alta deidade,  
Que Mayos vives sem temer Agostos,  
E tens para admirar em toda a idade,  
De bella os cargos, e de casta os póstos:  
Se de amiga te abonas com verdade,  
Inda que sejas femea de tres rostos,  
As amigas lezes, porque o mereças,  
Em as pressas se vem, bem vês as preças.

52.

Naõ debes de ignorar o quanto zélo  
A honra (em q̃ os dezejos bem me comem)  
E ainda assim naõ bastando a encarecello,  
Quem me vir, dirá corro com este homem:  
Desta suspeita a teu favor appello,  
Descalça naõ consintas que me tomem,  
E quando seja tal minha mofina,  
Daqui a nove mezes vem Lucina.

53.

Bem te lembra Acteon quando atrevido  
Por te dar noutro banho huma assaltada,  
O armaste pontualmente de marido,  
Como

294 *Fabula de Alpheo, e Arethusa*

Como se tu aprenderes a casada :  
Se o decoro sentiste ver perdido ,  
E Alpheo me vay correndo a piogada ,  
Pois quer lhe pague, sem q̄ beba, ou coma,  
Ou me dá teu poder, ou meu mal toma.

54.

Acode, que me affombra este insolente ,  
Naõ caya em maõs de hũ barbaro taõ rudo,  
Que no talhe parece papagente ,  
E a voz menos de rio , que de afflude :  
Se naõ queres acafo , ou estás doente,  
Manda a Orfeo dedilhar no seu laude ,  
Pois dizem , que em sonoros desafios ,  
Faz os montes correr , parar os rios.

55.

Oh quem para fugir deste birbante ,  
Vendo assim que já vay de foz em fora ,  
Neste campo encontrara o rocinante ,  
Que he força que no verde ande elle agora!  
Boa facção de hum cavalleiro andante ,  
Naõ dirás Dom Quixote aonde mora ,  
Que águiza de esforçado na estacada  
Mantenha o duello desta sombra honrada?

56.

Livrame deste nescio parvo , e tonto ,  
Que ao antigo namora , ao vil pertende ,

Como

Pois

*Fabula de Alpheo, e Arethusa* 295

Pois não lhe ouvi atégora nenhum ponto  
De construe candor, deliquio explende:  
Ay quantos barbarísimos, que lhe conto,  
E que pouco de amor as leys entende!  
Venha hum critico embora, e tome a posse,  
E não este letrado de agua doce.

57.

Pór escola de contas só podia,  
Pois da regra de tres he tanto amigo,  
E para me tratar de companhia  
Dos quebrados o mal não tem comigo,  
Diminuir em si mostra á porfia  
Por querer repartir seus bens comigo,  
Mas temo que ao somar tudo o q̄ monta,  
Só do multiplicar faça elle conta.

58.

Mas se tu me defendes, nada temo,  
Por mais q̄ corra, e muito mais q̄ possa  
Este *bas*: oh máo grado tenha o de mo,  
Boa a hia fazendo agora a moça!  
Tropeçou no varal daquelle remo,  
E como de roliça passe a grossa,  
Indo a dizer por junto este basbaque,  
O *bas* hia dizendo, e dando o baque.

59.

Quasi quasi: na moça que pegava

Alpheo



296 *Fabula de Alpheo, e Arethusa*

Alpheo, péga naõ péga na donzella,  
 Por huma unha negra a biliscava,  
 E por hum cabelinho a escarapella:  
 Gritou Camoens lá donde quer que estava,  
 Vendo ir de verga d'alto o moço á vella,  
 Amaina, amaina, diz, que o vento crece  
 Daquella nuvem negra, que apparece.

60.

Ella que chega, quando no ar discorre  
 Ligeira nuvem de hum semblante f'yo,  
 Sobre ella cavalleira á p'essa corre  
 Diana, sem trazer esp'ora, ou freyo:  
 A Arethusa de Alpheo logo soccorre,  
 Pois a Alpheo, e Arethusa de permeyo,  
 Qual cõ montante o senhor mestre af'ita,  
 A nuvem lhe metteo, e disse basta.

61.

Ficou Alpheo pasmado hum grande espaço,  
 Formando mil discursos de aturdido  
 Sem ver mais nada, nem dar mais hũ passo,  
 Assombrado da nuvem, do ar tolhido:  
 Vio se todo abrazado este madraço,  
 Vendo em nuvens o Sol todo embedido,  
 Quando o Sol entre nuvens cõ mais reima,  
 Toستا o couro, assa a carne, o sangue queima.

Parou a moça logo da outra parte,  
Tanto que não sentio atraz passadas,  
Dilata a vista, a admiração reparte  
Por aquellas tramoyas pendurads:  
O remedio experimenta, ignora a arre,  
Parecendolhe fabulas sonhadas,  
E para o grande aperto, a que se anima,  
Como vinda do Ceo a Diana estima.

Firmarse bem nas pernas de fraqueza,  
Arethusa, com tudo mal se atreve,  
Banhada em suor frio esta belleza,  
Mais ao mortal, do que ao vivente deve:  
Diana então deixando a á natureza,  
Sendo rosa gentil, candida neve,  
Com permittida ley, pensaõ forçosa  
Neve se derreteo, distillou rosa.

Menos em si de cada vez estava,  
Fóra de si de cada vez se via,  
Por si propria a si mesma perguntava,  
A si mesma ella propria respondia:  
Aquillo, que entendia, isso ignorava,  
E duvidava aquillo, que sabia,  
E em quanto se explicava de chimera,

Era ella propria a mesma, que não era

65.

Pelos pés começou este portento,  
 De lhe faltar hum pé fez grande espanto,  
 Pezame o ter taõ baixo pensamento,  
 Que por cousa taõ pouca faça tanto:  
 Não deo menos sinaes de sentimento  
 De que o pé lhe não deixem neste encanto,  
 Porém não tem razão no que procura,  
 Porque nunca fez pé agua taõ pura.

66.

Sentio-se pelas pernas taõ molhada,  
 Que imaginou de si, que se esquecera,  
 E que alguma fraqueza costumada  
 Por culpa de seu medo commettera:  
 Acodio com as mãos logo apressada  
 Para saber ao certo o que fizera,  
 E olhando para as mãos vio sem espichos  
 Em lugar de dez dedos, dez esguichos.

67.

Foy pôr as mãos nos olhos de sentida,  
 E eis saltaõ de agua os olhos de repente,  
 Dos olhos logo ás fontes conduzida,  
 Torna as fontes perennes juntamente:  
 Discorre pelas veas repetida,  
 E desatar em agua as veas sente,

Sendo



*Fabula de Alpheo, e Arethusa* 299

Sendo pelo que péga, e lavra em breve,  
Contagio de crystal, cancer de neve.

68.

Em taõ bello composto transformado  
Bulhava tudo, e nada estava quedo,  
De aguas vivas em fim tudo minado  
Se passava a palavra a tanto medo:  
Até o real, que havia levantado,  
E hum anel, que levava no seu dedo,  
Em tanta confusão, e em tanta magoa  
Anel de agua ficou, se vio real de agua.

69.

Vendo Diana entaõ que para fonte  
Ser mostrava Arethusa boa peça,  
Para que entre as mais celebres se conte,  
Disse pondolhe a maõ pela cabeça:  
Desde hoje a esta moça o valle, e o monte  
Para os servir por fonte a reconheça,  
De que mando passarlhe huma patente  
Dada em Arcadia a tantos do corrente.

70.

Abrio a terra hum olho taõ profundo,  
Hum buraco ha de ser, que tanto monta,  
Que parece de parte a parte ao mundo  
Passava, qual se fora o mundo conta:  
Os termos da verdade não confundo,  
Quando

300 *Fabula de Alpheo, e Arethusa*

Quando para occultarse a toda a afronta,  
Entrou por elle abaixo sem desvio  
Arethusa escorrendolhe a agua em fio,

71.

Convertida ficou por novo alento,  
E em seu recolhimento em fim metida  
Não cuidou nunca o tal recolhimento  
De vir a ter tão bella recolhida:  
A nuvem levantou n'um pensamento  
Diana pelos ares despedida,  
E Alpheo se vio no extremo do que perde,  
Com gostos de quem prova fruta verde.

72.

Qual nos campos o astuto caõ de caça,  
Furtada a lebre, o corpo não socega,  
Parte fazendo de justiça praça,  
Com vara alçada erguendo o rabo chega:  
As testemunhas tira na devaça,  
O tojo a encobre, o rosmaninho a nega,  
Juraõ todos por ella, mas só elle  
Anda jurando á lebre pela pelle.

73.

Assim o triste Alpheo desatinado  
Bate de raiva o pé, muda de cores,  
Trazendo a todo o corpo ameaçado,  
Inquire os troncos, e examina as flores:

Naõ

Naõ acha informaçoens de seu agrado,  
Repete a diligencia em seus favores,  
Hum perro andava feito, mas sem erro  
Inda a moça lhe dá mais grande perro.

74.

Deitose em terra, applicou o ouvido,  
E ouvindo murmurar lá dentro logo,  
Disse bem saudoso, e bem sentido:  
Por aqui vay a agua de meu fogo:  
E para melhorar o seu partido  
Mudou de trage, e variou de jogo,  
Despio-se de homem, por buscar seu centro,  
Em rio se tornou, meteo se dentro.

75.

O que dentro passáraõ naõ relato,  
Ao q os olhos naõ vem nunca me obrigo,  
Verdade em meus papeis he o que trato,  
Costume, que observei, primor que sigo:  
De Sicilia, onde tenho algum contrato,  
Por carta espero, e huns moyos de trigo,  
Conforme por aqui Ovidio mente  
Lá devem de ir sahir correntemente.

76.

E já com isto de Alpheo, e Arethusa  
A verdadeira fabula fenece,  
Suado de gritar me aperta a Musa

Hum



302 *Fabula de Alpheo, e Arethusa*

Hum toucador de linho no cabeça:

A roupa, e os coelhos de confusa

Deixou na praya a moça, e a toda a preça

Vou lá, e para a ceya, que me poupa,

Levo os coelhos, e recolho a roupa.





POESIAS VARIAS  
DE  
ANTONIO BARBOSA BACELLAR.

*Em consideração de hum rio.*

SONETO.

V Es este, ó Fabio, que el crystal ufano  
Rico de perlas, rio bien nascido,  
Despierta blando con sutil ruido,  
Dulce Sirena del sentido humano?  
Pues arrojado al mar, al Oceano  
Camina a sepultarse en justo olvido;  
De lo dulce, que eterno ha presumido,  
Verá que ha sido presuncion en vano.  
Retrato, ó Fabio, de la pompa humana!  
Por lo dulce no goza de una vida,  
Quando lo amargo siente de una muerte:  
Ay de aquel, que se fia en pompa vana!  
Pues es, Fabio, la pompa de la vida,  
Rio, que corre al golfo de la muerte.

*Pide*



*Pide un amante le diga  
 Quien sabe amar , y entender ,  
 Si se puede agradecer  
 Una mentira , que obliga.*

S O N E T O.

**D**Eves a la mentira , que te obliga ,  
 Fabio, el remedio de tu pena fiera ;  
 Pues ya que Clori hermosa no te quiera ,  
 Favor es merecer , que ella lo diga  
 Que importa , que la suerte te persiga ,  
 Si hidalga Clori su noticia altera ?  
 Si siempre el alma lo que escucha espera ,  
 Que importa , que el affecto no le siga ?  
 Mientras cortez engaña a tu cuidado ,  
 Deves áquel engaño primoroso  
 Lo que vá de un estado al otro estado.  
 Agradecer a Clori es ya forçoso ;  
 Pues haziendote el cielo desdichado ,  
 Halló traça de hazerte venturoso.





A HUM SARGENTO PORTUGUEZ,

*Que no Estado do Brasil deteve huma  
barca de Holandezes com a  
sua alabarda.*

S O N E T O.

I Ntrepido aos horrores de Vulcano ,  
A's injurias das ondas não medroso ;  
Ondas , e ballas corta generoso ,  
Assombro de Mavorte , hum Lusitano.  
Obediente ao esforço soberano  
A barca suspendeo o curso undoso ;  
Esgrime o Luso o ferro , e vibra airoso  
Em cada golpe hum rayo, mais q̃ humano.  
Não ha metal , que impida o duro córte ;  
Cangase em tanta morte o mesmo fado,  
E geme ao pezo grande Flegetonte.  
Não satisf ito em fim se entrega á morte,  
E seguindo os contrarios denodado ,  
Os vay parar na barca de Acheronte.



## A HUMA AUSENCIA.

## SONETO.

**D**E que fado cruel dura porfia  
 Matarme trata ás mãos da saudade;  
 Quem tanta contra mim vestio crueldade,  
 Que por chegarme á morte te desvia?  
 Atropelar huma alma he tyrania,  
 Desprezar huma fê temeridade;  
 Saiba teu peito hum dia, o q̃ he piedade;  
 Saberá o que he bem meu peito hum dia.  
 Oh não fujas bem meu, a quem te adora!  
 Que em fugir vencedora no perigo  
 Vas desmentindo a ley de vencedora;  
 Mas quanto mais te apartas, mais te sigo;  
 Que se levas minha alma roubadora,  
 Aonde quer que fores vou contigo.



## A MORTE, E SEPULTURA

*de huma Dama.*

## SONETO.

**V**Enceo a morte, ó Fabio, a formosura;  
 Amarillis a bella he cinza fria;  
 Procura amor mostrar, que o não sabia,  
 E esconde o caso nesta pedra dura.  
 Ocultar neste marmore procura  
 Esta da morte ou gloria, ou tyrania;  
 Se quer a formosura idolatria,  
 Não se saiba o que esconde a sepultura.  
 Se não for este tumulo ás idades  
 Mysterio occulto, e venerado medo,  
 Acabouse o respeito ás divindades:  
 Mas que importa que calle este penedo,  
 Se ha de ser sempre altar de saudades,  
 E haõ de estragar os votos o segredo.





## SONETO.

**A** Moroso desdem n'um bello agrado ,  
 No mais duro ferir hum doce geito ,  
 Tyrannia suave em brando aspecto ,  
 Olhos de fogo em coração nevado ,  
 No vestir hum aslejo descuidado ,  
 Ingratidão amavel no respeito ,  
 O brio , a graça , o riso em hum sujeito ,  
 Variamente c'o grave misturado .

Animado primor da fermosura ,  
 Luzido discursar de engenho agudo ,  
 Custosa luz , incendio pertendido ,  
 Alma no talhe , garbo na postura ,  
 Capricho no cuidado , ar no descuido ,  
 Armas são com q' amor me tem rendido .





*A hum amigo pedindolhe , que se não  
deixasse vencer de hum  
affecto amoroso.*

S O N E T O .

**R**esiste hū pouco, ó Fabio, a teu tormêto,  
Que amor he laberyntho sem sahida,  
E se a vontade se entregar vencida,  
Victoria sim, não seja rendimento.  
Custe huma resistencia o vencimento,  
Que huma belleza he menos, q̃ huma vida;  
E se o doce da causa te convida,  
O veneno, que he doce, he mais violento.  
Não ande taõ ufana a formosura,  
Ache amor opposiçaõ no brio,  
Que não se arrisca menos, que o socego:  
Faça o valor exame da cordura,  
Que a monarchia livre do alvedrio  
He grande praça para dar-se a hum cego.



A HUM ROXINOL.

SONETO.

**Q**ue dulcemente cantas, filomena,  
 Que tiernamente, filomena, lloro,  
 Tu malogrado el candido theſoro,  
 Yo mudable la fé de una sirena.  
 Que bien tu canto entre las hojas suena,  
 Que mal mi llanto suena, en lo que adoro,  
 Perdido cantas virginal decoro,  
 Hallada lloro mal nascida pena.  
**A**mbos a dos lloramos á porfia.  
 Y aun que a los dos afflige un sentimiento,  
 Tu alivias tu rigor con tu harmonia:  
**A**y de aquel, que no alivia su tormento,  
 Que es tal la suerte de la pena mia,  
 Que quanto mas la lloro, mas la siento.

A D.



A D. RODRIGO DE MENEZES.

*Descrevendo sua Dama chamada  
 Fenis.*

SONETO.

**E**N vano, ó cisne, eternizar procura  
 De Fenis la beldad tu plectro, en vano;  
 Pues quando mas la ilustra soberano,  
 Delmiente a su hermosura en su ventura.  
 Aun mas deve a tu voz, que a su hermosura  
 Amor imperios, que domina ufano;  
 Pues aun mas, que en sus ojos, en tu mano  
 Nuevas jurisdicciones se asegura.  
 Ceste tu pluma pues, que en gracia suma  
 Mas que alabaças, le dispensa enojos,  
 Aun que a su nombre celebrar presume:  
 Que como rindes almas por despojos,  
 Tantas victorias se usurpó tu pluma,  
 Que nada le quedó para sus ojos.

AMAN.





## AMANTE DESESPERADO.

### SONETO.

**L**A flor mas bella, que pomposa en vano  
 Gosa del Alva el candido rocío ,  
 El verdor pierde en el invierno frío ,  
 De que la viste Flora en el verano.  
 El que bisarro con raudal ufano  
 De la selva es galan, plateado río ,  
 Las corrientes tributa al seco Estío ,  
 Que el Invierno le dio con larga mano.  
 Quando a la flor le falta el luzimento  
 Cobra el río mayores los despojos ,  
 Si muerte el uno, vida el otro alcanza:  
 Solo esto falta en mi, pues triste siento  
 Nunca Estío los ríos de mis ojos ,  
 Siempre Invierno a la flor de mi esperança,



A' MORTE DE LOPE  
da Vega Carpio.

SONETO.

**M**ientras Sirena en piélagos de llanto  
A la muerte se opuso tu armonia,  
Pues las vidas, que indomita rendia,  
Vivificava armonico tu canto.

Alta ruina al reyno del espanto,  
Temió la muerte, y con razon temia;  
Y quando mas vengarse presumia,  
En tu armonia rezelo su encanto.

Oy que a tu vida se atrevio la muerte,  
Sin duda, que tu Musa suspendida  
Suspendido tenia el dulce accento:

Pues si cantando te asaltara fuerte,  
En vez de dar la muerte a tanta vida,  
Vida diera a la muerte tu conuento.

A HUM.



## A H U M M I N I S T R O

*Queixandose de amar hum impossivel, pedindo-lhe o Author, que votasse por elle em certa pertençaõ.*

## S O N E T O.

**D**izes, que aquel tu objecto idolatrado  
 Es, Fabio, un imposible de hermosura,  
 Pues desdeñando la oblacion mas pura,  
 Ni admite el sacrificio, ni el cuidado.  
 Si permite igualdades lo sagrado,  
 Otro imposible es, Fabio, mi ventura;  
 Pues quanto mas el ancia lo procura,  
 Ya mas vi conseguido lo intentado.  
 El que pudiere mejorar mi dicha,  
 Podra esperar de Feuis el trofeo,  
 Pues ambas son al logro inaccesibles:  
 Contrasta pues, ó Fabio, a mi desdicha,  
 Se buscas esperança a tu deseo,  
 Enseñate a vencer los impossibles.



DE CONSOANTES FORÇADOS.

S O N E T O.

**D** Iz, Ignes, quem vos vê, q̄ em vós não ha  
 Coufa , que seja má por mais, que vê ,  
 Mas se eu vos pedir conta de huma fé ,  
 Póde ser que ache em vós já coufa má.

Ay doce amada minha , inda que já  
 Minha não póde ser quem de outrem he ;  
 Se haverá por ventura hum dia , em que  
 Hum bem , que lá se foy se torne cá.

Mas já será de balde , quando for ;  
 Que já não póde haver bem para mim ,  
 Pois tarda o bem , e a vida se me vay.

Oh acabe de huma vês com a vida a dor ,  
 Que a vida nunca póde achar hum fim ,  
 E a morte póde ser que alcance hum ay.





A. D. ANTONIO ALVARES  
da Cunha.

*Em resposta de hum Soneto, que lhe mandou da banda dalém.*

S O N E T O.

**E** Ste voffo Soneto me tem tal,  
Esta vossa lembrança tal me tem;  
Que porque foy motivo deste bem,  
Obrigado me tem da ausencia o mal.  
Co tormento, co a dor fiquei mortal,  
Quando me vi dáquem, e a vós dalém;  
Mas na distancia já não vay, nem vem,  
Se huma lembrança vossa tanto val.  
Que vay amigo, em que padeça a dor  
O peito, a quem distante pena dais,  
Se distante ao juizo dais prazer?  
Succeda embora á dor outra mayor,  
Que se assim ao juizo regalais,  
Menos vay no sentir, que no entender.

A HU.



## A H U M A D A M A ,

*Que chorando limpou as lagrimas com os  
cabellos , que estava penteando á vista  
de seu amante.*

## S O N E T O .

**P**einava Flora hermosa en sus cabellos ,  
Flechando airosa con el peine amores ,  
O' de su prado las doradas flores ,  
O' de su cielo los fulgores bellos.

Deseosa el alma de abrazarse en ellos ,  
Tocó , qual mariposa , sus fulgores ,  
Quando los ojos granizando albores ;  
Aljofaravan lo dorado dellos.

Ay, dixе entonces, essas perlas , Flora ,  
Nó desperdiciéis, nó , que es desvario  
Ser Sol en rayos, ser en llanto Aurora :

Ella como inclinada al ruego mio  
Em liengos de oro enxuga lo que llora :  
Ay quien beviera al oro aquel rocio !

A M A :



A MANOEL DE SOUSA PACHECO.

*Em resposta de hum Soneto, que lhe mandou queixandose de que o não via.*

S O N E T O.

**P**Or vezes assentámos entre nós,  
 Que eu era o vossó bê, vós o bem meu,  
 Assim passa meu Fanha, e não sey eu  
 Amigo a quem eu ame mais que a vós.  
 Dizeis, que vos não vejo, he caso atrás,  
 Que vós vos deixeis ver por jubileo,  
 E culpeis quem vos ama taõ sandeo,  
 Que até lhe agrada em vós a vossá vós.  
 Vossá he sómente a culpa, mas a dor  
 Não me deve huma queixa, porque entãõ  
 Se não vísse hum desaire em vossó amor:  
 Vós sois Senhor de mim, da razaõ não;  
 E assim se a vossá queixa avante for,  
 Hei deme pôr da parte da razaõ.

A' MOR.





A' MORTE DE MATHIAS DE  
Albuquerque

S O N E T O.

**D** Esenganos publica mudamente  
Esta pedra em misterios entendida ;  
Chegate, ó caminhante , e para a vida ,  
Levarás a lição mais eloquente.

Aqui verás prostrada humildemente  
Testa de tanto lauro ennobrecida ;  
Aqui verás a cinzas reduzida  
Maõ , que enfiava ao Sol a luz ardente.  
Lê bem esse letreiro , se não fias  
Da minha informação ; este he o encanto  
De Marte , continua , este he Mathias :  
Não digas mais , que já não podes tanto ;  
Antes venera mudo as cinzas frias ,  
Que he melhor epitafio o teu espanto.

A HUM



A H U M A M A N T E,

*Que á vista de sua Dama adormecido:  
mandou este Soneto á Academia o Au-  
thor com nome supposto.*

S O N E T O.

**D** Isse Antonio Barbosa na ligaõ,  
Assim o disse elle, ou mal ouvi,  
Que subio Nerva ao globo carmesi  
Tanto que fez a celebre adopçaõ.  
Ouvi que dava Plinio por razaõ,  
Senhores meus, que fora justo assim;  
Porque depois da acçaõ, que obrou alli,  
Alguma não fizesse huma na acçaõ.  
Logo se Fabio vio de Clori a flor,  
Justamente se deixa adormecer,  
Depois daquella vista superior:  
Pelo modo, que pode, quiz morrer;  
Que como tudo o mais era menor,  
Depois, que a Clori vio, não quiz mais

## SONETO.

**S**I Filis a tus dichas no procura,  
 No, dar el premio, ó Fabio, a tu fineza,  
 Pudo ser de su acuerdo sutileza,  
 Porque tu no mereces la ventura.  
 Mas si a Fili obligó violencia dura,  
 Es discredito grande a su belleza,  
 Que se sepa en el mundo la certeza,  
 De que no puede todo su hermosura.  
 No querer es agrabio de tu affeto,  
 Defecto es tuyo solamente, ó Fabio,  
 Mas nó poder ya toca a su respeto:  
 Y tu debes sentir, si adoras sabio,  
 A su defeto mas, que a tu defeto,  
 Mas su reputacion, que no tu agrabio.





MANDOU D. FRANCISCO MANOEL

*Este Soneto truncado á Academia, dizendo fora aborto de hum soñoliento, e pedia aos Engenhos, que lhe dessem forma a humas lagrimas.*

**D**E que servis mis lagrimas  
 salid corriendo  
 Pero nó, que os diran  
 sus riesgos temerosas.  
 Mas bien, si os  
 callando, y padeciendo,  
 Tan poco escapareis  
 menos dichosas.  
 Peregrinad luego  
 a los ojos  
 Tras de aquel visteis:  
 Sed, si merito no  
 Porque derrama,  
 y lloradas



FORMA QUE DEO O AUTHOR  
a este

SONETO.

**D**E que servis mis lagrimas medrosas ?  
 Si alivios sois de amor, salid corriendo,  
 Pero nó, que os diran, que al fin saliendo  
 Acudis a sus riesgos temerosas.  
 Mas bien, si os manda amor, que vós piedosas  
 Hableis por el, callando, y padeciendo,  
 Tan poco escapareis obedeciendo,  
 Y mandadas sereis menos dichosas.  
 Peregrinad pues, lagrimas, y luego  
 Fiandole a los ojos vuestra llama,  
 Tras de aquel bien partid, q̄ nunca visteis :  
 Sed, si merito nó, lenguas de fuego,  
 Porq̄ os deva mi amor, ya q̄ os derrama,  
 Que mudas, y lloradas le exprimisseis.



## SONETO.

**V**iste, Fabio, la estampa, que atrevida  
 Arrancar intentó mano arrojada,  
 Que si está solamente debuxada,  
 Cede al primer amago desafiada?  
 Pero si vive a la pared unida,  
 A primores maestros entallada,  
 La pared ha de verse destroncada,  
 La estampa no ha de verse desunida.  
 Pues assi amor, artifice ingenioso,  
 Pintó, Fabio, en tu alma una hermosura,  
 Que arrancar quiere el hado rigoroso:  
 Siempre, Fabio, será la expulsion dura;  
 Mas es, Fabio, el estrago mas custoso,  
 Si tambien se resiste la pintura.





A' SENHORA D. LUIZA MARIA  
de Menezes

*Sabindo adornada de pennas de pavaõ.*

**D**E pennas adornada a formosura,  
Honorado as magoas, e afagado as dores,  
Amados quiz fazer os disfavores,  
Quiz fazer invejada a desventura.  
Já por favor a pena se procura,  
Pois mereceo de Lisis os favores;  
Ninguem teme das penas os rigores,  
Depois que vê das pennas a ventura.  
Silvio, que a vio, lhe disse comedido,  
(Silvio, que respeito a Lisi adora,  
Silvio, que a Lisi huma alma sacrifica.)  
Ao costume fizestes o vestido;  
Que depois que vos vio, esse he Senhora  
O traje, que na Corte se pratica.



A' FORMOSURA DA MESMA  
Senhora.

SONETO.

**Q**Uanto inventou de graça a bizzarria,  
 De aseo, de artificio, ou de destreza  
 Quiz debuxar em Lisi a natureza,  
 Para que fosse exemplo á galhardia.  
 Vio-a depois, e vendo que excedia  
 Lisi de seu estudo a sutileza,  
 Rompeo aquella idea da belleza,  
 De que antes seus acertos aprendia.  
 Em Lisi agora estuda as varias cores,  
 O concertado aseyo, a graça pura  
 Para as outras bellezas inferiores;  
 Qual será pois de Lisi a compostura,  
 Quaes serão de seu rosto os resplandores,  
 Se inda he menos formosa a formosura?

## T E R C E T O S.

*Epistola a hum amigo.*

**B** Em sei , Faria amigo, que culpado  
 Me tereis lá na idéa gravemente  
 Pelo crime de ausente descuidado.  
 Confesso, que o delicto he apparente ;  
 Mas entre os peitos nobres a amizade  
 He caracter , que dura eternamente.  
 Testimunha me seja a saudade ,  
 Que abrindo porta franca ao pensamento ,  
 Vive portas a dentro da vontade.  
 Disculparme comvosco he vaõ intento ,  
 Que o deixar de escrevervos neõ foy culpa  
 Antes poderá ser merecimento.  
 Fineza foy de amor, e quem a culpa ,  
 Sabe pouco daquella tyrannia ,  
 Que ao peyto mais izento naõ desculpa:  
 Porque como a escritura he huma via ,  
 Que sustitue só o trato ausente ,  
 Por querer desmentirme a suspendia.

Que



Que como ainda meu peito vida sente,  
 Não acabo de crer em tanta vida,  
 Que amor em vossa ausencia ma consente.  
 Busqueivos saudoso na partida,  
 Mas a sorte, que á ausencia não perdoa,  
 Me perdoou entãõ a despedida;  
 Que posto, que he de amor usança boa,  
 Como bem diz o Cisne Lusitano,  
 A quem se aparta, ou fica, mais magoa:  
 A vida em fim, que passo, he só de engano,  
 Que tanto, que acabar de descobrirse,  
 Ha de acabar ás mãos do desengano.  
 Ir, y quedar, y con quedar partirse,  
 Disse o Fenis de Hespanha, q̃ era a ausencia,  
 Perguntemno a quem chega a despedirse.  
 Mas franqueando hum pouco a paciencia,  
 Quizera darvos conta da jornada,  
 Que sempre deo por fruto huma pendencia.  
 Partimos eu, e outro camarada  
 Em hora minguada dessa terra,  
 Mas, q̃ hora para mim não foy minguada!  
 Quem quer ir contra o fado, oh quanto erra!  
 Porque em fim a fortuna he huma sua,  
 Que anda lépre c'õ o engenho em dura guerra,  
 Em fim cheguei cansado a ver o muro  
 Desta máy de velhacos, terra aonde

As nuvens vem mijar como em monturo :  
Onde qualquer villaõ se julga Conde ,  
Onde a pezar da ley vive a mentira ,  
Terra em fim onde sempre o Sol se escõde.  
Mas onde fuy meterme? Quem me inspira ?  
Materia he do cothurno, e naõ de loco,  
Naõ vos pertence a vós , ó minha lyra.  
Atraz bolvamos pluma mia un poco ,  
Que me teraõ por loco facilmente,  
Se em tal estado taes verdades toco.  
Assim desconfolado, triste , e ausente  
Passo esta ausencia, se he q̃ a ausencia passa,  
Que como he pena , dura eternamente.  
Talvez ao rio vou , talvez á caça ,  
Mas falta pesca ao rio e caça ao monte ,  
Porque naõ salta entaõ minha desgraça.  
Talvez por divertirme desço á ponte ,  
Porque presumo entaõ que já caminho  
Para esse felicissimo horizonte.  
Ay de quem chega a estado taõ mesquinho ,  
Que o remedio do mal , o bem das dores  
He entreter o mal , e o bem vizinho!  
A fonte , que lá dizem dos amores ,  
He huma pouca de agua fedorenta:  
Vede, que fresca fonte rega as flores?  
Em fim tudo a memoria me atormenta ,

Bem pago agora triste o tempo ledo ,  
 Porém quem vio bonança sem tormenta!  
**Talvez** me julgo monte immovel , e quedo  
 No penedo , que chamaõ da saudade,  
 E junto de hum penedo outro penedo.  
**De tudo** a causa he vossa amizade ,  
 Que para estar alegre estando ausente,  
 Não quer dar privilegios á vontade.  
**Aos amigos** direis o quanto sente  
 Meu peito desta ausencia a tyrannia ,  
 Mas a vós o dizei mais largamente.  
**A veneranda illustre Academia ,**  
 Discipulo venereo, ausente invejo ,  
 Horas, que em tanto bem por vós me via.  
**Sabê Deos** o fervor, com que desejo  
 Numero nella ser , bem que escusado ,  
 Vós lhe dizei por mim este desejo.  
**E áquelle** vosso estillo delicado ,  
 Com que abrandar sabeis as penhas, peço  
 Que encareça ao Gallegos meu cuidado.  
**Será de meu cuidado** grande o preço ,  
 Se tiver meu cuidado tal ventura,  
 Que diga o estillo vosso, o que eu padeço.  
**Escreveime** na vossa , se inda dura  
 Na antiga perumpção certo gentio ,  
 Que sempre he Gil Fernâdes que murmura.



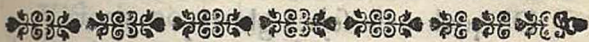
Faltame agora o consoante em io ,  
Inda, que achallo posso em Castelhana  
Intendame chi peró, che me entendio.  
Do noffo doce Silva soberano  
Alegres horas, que gozei taõ ledo ,  
Oh como me atormétaõ por meu dano.  
Tive por novas cá, que Figueiredo  
Tinha injnsta prizaõ por justo excesso ;  
Que sempre a ruim nova chega cedo.  
Vós lhe dizei, Faria, que eu lhe peço ,  
Que toque a doce lyra em seus disvellos ,  
E que assim naõ será só elle o prezo.  
Pois que direi do amigo Vasconcellos ,  
Mas terá seu papel noutra jornada ;  
E pois he Vasconcellos vá concellos.  
Em fim de tudo amigo, e camarada  
Grandes lembranças meu amor padece,  
De vós sómente me naõ lembra nada ,  
Que mal póde lébrar quem nunca esquece.



PROPOSTA.

**P**erdiose en su cudad,  
 Lauro, tras un deseo remontado,  
 Mas quien ay, que resista  
 Al imperio suave de una vista!  
 Perdióse al fin, y a manos de desdenes  
 Ni estraña males, ni suspira bienes,  
 Mas quien podrá negar dulces despojos  
 Al hallago imperioso de unos ojos!  
 Perdióse, mas contento  
 Aun desmentir queria el sentimiento,  
 Presumiendo en su affero  
 Vengarse de su amor en tu secreto.  
 Dos vezes yá vestio la Primavéra  
 De librea florida la ribera,  
 Y el en su amor constante  
 Callava sabio, y padecia amante.  
 Dos vezes el Invierno en sus rigores  
 Dexo en escarcha lo que Mayo en flores,  
 Y el en su pena grave

Ni olvidar puede , ni dizirla sabe,  
 Pergunta aora Lauro el infelize ,  
 Que hara para dizer lo que no dize ,  
 Pues en su fuego ardiente  
 Siente , y no sabe declarar que siente.



A DIOGO GOMES DE FIGUEIREDO

*No seu livro da Espada.*

Sylva.

**D**erende hum pouco o estilo soberano ;  
 Mavorte Lusitano ,  
 Rayo de Apollo armado ,  
 Paray hum pouco o plectro sublimado ,  
 Que da pena invejosa  
 A espada vos contemplo ,  
 E com razao queixosa ,  
 Que se hoje a pena vos fabrica hu templo ,  
 Tambem a espada vossa  
 Já da primeira idade  
 Se abriu caminho pela eternidade,  
 Este justo motivo



Tregoa seja do canto sempre altivo,  
 E saibase entretanto  
 Entre huma, e outra acção taõ celebrada,  
 Se dicta a penna o que aprendeo da espada,  
 Ou se obra a espada o q̃ aprendeo da penna.  
 Naõ sei em tal victoria  
 De qual mais seja a gloria,  
 Mas a pezar da inveja  
 Igual a gloria seja;  
 Que ou profigais o estilo delicado,  
 Ou o metal lavrado  
 Esgrimaes destre, e forte,  
 Tudo he ganhar imperios para a morte;  
 E ou com a espada, ou c'o canto  
 Tudo he render jurisdicoens ao espanto,  
 Que armada, ou desfarmada  
 A maõ, que rege a penna, rege a espada.  
 Quem vendo estes preceitos,  
 Que sabia a penna dita,  
 Ou em todo, ou em parte  
 Cuidar, que póde caducar a arte  
 Olhe a voffo valor, que os acredita,  
 Olhe a voffo valor, que a espada empunha;  
 E com provas de sangue os testimunha;  
 Que desta nova sciencia os aforismos  
 Com bizzarria nova

Fazendo com a espada o sillogismos ,  
 Tendes na espada a prova ;  
 Quem vendo o valor vosso  
 N'algum feito famoso  
 Levar grave , e valente  
 Do mais alto inimigo  
 Victoria no perigo ,  
 Gloria na empreza dura ,  
 Dixer , que foy successo da ventura ,  
 Vossa pena o desmente ,  
 Pois quando o valor vosso denodado  
 Admire com as finezas de alentado ,  
 Assombre com as proezas de guerreiro ,  
 A pena vossa as ensinou primeiro.  
 O penhasco mais bronco ,  
 O mais robusto tronco ,  
 Ligeiro em movimento  
 Obediencia foy já do doce accentto ;  
 Mas com gostosa injuria  
 Dar preceitos á furia ,  
 Dar dictames á ira ,  
 Sómente o póde vossa doce lyra ,  
 E contra os indomaveis Holandezes  
 O pode vossa espada algumas vezes.  
 Viva pois vosso nome ,  
 E dos applausos justos ,

Com q̃ o mundo por Marte vos acclama,  
Fazei azas á fama,  
E chegue voffo nome glorioso  
Aonde o Sol não chega de medroso,  
Suba voffo valor sempre alentado,  
Aonde o Sol não oufa de turbado,  
E de hum, e outro gravissimo instrumento  
Estrellas aumentai ao firmamento.  
Mas não, parai o voo,  
Que se a mim não me engana meu desejo,  
Novas insignias nos Planetas vejo,  
E se não mente a vista prolongada  
No Sol a penna vejo, em Marte a espada.





## P O E S I A S

DE DIOGO DE MONROY.

e Vasconcellos.

*A Herostrato queimando o templo de Diana por eternizar a sua fama.*

## S O N E T O.

**Q**ue intentas Herostrato? Quem te guia  
A taõ barbaro error, e cego inrento?  
Por ventura he mayor, que o entendimêto  
A ambição de huma cega fantasia?

Tu pertendes queimar a Monarquia,  
Que o Sol respeita á divindade attento?  
Queres, que estimulado o firmamento  
Castigue tua propria aleivosia?

Se o fogo ao templo poens, porque atrevido  
No mundo eternizarte has intentado,  
Vê quanto por cruel tens delinquido:  
Mas oh fera ambição de eterno estado!

Que a troco de ficares conhecido,  
Queiras ser por tyranno eternizado.

IV. Part.

Y

A HU.



# A H U M A R O S A

*acabando ainda em botão.*

## S O N E T O,

**L**uzida flor, que em rayos superiores  
 Nesse verde hemisferio de boninas  
 Veloz exalação te predestinas,  
 Sendo Sol entre os astros dessas flores,  
 Não temas declarar os resplandores,  
 A que tanto a belleza, e pompa inclinas;  
 Que nesse alento, em que a vaidade ensinas,  
 Os luzeiros se agradaõ dos horrores:  
 Se igual fora a belleza a sorte dura,  
 Talvez, que os orientes de luzida  
 Nos Ceos anticipasse a luz mais pura:  
 Por breve pois se estime a tua vida;  
 E seja sempre dom da formosura  
 Chorar a morte o tempo de nascida.



# ESTIMAC, A M

*de penas proprias.*

## SONETO.

**M** Ais de vera a meu mal, se a amor de vera  
 Novas penas de amor, com que penara;  
 Pois nos males meu mal se aliviara,  
 Se mais nos que padego, padecera.  
 Não perdera vanglorias, se tivera  
 Tormentos, com que assim me gloriara;  
 Pois se amor vay crescendo, he cousa clara,  
 Que quanto mais sentisse, mais quizera.  
 Crece amor, cresce o mal, e crescem tanto  
 Os imperios da causa, que respeito,  
 Que quanto mais padego, mais me encanto.  
 Porém nada me deixa fatisteito,  
 Pois vejo, que nos mares de meu pranto,  
 Os Etnas se moderaõ de meu peito.





## A H U M A D A M A

*contando as estrellas.*

## S O N E T O.

**N** Aõ contes desse ethereo firmamento,  
 Filis formosa, os astros brilhadores,  
 Porque eclipsas as luzes superiores,  
 Que em teus olhos número cento a cento.  
 Multiplica o ditoso luzimento,  
 Que em teu rosto repartem vivas cores,  
 E verás diminutos resplandores,  
 Os que intenta sommar meu pensamento.  
 Mas se contas do Ceo as luzes bellas,  
 Porque eu veja as estrellas inconstantes,  
 Com que sempre os desvellos me desvellas:  
 Conta embora esses astros rutilantes,  
 Que na conta acharás dessas estrellas  
 Fixos meus males, e meus bens errantes!



## SONETO.

**L**A nave de mi dicha en golfo amante  
 Suef e la quilla de mi mal ingente,  
 Y a passo, que navega felizmente,  
 Temporales padece naufragante.  
 El puerto incierto, pielago inconstante,  
 Caribdes la hermosura refulgente,  
 Tempestades amor, que al pecho ardiente  
 El norte inspira de farol errante.  
 Avizado escarmiento a mis engaños,  
 Perdida aguja, si contrarios vientos  
 El norte avizan a los sueltos panos.  
 Notables son de amor los pensamientos,  
 Pues sobrando escarmientos a los daños,  
 No ay para mis daños escarmientos !



A U N A D A M A,

*que en una tempestad de truenos se reia.*

S O N E T O.

**P** Alido el Sol , el aire embravecido  
 Com ageno terror , con brado ageno  
 Rompe el velamen de nublado seno  
 El relampago atroz, rayo encendido.  
 Tiembla la tierra , y huye espavorido  
 El tierno ruiseñor del prado ameno ,  
 Y a los brados horribles de aquel trueno  
 Hasta el Cielo se mira obscurecido.  
 Solo Fili , que en bellos desahojos  
 Hermosuras fabrica en sus enlayos ,  
 No teme de los truenos los enojos:  
 Antes dize, que alienta a sus desmayos ,  
 Que como está segurá de sus ojos,  
 Rie del trueno , burla de los rayos.





A U N A D A M A ,

*perguntando , que cosa era amor.*

S O N E T O .

**E**S amor , Clori mia , un accidente ,  
 Que lleno de locuras se apercibe ,  
 Es una llama , que en la nieve vive ;  
 Un dolor apacible , un fuego ardiente.  
 Es un funebre eclipse , un Sol luziente ,  
 Un niño , que gigante se describe ,  
 Una flexa , que quando se recibe ,  
 Por lo mismo , que hiere , se consiente  
 Es al fin el amor , Clori querida ,  
 Una falsa ilusion , que mal se advierte ,  
 Y un engaño , a que el pecho se convida :  
 Es de suerte amor , y es de tal suerte ,  
 Que a quien mata por gusto , dá la vida ,  
 Porque al fin el amor es vida , y muerte.



## A' ROSA. U.A.A

## SONETO.

**S**I entre esquadrones verdes imperiosa  
 Madrugas tu beldad, rosa flamante,  
 Como tu armado sceptró en lo arrogante  
 De un Sol se reme ephimera forçosa?  
 Que ley de tiempo avrá, que a tu olorosa  
 Especion no respete? O qual instante  
 Sin que venere tu virtud fragante?  
 Ha de atreverse a tu altivez hermosa!  
**S**i pues tantos Colossos, que ceniza  
 Son ya, por lo que fueron, la memoria  
 De la fama en las plumas eterniza:  
**L**uze, ó flor, que del tiempo la vitoria  
 No puede, aunque a tu ser atemoriza,  
 De lo que fuiste sepultar la gloria.



## SONETO. ROSA

**S**I esas lagrimas son, flor lastimosa,  
 Sentir verte del cierzo amenazada,  
 Tu misma te anticipas desdichada,  
 Pues lloras triste el tiempo de dichosa.  
 Y indigna de tu suerte venturosa  
 Muestras, que ha sido en ti mal empleada,  
 Pues del fausto, que logras, olvidada  
 Vas a honrar tu desdicha obsequiosa.  
 Si tanto lloras antes, que anochescas,  
 Viendo de tu fortuna el triste espanto,  
 Que guardas para quando le padescas?  
 Dexa pues dexa, ó rosa, aljofar tanto,  
 Que no sufren los tristes, que apetescas,  
 Que usurpe el bien a la desdicha el llanto,





ROSA JUNTO DE OTRA,

*que se iba marchitando.*

SONETO.

**G** Allarda flor, que en tronco de verdores  
 Reina de los jardines grave, y ufana,  
 Ceñida de oro, y revestida en grana,  
 Multiplicas de Flora los primores.  
 Si del Alva te aplauden los candores,  
 Porque añades mas gracia a la mañana,  
 Mira, quando te miras mas lozana,  
 Que es la tarde el ocaso de las flores.  
 Esta, que mustia vês, marchita espira,  
 Oy verde floreció, y agosta aora,  
 En sus hojas te escribe del engaños:  
 Tu presuncion advierte ser mentira,  
 Y que en el breve instante de una Aurora  
 Se abrevian de hermosura largos años.



## A HUM CAVALLO

*do Conde de Sabugal.*

### SONETO.

**E**ste Narciso de los brutos vano,  
 Que en cõrva ostétacion su orgullo aviza,  
 Por no baxarse a tierra el aire piza,  
 Por ser mas que del Sol desprecia el llano.  
 Si ufano encoge el pie, se alça la mano  
 En su hermosa arrogancia se diviza,  
 Que o se enamora en suspension preciza,  
 O' se corteja en ademan loçano.  
 Nó pues de Febo el tiro luminoso,  
 Nó de Alexandro el Zefiro animado,  
 Rapido le compita, e generoso:  
 Pues preferiendo a todo lo admirado,  
 Desairados los puso con lo airoso,  
 Corrido los dexó con lo parado.



## SONETO.

**A** Uzente , desterrado , y peregrino  
 Huyendo una desdicha otra siguiendo ,  
 Tanto a lo que me mata voi corriendo ,  
 Que parece elecion lo que es destino.  
 Oh fuerza de nó visto desatino ,  
 Que en tan loco imposible el alma prendo ,  
 Que con ser perdicion lo que pertendo ,  
 Adoro el mismo incendio por divino.  
 Mas que mucho es morir , si en este encanto  
 Vivo al dolor, a los alivios muerto  
 Hago de tanto mal merito tanto !  
 Pero, que ha de valerme el mismo acierto,  
 Si escapando a las ondas de mi llanto ,  
 Me anega ya de mi esperanza el puerto.





# A HUMA ESPERANÇA.

## SONETO.

**D**E undosa plata en vivoras se quebra  
 De crystal una sierpe fugitiva,  
 Y aun que furia de Enero se deriva,  
 De Abril caricia su esplendor celebra.  
 Liquido cisne, ò musica culebra  
 Canta, y se tuerce por la arena esquivada,  
 Hasta que al Tajo su ambicion nativa  
 Muere abrasada, y funebre requiebra.  
 Fuente dichosa, que corriendo impura,  
 Muere llegando al centro, donde alcanza  
 El fin, a que sedienta se apressura!  
 Mas ay de mim, que muero a una mudança,  
 No solo sin llegar a una ventura,  
 Pero sin poseer una esperança.




A L I C I O,

*que trajava con demazia.*

S O N T O.

**N**O des, ó Licio, a tu razon la muerte,  
 Ni a tu caudal con esplendor profano;  
 Que es locura hazer gala de ser vano,  
 Y por fingirte rico empobrecerte.  
 Que ha sido seña de la culpa, advierte,  
 Esta, que es pompa de tu error loçano;  
 Y es mas, que por vivir como gusano,  
 Quieras de tu delito envanecerte.  
 Dexa pues las insignias de tu daño;  
 No mas te desalumbre un luzimiento,  
 Que es ciega hidropesia de tu engaño:  
 Pues dize mal con tu liviano intento  
 Gala, que fue cilicio al desengaño,  
 Pompa, que fue mortaja al escarmiento;



PEDINDO A HUMA DAMA

*o seu retrato, lhe mandou huma lamina  
de bronze sem pintura.*

S O N E T O.

**F** Ilis, en este bronze, que advertido  
Miro, sin verte, en el mas bien te veo;  
Pues, que copia mejor de ti deseo,  
Que ver el proprio bronze endurecido!  
Si es ilusion el arte del sentido,  
Mejor assi tu perfeccion poseo,  
Pues a mi fé, y no las sombras creo  
De una luz falsa, y de un color fingido.  
Más que la vista la atencion te admira,  
Y es capaz sola de tu luz inmensa  
Copia, que a ser incomprehensible aspira.  
Pues en las más, a que haze el arte ofensa,  
Piença el cuidado solo en lo que mira,  
Y aqui mira el cuidado, quanto piensa





# A HUMA AUSENCIA.

## SONETO.

**C**om vosco lá , Senhor, estou presente ,  
 Cá vos acho comigo no meu peito ,  
 Que não pôde hũ amor quãdo he perfeito ,  
 ( Ainda nas ausencias ) estar ausente .  
 Amar , e estar dividido juntamente  
 Fora haver contrarios n'hum sujeito ;  
 Quem de duas huma alma tinha feito  
 Mal podia apartarse eternamente .  
 Esteja embora o corpo dividido ,  
 D'alma vestido vil , tosco aposento ,  
 Que a distancia não faz o amor partido :  
 Em quanto o amor nas almas vive unido  
 Não se pôde chamar apartamento ,  
 Mudar casa será , trocar vestido .

## SONETO.

**O** H como he sensitivo hũ peito honrado?  
 Hum nobre coração como he brioso!  
 Descontente estará, será queixoso,  
 Mas não será vencido, nem mudado.  
 No fogo da paixão mais apurado  
 Mais firme ficará, mais precioso,  
 Sahirá de si mesmo victorioso,  
 Que he quem vence a si mais esforçado.  
 Animoso, constante, invicto, e forte,  
 Magnanimo, leal, firme, e seguro  
 Fará ao bem, e ao mal serena fronte:  
 Desprezará a vida, e ainda a morte,  
 Igual no bem presente, e mal futuro,  
 O mesmo em fim no valle, que no monte.



## SONETO.

**T**antas as ditas são, que alhano, e tenho  
 Por vós, que nellas acha subtileza  
 Com hum credito mais vossa grandeza,  
 Com hum estorvo mais meu desempenho.  
 Favores vossos são, mas quando venho  
 A notar dos favores a destreza,  
 O logro chego a ver pela fineza,  
 A ver chego o perigo pelo empenho.  
 Entre a gloria do bem, e entre o forçoso  
 Risco ao ser ingrato ao bem devido,  
 Vacilla o pensamento temeroso.  
 Mas sejame por paga concedido,  
 Se em vós o ser comigo generoso,  
 Em mi o ser comvosco agradecido.





## SONETO.

**P**ostrense ya los idolos profanos,  
 Del alma un tiempo venerados vultos;  
 Y los que fueron de la vida insultos,  
 Sean del alma estímulos christianos  
 No quede piedra en los Olimpos vanos,  
 De mi error sobre piedra a los indultos  
 De la razón, y en lagrimas no ocultos  
 Etnas se aneguen de mi incendio ufanos.  
 Ministren los cadaveres mas feos  
 De mis culpas, y estragos presumidos  
 Vista al error, y espanto a los deseos;  
 Podrá ser, que mis yerros entendidos  
 Sirvan a las virtudes de trofeos,  
 Quando no de triunfos los sentidos.



A D. LUIZ COUTINHO

*Pedindo-lhe livre certo soldado auxiliar  
de ir á guerra.*

ROMANCE.

**S** Enhor Dom Luiz Coutinho ,  
 Que sois , como todos vemos ,  
 A moda dos alentados ,  
 A candala dos discretos.  
**O** Padroeiro das Musas ,  
 O Mecenas dos Orfeos ,  
 O Xarife de Mavorte ,  
 O Conde Duque de Venus.  
 Eu , que com vossos auxilios  
 Taõ levantado me vejo ,  
 Que estou já muito arriscado  
 A ser Lusbel dos modestos ,  
 Com vossa licença agora  
 Hei de apoiar hum sujeito ;  
 Que sendo auxiliar dos vossos

Se val de auxilios alheyos.

E como os mais efficazes

Haveis de dar a Alemtejo ,

Hum , que naõ he sufficiente,

Que falta póde fazervos ?

Senhor , Francisco Correa ,

Que desta carta he correyo ,

As correas lhe sahiraõ

Dos couros ha pouco tempo.

E só terá serventia ,

Quando Marte brando , e meigo

Calce os borzeguins de Adonis ,

Ou use os gantes de Ero.

Este, bem que nos pelames

De Chipre cortido o temos ;

Para o serviço da guerra

He fillele , e naõ bezerro.

Fazei pois , que esta correa ,

Que agora o he de S. Bento ;

Mais que a de S. Agostinho

Se valha dos privilegios.

Em fim por fallarmos claro ,

Meu senhor , este mancebo

Naõ póde ser bom soldado ,

Sem ser soldado primeiro.

Porque ficou taõ moido



De huma pendencia de Venus ,  
Que inda lhe sua o topete,  
Se cuida neste successo.

E anda taõ enfastiado  
De semelhantes folguedos ,  
Que ainda a falsa , com que come ,  
Lhe causa aborrecimento.

Se pois Senhor D. Luiz ,  
Já como soldado velho  
Sabeis por acuchillado  
Quanto estes golpes tem feïto.

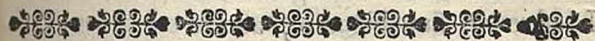
Por tudo vos peço agora ,  
Que olhando bem o que allego ,  
Ou lhe perdoeis por pobre ,  
Ou o deixeis por enfermo.

E eu prometto , que entre tanto  
Que vós lá pelo Alemtejo  
Fazeis aos Leoens de Hespanha  
Tornarse mansos cordeiros :

E em quanto da Estremadura  
Converteis com o sangue Iberio ,  
Em rubins as esmeraldas ,  
E o Guadiana em mar vermelho:

Prometto , que este asilhado  
Faça por cá taõ bons feitos ,  
Que em breve vos multiplique

Muita gente para o terço.  
 E a Deos, que em tanto vos guarde,  
 Para que sendo, ou não sendo,  
 Semente delRey Fernando  
 Façais hum grande despejo!



A DIOGO GOMES DE FIGUEIREDO

*Mestre de Campo na Beira.*

**F**igueiredo insigne, a quem  
 A patria toda divulga  
 Por Marte das nossas armas,  
 Por Febo das nossas Musas.  
 Por cuja famosa espada  
 Os campos da Estremadura  
 Verteraõ de humanos troncos  
 Fontes de crystal purpureas.  
 Por cuja discreta pena  
 Da fama a sonora tuba  
 Deixa os pasmos atroados,  
 Deixa a propria inveja muda.  
 Por cujo pomo, e sentença  
 Venus se poem hoje à curta,

Pallas

Pallas se veste a la moda,  
 Juno se calça à monsiura.  
 De cujo nome, e proezas  
 Toda esta esfera rotunda  
 Breve theatro se admira,  
 Pouca lamina se julga.  
 Mestre em fim bizarro, aonde  
 A razão, mais que a ventura,  
 Rende aos atinos o agrado,  
 Prostra ao merito a fortuna.  
 Em fim deixando as faceiras  
 Amigo, e Senhor, em cuja  
 Ausência o gosto he mentira,  
 Porque os alivios são burla.  
 Na falta de novas vossas  
 Estava em magoas tão justas  
 Morrendo o desejo á mingua,  
 E a saudade á dependura.  
 Quando aportou nestes mares  
 Do graõ Themudo a chalupa,  
 Trazendo por mercancia  
 As vossas novas, e as suas.  
 Do graõ Themudo repito,  
 De quem cuidou gente muita,  
 Que fora tomar suores  
 Lá de Plutaõ nas estufas.



Se bem eu sempre entendia,  
 Que seria só por furia  
 De ir ver os Elyfios campos,  
 Pizar de Acheronte a fusta.  
 Porque como he tão máo gofto  
 Dar c'os offos n'hum tumba,  
 E entre os homens de juizo  
 Tal costume se não ufa.  
 Claro está, que podendo  
 Crear neste mundo enxundias;  
 Andar, e ir morrer á Beira  
 Não tinha graça nenhuma.  
 E assim por refuscitado,  
 Antes que a morte o conclua,  
 Se lhe lamentaõ as trevas,  
 Lhe cantamos Alleluias.  
 Mas fahindo do episodio,  
 Que he breve o poema, e nunca  
 Deve levar o accessorio,  
 Quando ao principal se inculca.  
 Digo ao correr desta folha,  
 Que vos tenho achado culpas,  
 E não podeis passar livre  
 Sem fazer resposta a muitas.  
 Capitulaftes comigo,  
 Que chegando a effas incultas

- Montanhas , em cuja neve  
 O Sol se atofca , ou se atufa.
- Edificando Parnafos ,  
 Por cada eftafeta fua  
 Viriaõ duzias de versos ,  
 Sem serem versos de duzias.
- Embebestevos no applaufõ ,  
 E efquecido nas venturas ,  
 Breve mudança de hum clima ,  
 De hum grande affecto vos muda.
- Já naõ lembra ifto da Corte ,  
 E o tempo fe vos occupa  
 De fonhar grandes emprezas ,  
 Decifrar varias industrias.
- Campando muito ao soldado  
 Nellas Marciaes barafundas ,  
 Todo Espinola fazeis ,  
 Que arda a guerra , ferva a bulha,
- Despertando aos exercicios  
 Delfas militares chufmas ,  
 Fazeis , que a campanha trema ,  
 Que o ar fe atroe , e confunda.
- E o Bucefalo occupando ,  
 Fazeis que pareçaõ pulhas ,  
 Tantos de animados ventos  
 Pataratas campanudas.

Mas nada disto eu condemno ,  
 Que deoccupagoens taõ justas  
 He a ociosidade inveja ,  
 E fora o applauso calumnia.

Só me queixo de que sejaõ  
 As horas , que o sono usurpa ,  
 Para amizade mingoadas ,  
 Para a perguiza purpureas.

Porèm deixando as querellas ,  
 Que saõ da vontade injuria  
 Saibamos viver de veras ,  
 Fallando pouco de burlas.

Naõ vos dou novas da Corte ,  
 Nem do bairro conto as bulhas ,  
 Que humas naõ seriaõ lerdas ,  
 Nem outras foraõ mui ducharas.

Da minha parte ao Themudo  
 Direis lá , servitó punha ,  
 Ao Commissario , que a Hespanha  
 De vidas póde dar bullas.

E a Deos , que já basta o chasco ,  
 E parece teima , ou furia  
 Querer que à força por minha  
 Vos enfadeis da escriptura.





A GONÇALO VASQUES DA CUNHA

*Relatando a jornada, que fez o Author  
de Lisboa para Setuval.*

R O M A N C E.

**M** Este illustre, e generoso,  
De quem podem já sem queixas  
Ser officiaes os Mortaras,  
E aprendizes os Turenas,  
De quem por lente de prima  
Da militar Academia  
Se Pallas fora a fortuna,  
Fora de Marte a cadeira.  
De cujo valor não temos  
Diamante na nossa terra,  
Que tanto em grandeza, e fundo  
Cada contraste encareça.  
De cujas prendas menores  
A fama mais pregoeira,  
Ou Musa indigna se mostra,

Ou parece humilde adella.  
 Para cujos timbres julgo,  
 Que he das Apollineas selvas  
 Vil pompa a mayor folhagem,  
 Pouca pluma a melhor penna.  
 Para cujo entendimento  
 Não ha juizo, que tenha  
 ( Sem fer dia do juizo )  
 Tempo, que bastante seja  
 Para cujo arnez bizarro  
 Não ha Musa taõ de pedra,  
 Que só por tomarlhe o aço  
 Ser pedra iman não queira.  
 Com cuja espada as mais folhas  
 Não tem terço, e se expetimenta,  
 Que ainda que as bainhas cortem,  
 Cortadas o medo as deixa.  
 Cuja gala, e cuja pompa,  
 Em fim cuja gentileza  
 Tem já feito Douro o Minho;  
 E rio de prata a terra.  
 Deixeivos, deixando a Corte,  
 E logo a minha experiencia  
 Mostrou, que quem vos deixava,  
 Homem da Corte não era.  
 Deste golfo de edificios,

Onde

Onde acha a mayor prudencia  
Remoras a cada passo ,  
E a cada canto sirenas.  
Dessas enseadas , onde  
Tópa quem melhor navega  
Mil riscos , em que naufrague ,  
Mil baixos , em que se perca.  
Lá do terreiro do Paço ,  
Onde o Tejo , que o passa ,  
Está tirando a terreiro  
As Driades , e as Nereidas.  
Para a Corte de Neptuno ,  
A quem do Tejo a grandeza  
Ergue em maquinas de pinho  
Mil Cidades de madeira ,  
Parti , porèm mal comigo ,  
Pois quando do mar nas penhas  
O coração se partia ,  
A alma me ficava em terra.  
Não esperei tempo feito  
Porque vi , que desta feita  
Não fer cabeça de vento  
Me daria na cabeça.  
Já nos mares ensinava  
Caminho o mayor Planeta ,  
Que apressa os seus principios

Quem;



Quem ; mais no luzir se apressa.

Hiale tapando o dia

C'o manto escuro das trevas,

Sem que o Ceo para rasgallas

Mostrasse , que tinha estrellas.

Quando em fim deitando fóra

Vi , que a forte me metera ;

Deitando fóra o barquinho ,

Muito por dentro esta ausencia.

Deo baixa do mar a prata ,

Pois tornando-se baixella

De estanho , deste era força

Naõ ser corrente a moeda :

Coxeava o pobre lenho ;

Com que eu vi nas minhas pressas ,

Que o meterme em caravanas

Me tinha posto em muletas.

O Tejo em fim murmurava

De que contra as sembras mesmas

Nos castigaes de Neptuno

Naõ dessem luz tantas vellas.

Como porèm dos meus olhos

A maré sempre está chea ,

Pois para os prender por loucos

Perennes correntes leva.

Fomos levados das aguas

Até donde huma tristeza  
Mostrou, que eraõ aguas mortas  
As mais vivas de huma pena.  
De remos muito forçados  
Pegaraõ quantos naquella  
Pobre barquinha a S. Pedro  
Se davaõ c'õ a minha pressa.  
Mas não bastou, porquê a noite  
Mui prezada de mostrenga  
Hum ar de si nos não dava,  
Para a julgar menos fea.  
A viraçãõ, que outras vezes  
Está c'õ sangue na gueltra,  
Tambem se mostrou feidica,  
Pois nada tinha de fresca.  
Sõmente de quando em quando  
Tinha o ar suas suspeitas,  
Que d'alma hum triste suspira  
Soluçõ das ondas era.  
Tudo em fim se conjurava  
Contra este pobre Poeta,  
Que por ser poeta pobre  
Nem inda por sombras medra.  
Passando em fim mil fracassos  
Cheguei de Almada á ribeira,  
Que affás andou desalmada

Em me dar huma má besta.  
 Puzme nella , e em dous brincos  
 Que me fez , mostrou depressa ,  
 Quaõ mao ferey para Frade ,  
 Pois que não paro na cella.  
 Na terra me poz chãmente ,  
 Porque não cuidasle a terra ,  
 Que quem taõ cham se mostrava  
 Soberbo se punha nella.  
 Entaõ areei de todo ,  
 E foy pasmo em tanta area ,  
 Que estando tudo areado  
 Fosse entaõ contra a limpeza.  
 Fuime à mulla , e bem que logo  
 Em pedaços quiz fazella ,  
 Tratando-a como ginete  
 Lhe fiz partir as cadeiras.  
 Era a mulla do diabo ,  
 Pois com bem galante quèda ,  
 Confeitou hum homem ha pouco ,  
 Que em máo estado o pozera.  
 Fervia em caxoens o couce ,  
 Porque quiz mostrar soberba ,  
 Que em mim não só os daria ,  
 Mas ainda n'huma estrella.  
 Nella em fim tornando a porme ,



Me tive em conta suprema,  
 Pois que sem ser Alexandre  
 Amanfava bestas feras.

Para enforcar neste tempo  
 Estavaõ da noite as trevas,  
 Pois a alva lhe hiaõ vestindo  
 De huma luz mui macilenta.

Quando naufragando os Polos  
 N'huma medonha tormenta,  
 Nadaraõ de chuva em mares,  
 Cahiraõ de vento em ferras.

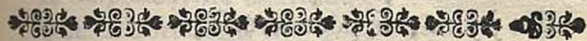
Com certa capa de pano,  
 Que eu naõ seisede aguas era,  
 Bem que vi, que as nuvens tinhaõ  
 Hum bom capote das mesmas.

Me puz muito enxuto a capa,  
 Porém com porme em defença  
 Vi, que naõ vay muito enxuto,  
 Quem taes pannos de agua leva.

Em fim dos brios da mulla  
 Me vali nesta refrega,  
 Por ver que a sua malicia  
 Se acabou nesta tormenta.

Pusme em fim dentro em Setuval,  
 Aonde a minha tristeza,  
 Bem que parte como espada,

Ficou como espada velha.  
 Aqui deitas novas fico  
 Esperando as borboletas,  
 Se merece boas novas,  
 Quem manda taõ más novelas.  
 E a Deos, que a marchar me tocaõ,  
 Com que he força, em que naõ queira,  
 Que a Musa se largue á brida,  
 Pois deve andar á gineta.



AO DOUTOR JOAM DE MEDEIROS  
 Correa

*Dezembargador do Porto.*

R O M A N C E.

**A** Migo, o vosso Romance  
 Bem nos mostra, que bebestes,  
 Sem seres dos romancistas,  
 No remanso de Hipocrene.  
 Taõ breve o julgo nas graças,  
 Bem que grande no excellente,  
 Que se chegara de Roma

O não julgara mais breve.  
 Minhas invejas lhe tive,  
 Porém inda assim me crede,  
 Que a ser festa este romance  
 Não fora cá mais solemne.  
 Mais os pasmos o louvaraõ,  
 Que a voz, mas que muito he nelle,  
 Se a mesma inveja o applaude,  
 Que o pasmo o encarecesse.  
 A' meza estava, e fiquei  
 Em jejum, se póde crerse,  
 Que as delicias de hum sentido  
 Aos gostos de huma alma excedem.  
 Mas não fiquei muito em sosão,  
 Pois até quando entre dentes  
 O tomo, não posso achar  
 Couisa de mayor fainere.  
 Sinto só que hum letradaço,  
 Que de Apollo, e Marte escreve,  
 Fazendo hum louvor mentira,  
 Faça huma amizade aleive.  
 Quem vendo o pouco, que louva,  
 Quer louvar mais do que deve,  
 Ou o que encarece accusa,  
 Ou agrava o que conhece.  
 Não vedes (deixo a Factonte)



Que em fim só para perderse

Vio a borboleta as luzes ,

E azas a formiga teve !

Pois eu que sou formiguinha

Do Parnaso , e que fuy sempre

O rebotalho das Musas ,

E o retrago de Hipocrene :

Que pertendeis , que presuma ,

Se he força quando não chegue

A despenharme formiga ,

Que a borboleta me queime ?

Não vedes , que quando muito

Hum rasgo sou desse Apelles ,

Huma sombra desse Achilles ;

E hum negro desse Menezes ?

Pois se o vedes , como agora

Procurais , que ufanamente

Nasça do bem de louvarme ,

O mal do desvanecerme ?

Pouco de equivococos uso

Porque a frase , que acho nelles ,

Quando não de gatimanhão

De trocicollo parece.

Idea , e frase nos versos

He corpo , e alma a quem deve

Julgar por todo das Musas

Quem

Quem suas partes apprehende.  
 Tudo o mais são fiampuas,  
 Com que queixarse pertendem  
 As beatas do Parnaso,  
 Que são praga dos freguezes.  
 Haõ de vir os consoantes  
 Nascendo; porque se infere,  
 Que he violento aborto  
 Quem não nasce felizmente.  
 O numero, a consonancia,  
 Ha de ser branda corrente,  
 Cujo suave ruido  
 Huns suspenda, outros recree.  
 Haõ de ter assento os versos.  
 E nisto em fim se conhece,  
 Que quem tem cousa tão grave,  
 Não deve ser cousa leve.  
 Isto dos Poemas digo,  
 Que nos versos de joguete  
 Não o contradiz a fórma  
 Por ver que a materia o pede.  
 Antes fora cousa impropria,  
 Que qualquer de nós fizesse  
 Vestir as armas de Alcides  
 A quem só Pigmeo nascesse.  
 Erro fora dos Timantes,

Se sem termos diferentes ,  
Por azas do pintaasilgo  
Dera as plumagens do Fenis.

Medir sempre c'os assumptos  
He caminho de ser mestre ,  
Pois he só quem os iguala ,  
Quem as medidas nos enche ,  
Sirva-se o triste do triste ,  
Do alegre se use no alegre ,  
Que as copias mais semelhantes  
Mais naturaes nos parecem.

Naõ sou eu quem estas regras  
Dou soberbo , pois vi sempre ,  
Que o ser aprendiz de todos  
Me fez errar menos vezes.

Textos saõ desta doutrina ,  
E artes destas regras breves ,  
Os Homeros , e os Virgilio ,  
Camoens , e Tassos , que o seguem.

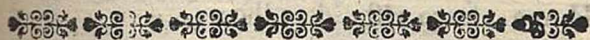
Quem intentar do Parnaso  
Subir ao cume eminente ,  
Por esta estrada caminhe ,  
Por estes rumos navegue.

Eu de Alentejo entre tanto  
Vou ver a campanha ardente ,  
Onde as metáforas duxas



De Belona figo alegre.  
Vou aprender de hum soldado,  
Que taõ perfeito escrevestes,  
Que he já seu tambor a fama,  
E Marte seu casolete.  
Companhia não procuro,  
Porque nos tempos presentes,  
Companhia só na bolça  
Acha até quem menos serve  
Assim porém vou passando  
Assás pago, assás contente  
De ver, que isto se assegura  
A quem nem servir merece.  
Por isso não pico a Musa,  
Porque doe muito a quem perde  
Jogando com a Muza os piques  
Ver picar como quem fere.  
Por isso dos vossos versos  
Applaudo a frase excellente,  
Onde valentia he rayo,  
Onde a candidez he neve.  
Parecem-me taõ bizarros,  
Que no garbo me parece,  
Que se poz nelles a Musa  
De vinte, e quatro alfinetes;  
Mas isto de coplas basta,

Pois se o nectar aborrece,  
 Se he muito continuado,  
 Que faraõ frutas agrestes.



A' VALENTIA DE HUNS OLHOS.

R O M A N C E.

**S** Aõ Tisbe taõ valentonas  
 Dos teus olhos as mininas,  
 Que metendo a saque as almas,  
 Poem a fogo, e fangue as vidas.

Fuy soldado velho hum tempo,  
 Mas hoje por vida minha,  
 Que me tem feito bizonho  
 Essa tua artelharia.

Naõ ha contra a menor carga,  
 Que deffes diamantes tiraõ,  
 Nem aproche, que lhe chegue,  
 Nem manta, que lhe resista.

Por mais, que o peito se cubra  
 Do respeito nas cortinas,  
 Naõ ha defensa, que baste,  
 Nem parapeito, que sirva.

Sem duvida , que no ataque  
De amorosas oufadias  
Das vistas são basiliscos ,  
E das almas culebrinas.

Huma escaça vista de olhos  
Me deraõ tal bateria ,  
Que os meus castellos de vento  
Puzeraõ logo em ruina.

Envestindo as liberdades  
Naõ menos, que á escalavista ,  
Fazendome todo em braza ,  
Todo me tem feito em cinza.

Por mais que estaõ de maõ pósta  
Na resistencia as porfias ,  
Tudo vay n'humas poeira ,  
Logo que lhe poem a mira.

Já de todo as confianças  
Se vaõ pondo costa arriba ,  
Pois que nos campos d'alma  
São sentinellas perdidas.

Deos nos livre desta furia,  
Com que vem , pois se imagina ,  
Que sendo do mundo a graça,  
Lhe provem de Deos a ira.

Em fim Troya está por terra ,  
E se fumega , he que ainda



De verſe a teus pés proſtrada  
Se enſoberbece altiva.

Se ſó triunfa quem vence,  
A reſiſtencia foy dita,  
Porque de mim não triunfaras  
Se acaſo eu não reſiſtira.

Mas ſe hum Inſpiro he chamada,  
Bom quartel, Tiſbe divina,  
Que quem á merce ſe rende  
Suppoem, que haõ de darlhe a vida.





# A D. ANTONIO

LUISE MENEZES

*Conde de Cantanhede (depois Marquez de Marialva) no felice successo, que teve no rompimento das linhas de Elvas.*

I.

**S**E, invicto Conde, a Musa, a voz, o acento,  
Debil voz, Musa indigna, o aceto he breve  
Para louvar acção, cujo ardimento  
Já nos Annaes da Europa a fama escreve,  
Vós me inspiray aquelle heroico alento,  
Que em vós o mundo admira, a patria deve,  
Farei, que acezas deste ardor na chama,  
Soe a voz, cante a Musa, grite a fama.

2.

Oh se podera a cithara sonora

Ter

*AD. Antonio Luis de Menezes.* 381

Ter voz , e suspender a melodia ,  
Quem duvida , que a Musa eterna fora  
Pelo applauso immortal , que vos daria :  
Dos Reynos, onde nasce a branca Aurora,  
Até lá onde o Sol sepulta o dia ,  
Foreis , deixando a patria esclarecida ,  
Vós venerado , e ella engradecida.

3.

Mas em quanto triunfando victorioso  
Do inimigo mais bravo , e mais astuto  
Gozais nos vivas , que escutais glorioso ,  
Das fadigas de Marte : o melhor fruto  
Ouvi este se humilde armonioso  
Som, que se o ouvireis vós , não será muito  
Que de Homero o julgueis alto transfúpto ,  
Se não por meu, por ferdes vos o assumpto.

4.

Era a estação caduca , a idade triste ,  
Em que o anno decrepito espirava ,  
E o Sol, que ao mundo eternamente assiste ,  
No mais frio dos Tropicos entrava :  
A esmeralda do campo era amatiste ,  
Turvo o rio corria, o mar bramava ,  
E entre os ramos com vario movimento  
Gemia o ar , e se queixava o vento.

Quan-



5.

Quando da nossa praça mais luzida ,  
 Que estava do Hespanhol assediada ,  
 Era a falta da gente tão sabida ,  
 Como a sobra do mal experimentada :  
 Não ha miseria já na humana vida  
 De que não seja a instantes assaltada ;  
 Sendo a força mayor , que então a expuna  
 A fome , o mal , as armas , e a fortuna.

6.

Com força grande , e militar sciencia  
 Tinha o famoso exercito inimigo ,  
 Bem que provado brava resistencia ,  
 Crescido em seus apertos o perigo :  
 E a pezar da estação , cuja inclemencia  
 Crescia da campanha o desabrigo ,  
 Exposto ao tẽpo , e contra a sorte armado ,  
 Mais de noventa soes tinhaõ passado.

7.

Nas forças confiado , e nos aprestos ,  
 Com que de empreza tal o eleva a gloria ,  
 Por toda Europa em varios Manifestos ,  
 Já cantava os triunfos da victoria :  
 A praça já fizera seus protestos ,  
 E ao Reyno outros não dignos de memoria ,  
 Havendo o campo á Corte conduzido ,

Tudo

Tudo já na opiniaõ tinha vencido.

8.

Disto informado o heroe generoso,  
De Cantanhede o Conde, que de parte  
Pondo o gosto da Corte delizioso,  
Para as fadigas se dispoem de Marte:  
Naõ sofre, naõ, que o Reyno mais glorioso,  
De quem inda veneraõ o estandarte  
Tãtos Reynos, nações, climas, e Imperios,  
Da espada se fogueite aos vituperios.

9.

Já lida aquelle peito de invencivel,  
Nas prevenções, que fas para esta empreza,  
E aquella fé no zelo inacessivel  
Arde; entre chamas de valor acezas:  
Das forças juntou logo o que he possivel,  
E engrossando a milicia Portugueza  
C'o as levas, que lhe vaõ do Reyno todo,  
De focorrer a praça estuda o modo.

10.

Por naõ pôr a fortuna em contingencia,  
Que tudo arrisca huã hora, e perde huã dia,  
A gente fez sahir com diligencia,  
Bem quando o alento o numero excedia:  
As acções, que se estudaõ na experiencia,  
De tal sorte o valor institua,

Que

Que armado o peito desta confiança  
 Mostrou mayor o acerto, que a esperança.

## 11.

Sobre hum rayo quadrupede parece,  
 Quando se ostenta em breve movimento,  
 Que o feroz animal se ensoberbece  
 C'o pezo insigne, que lhe infunde alento:  
 Tanto ao pizar, os campos estremece,  
 Tanto ao correr, corrido deixa o vento,  
 Que o julga a vista com veloz desinayo  
 Emplumado cometa, airoso rayo.

## 12.

Vendo pois o exercito formado,  
 E estando para a marcha prevenido,  
 Oh, que observancias mostra de soldado!  
 Oh, que eloquencias verte de entendido!  
 De forte anima a todos de alentado,  
 Tanto persuade a todos advertido,  
 Que co as razois, em que a efficacia sobra,  
 Tanto o juizo, como as armas obra.

## 13.

A confiança, que ha de quem governa,  
 De forte anima a Lusitana gente,  
 Que por ser digna de memoria eterna,  
 Anhela os riscos com furor ardente:  
 Hum bravo orgulho, hũa alegria externa



Faz a Victoria a todos taõ presente,  
Que era a de que o destino prometia,  
A menor circumstancia profecia.

14.

Deo final o Clarim com força estranha,  
Cujõ bellico impulso, & vivo alento,  
Fazendo estremecer toda a campanha,  
Foy salva ao Sol, e adulaçaõ ao vento;  
Movemse as tropas com galharda sanha,  
E os esquadroens iguaes no movimento,  
Ao som tremolaõ de armas, e tambores,  
Dos estandartes as diversas cores.

15

O Sol, que o ja das nuvens offendido,  
Ou já da nossa injuria envergonhado,  
Negava ao mundo em sombras escondido  
A luz, q̃ alegre o campo, e anima o Prado,  
Entaõ de tantos rayos guarnecido  
Desvaneeo das nevoas o toucado,  
Que coroando a todos de esplendores,  
Outros soes pelas armas fez mayores.

16

Porém, antes que a fulgida carroça  
Em montes de crystal se somergisse, (ça  
E antes, q̃ ao pobre alvergue, ou breve cho-  
Lavrador, ou Pastor se reduzisse,

386 *A D. Antonio Luiz de Menezes.*

Mandando á gente (que toda se alvoroça)  
O Conde fazer alto, e que se vísse  
O sitio mais capaz de alojamento,  
Deo ao trabalho alivio, ao campo assento.

17

Dous cursos tinha o coche luminoso  
Repetido na Ecliptica luzente,  
E triunfando do horror caliginoso,  
Terceira vez brilhava no Oriente;  
Quando o Varaõ supremo cuidadoso  
Da grande empreza, a que se vê presente,  
Medindo a fórma em que ha de executalla,  
Os Cabos principaes consulta, e falla.

18

Resolvendo em fim todos este dia,  
Quando o grande Varaõ determinava,  
Já do quartel o Exercito sahia,  
Galharda a fórma, a valentia brava;  
O coração no peito não cabia  
Acada qual, que a todos lhe faltava  
Pelas mãos, pelos olhos, de tal fórte,  
Que já o menor temor era o da morte.

19

Donde dos Generaes mais defendidas  
Linhas, trincheiras, fossos, e estacadas  
Se vem, e com cuidado guarnecidas

De

*A D. Antonio Luis de Menezes.* 387

De tantas gentes , bravamente armadas ,  
Manda sejaõ primeiro acometidas ,  
Bem que mais para vistas , que escaladas ,  
Que o peito a grandes cousas destinado ,  
Vay ao risco mayor mais alentado.

Havia de huma nuvem o toldo espesso ,  
A pezar do desvelo Castelhana ,  
Com véo escuro , e tenebrozo excessõ ,  
Cuberto o risco , e recatado o dano ;  
E bem que tinhaõ no discurso impresso  
Qual era o fim do intento Lusitano ,  
Tinha em tardar , e crer , que era preciso  
Mais nevoas , que nos olhos , no juizo.

Discorria o valido , entãõ facundo ,  
( Que taõ bem erra ás vezes o inimigo )  
Que era exercito breve todo hum mundo  
Para vencer das linhas o perigo :  
O fado contra nós via iracundo ,  
O poder , e opiniaõ tinha comfigo ,  
Do terreno a ventagem o ajudava ,  
E mais que tudo , o que de nós cuidava.

Mas a pezar do agouro , que este dia  
Aos Menezes tégora ameaçava ,



388 *AD. Antonio Luis de Menezes.*

Por não perder o Conde a bizzarria,  
Que em todos arde, e ferve, o desprezava,  
Se isto de si nos mores trances fia,  
Quando a superstição lho condenava,  
E isto em dia de agouro mostra o fado,  
Que será no seu dia afortunado?

23

O Musa se algum dia a minha lyra  
Mereceo de teu plectro o doce encanto;  
Divino alento a meu favor inspira,  
Que humana voz não basta a dizer tanto:  
Assim nunca elle monte, onde respira  
O brando som de teu melifluo canto,  
Se veja em lastimosa dissonancia  
Profanado da enveja, ou da ignorancia.

24

Começou da trombeta o som terrível  
A encher o ar de horror, de espanto a terra,  
Intimando fatal, com furia incrível,  
Medo ao Sol, ira ao véto, ao múdo guerra;  
Sinal do ultimo dia era infallível  
A muitos, dos q' agora o campo enterra,  
Não nos mortos, que entãõ resuscitarãõ,  
Senãõ nos muitos vivos, que acharãõ.

25

Logo o grande Varaõ, que á sua espada,

Tinha

*AD. Antonio Luis de Menezes.* 389

Tinha as artes da guerra reduzido,  
Manda se desse ás linhas a escalada,  
A que o valor se tinha reduzido;  
E porque em tudo não ficasse nada,  
Que não venceffe o braço não vencido,  
Sendo merecedor de eterno templo,  
Menos usou do mando, que do exemplo.

26

Não tão violento o mar tempestuoso,  
Quando abismos, e estrellas ameaça,  
Escumando de bravo, e de furioso,  
A praya enveste as rochas despedaçã;  
Como o Conde entre os riscos valeroso  
A pezar dos perigos, que rechaça,  
Sem se lhe dar do posto, que interrompe,  
As linhas quebra, as estacadas rompe.

27

Para cegar o fossõ dilatado,  
Voa, não corre, cada qual ligeiro,  
E apenas algum cabe de apressado,  
Quando serve de ponte ao companheiro:  
Parece, que da morte arrebatado  
Não basta ser o espirito guerreiro,  
Pois faz, q' ao Rey em tão confusa sorte  
Sirva até cos cadaveres a morte.

As

## As cargas da Hespanhola artelharia

Taõ vastas se repetem cento , a cento ,  
 Que o ar se atroa , e se esmorece o dia ,  
 Turvamse os Ceos , e treme o firmamento;  
 Palido o Sol o resplandor enfia ,  
 Tudo se esconde em seu profundo assento ,  
 E tudo em fim confusamente triste  
 Sem luz , sem fórma , e sem discurso assiste.

## Vendo da Praça os Heroes generosos

O valor , e socorro dos amigos ,  
 Já não socegaõ bravos , e envejosos ,  
 De que a honra lhe ganhem nos perigos :  
 Bem que em numero breve , valerosos  
 Acometem de sorte aos inimigos ,  
 Que nas acções, que á competencia crece;  
 Cada qual hum exercito parece.

## Menos feroz o touro , que estivera

Prezo , quando no corro se dilata ,  
 Com furia brava , e catadura fera  
 Brama , escarva, acomete, offende, e mata;  
 Menos embravecido o mar se altera ,  
 As Penhas ergue , os orbes arrebatá ,  
 Vento , que solto das prizoões , que teve ,



*A D. Antonio Luis de Menezes.* 391  
Ao mar, à terra, ao mesmo Ceo se atreve.

31

Pelo meyo das armas Castelhanas,  
Unirse ao nosso exercito pretende,  
E franquear às Quinas Lusitanas  
Hũa das portas, quando o campo emprêde:  
Naõ bastaõ ao Hespanhol forças humanas,  
Bem que com arte, e forças se defende,  
Porque o valor daquelles vencedores  
Inda mais he, que para acçoës mayores

32

O Conde Illustre, que os amigos via  
De Bellona entre as iras empenhados,  
Entrar tambem cada qual queria  
A' honra dos successos arriscados;  
Onde a peleija mais se enbravecia,  
Onde vê já ceder muitos Soldados,  
Bravo se arroja, e na mayor tormenta,  
Quanto hũ perde, outro ganha, elle sustêta.

33

Todos a seu exemplo aventureiros,  
Do amor da chara vida se despojaõ,  
E expondo-se das ballas aos chuveiros  
Só de naõ verse em tudo o mais se enojaõ;  
Nenhum ha que naõ seja dos primeiros,  
Todos ao risco intrepididos se arrojaõ,  
Com



Com furia tal, que em golfes de escarlata  
Este choca, esse fere, aquelle mata.

## 34

Em fim rotas as linhas do inimigo,  
E formado esquadraõ no seu terreno,  
Dando ás soberbas tragico castigo,  
De estragos se encheo o campo arreno:  
Esta já dos temores do perigo  
O mayor de seus Grandes taõ pequeno,  
Que antes lhe era hũ mũdo estreita praça,  
Hum canto já lhe sobra na desgraça.

## 35

De Marte entaõ co as iras, e rigores,  
Foy a batalha taõ cruel, e ardente,  
Que parece, que os orbes superiores  
Choravaõ pelo mundo iradamente:  
Todo o campo entre furias, e clamores  
Era da morte hum rapido torrente,  
Sendo hum fatal da vida paracismo,  
Copia do chaos, e original do abismo.

## 36

Granizando os mosquetes, e arcabuzes  
Rayos de chumbo, entre trovoës ardentes,  
O mesmo fogo das funestas luzes  
De farol serve aos animos valentes.  
Os leõens estremenhos, e andaluzes

*A D. Antonio Luis de Menezes.* 393

Por mais, que entã as garras impacientes  
Feroz esgrimaõ, morrem, bem que ufanos,  
Entre os Herculeos braços Lusitanos.

37.

Entre nuvens de fumo anoitecido  
O Ceo se ignora, o mundo se escurece,  
Tudo vaga entre as armas confundido,  
Tudo em iras, e mortes se endurece:  
Em diluvios de chammas derretido,  
Que chega o mundo ao triste fim parece,  
Pois, sem que baste a tanta força escudo,  
Tudo se offende, e se consome tudo.

38.

No roxo mar, que o campo representa,  
Desôrte o mais intrepido naufraga,  
Soçobrando em taõ misera tormenta,  
A vida perde, quando a sede apaga;  
Outro de sôrte as veas alimenta,  
Se exhausto delle as suas ondas vaga,  
Que ao mesmo tẽpo, q̃ esta acção lastima,  
Quando aquelle se affoga, este se anima.

39.

O Conde invicto, que a fortuna irada  
Vê no vagar, com que a victoria chega,  
Montes rompe de ferro com a espada,  
De sangue huns rios abre, outros navega;  
E

394 *A D. Antonio Luis de Menezes.*

E qual o segador com maõ armada  
Da curva fouce , em Julho espiga sega ,  
De hum golpe só , nas bellicas fadigas ,  
Cabeças corta mais , que aquelle espigas.

40.

As pernas bate ao rapido ginete ,  
Que impellido da força , que o domina ,  
Se pisa quanto intrepido acomete ,  
Quanto encontra belligero arruina ;  
Sendo do ar fogofo martinete  
Tanto a vista , e distancias desatina ,  
Que n'hum só ponto a tudo está presente,  
Vivo trovaõ , relampago vivente.

41

Dos Cavallos o estrepito furioso ,  
O retinir das armas repetido ,  
Dos mortos o espectaculo horroroso ,  
Os ays do afflicto , as vozes do rendido ,  
Do estropeado o grito lastimoso ,  
E em fim dos que agonizaõ o alarido  
He tal , que o ecco só de tantos males  
Magõa as penhas , e atomenta os valles.

42

Mas já de Hesperia as gentes , cujo estrago  
As nossas tropas sem parar cresciaõ ,  
O campo convertendo em roxo lago ,

Apres.



*A D. Antonio Luis de Menezes.* 395

Apreſſados das ſombras ſe valiaõ ,  
Huma infauſta ruina , hum trifte amago ,  
Nos diſformes cadaveres ſe viaõ ,  
Cauſando a viſta deſte horrendo enſayo ,  
Aos olhos medo , aos coraçõens deſmayo.

43

Em fim cahio a eſtatua , que queria  
Adoraçãõ no mar , na terra , e vento ,  
Cahio a noite , que intentado havia  
Chegar do Luſo ao alto firmamento ;  
Com pedra negra , Heſpanha deſte dia  
Conte a memoria , e chore o ſentimento ,  
Que o Luſo , inda q̃ eſqueça iſto , q̃ aclama ,  
Em vivos bronzes lhe eterniza a fama.

44

Voltando tudo em fuga declarada  
Toda Heſpanha com vozes , e alaridos ,  
Já deixa a preza , e gente aſſinallada ,  
E os mais dos Cabos mortos , e feridos :  
Segue a victoria a Portugueza eſpada ,  
E os clarins vivamente repetidos ,  
Celebrando do Conde excelſo a gloria ,  
Alegres já lhe cantaõ a victoria.

45

Com preſſa logo o Conde , cujo alento  
Nenhum repouſo ao braço conſentia ,

Os

Os fortins cerca , e com cuidado atento ,  
 Mais que do bem , da vigilancia fia ;  
 Aludindo de Hespanha o sentimento ,  
 Capuz de sombras arrastava o dia ,  
 Mas logo o Ceo lhe rompe em luzes bellas ,  
 Pondo por luminarias as estrellas.

46

Mas já da Aurora o rosicler brilhante  
 De aljofares bordado amanhecia ,  
 E o Sol deixando o leite de diamante  
 Rayava os montes , e dourava o dia ;  
 Dos Ceos , o que era lugubre semblante ,  
 De luzes cheyo , e nacares se via ,  
 E ao brando som , que o vento respirava ,  
 A fonte ria , e o roxinol cantava.

47

Quando rendidos os fortins , e entrado  
 A sacco todo o campo do inimigo ,  
 Foy o despojo mais , que imaginado ,  
 Foy mayor a ventura , que o perigo ;  
 O Cõde ( oh grãde Heroe ) prostrado  
 Ao grande author , cá fora , e comfigo  
 As graças do que ao Ceo debes entende ,  
 Como a Deos dos exercitos lhe rende.

48

Pois , se fois a columna deste Imperio ,

Oh

*AD. Antonio Luis de Menezes.* 397

Oh Varaõ grande, oh Conde esclarecido,  
A quem o Atlante do Monarca Hisperio  
Se vio postrado, e se chorou vencido;  
Do Polo austral, ao Artico hemisferio  
Seja esse nome, esse valor sabido,  
E porque mais a todo o mundo espante  
A musa o louve, e a mesma fama o cante.

49

Porém se he empreza louca, e presumida,  
Querer louvar accoens da vossa espada,  
A melhor Muza em vozes convertida,  
E a mesma fama em linguas dasatada,  
Voe a Musa em silencios reduzida,  
Calle a fama entre os pasmos elevada,  
Que onde o mayor dizer, o applauso mingoa  
O silencio he discurso, o pasmo he lingua.







*Sonetos varios de hum Anonymo.*

S O N E T O I.

**F** Ilis, si es fuerza viendo-os, deseáros,  
 Y desear amando es offenderos  
 La fineza he de hazer de no quereros,  
 Pues no será no quereros, agraviaros.  
 Mucho podrè conmigo en no adoraros,  
 Mas como tanto aspiro a mereceros,  
 Viendo que no es decoro apeteceros,  
 Pienso no os amarè por respetaros  
 Mas que importa no amaros, si estoy viendo  
 Que si os respeto en no os servir amando  
 Daros más pura adoracion pertendo.  
 Como pues viviré no os adorando  
 Si hasta ir el alma de os querer huyendo  
 Es nuevo modo de iros deseando.



*Ao Conde da Torre matando hum Touro de huma  
cutilada, chegando a espada a riscar a  
terra.*

S O N E T O II.

**F** Oy, ó Conde bizarro, de tal sorte  
A vida desse bruto presumida,  
Que o roxo mar da mais cruel ferida  
Julgava estreito a seu alento forte,  
Mas só vós, rayo illustre de Mavorte,  
Fizereis com pujança nunca ouvida,  
Que por onde a sáhir não coube a vida,  
Soberba entrasse a arreatalla a morte  
Em fim cahio o bruto, e parecia  
Que o tom do golpe, que nos valles dura  
Em todo o ar exequias lhe fazia;  
Pois foy tal dessa espada a força dura,  
Que inda a terra parelle que lhe abria  
Cos sobejos do golpe a sepultura.



*Ao mesmo assumpto.*

S O I N E T O III.

**T** Aõ bravo golpe, ó Conde illustre, destes  
 Nesse amante de Europa, que matastes,  
 Que só o estrondo, que ao ferir cauzastes  
 Todos os signos atroou celestes.

Taõ veloz, tam bizarro acometestes;  
 Que no impulso menor com que voastes  
 Ao golpe horrendo a morte anticipastes,  
 E por demais a execuçaõ fizestes.

Faltou emprego á espada, ao braço forte  
 Lugar, onde parasse a desmedida  
 Força, que inveja Achilles, e Mavorte.  
 Entendo, que ambicioso da ferida  
 Por ter o bruto o credito da morte  
 Causa vos deo para tiralhe a vida.



*Ao mesmo assumpto.*

SONETO. IV.

**F** Oy para o rayo de aço curta esfera  
 A vida de hum só bruto limitada:  
 Queixa-se da materia a cutilada,  
 Mais funda entrara, se mais fundo houvera.  
 Torna, se podes, a viver ó fera,  
 Vai buscar mais pescocos á manada,  
 Que no resto das iras desta espada  
 Nova morte sem nova acção te espera.  
 Mas já que ao ferro do melhor Mavorte;  
 Depois de forver vidas, inda dura  
 Vasta, e anelante a sede de seu córte;  
 Que empregos achará força tão dura?  
 Rasgue o boy, e abra a terra; desta sorte  
 Sae das sobras da morte a sepultura.



*Padron funeral de las Armas de España en los campos de Amexial, en la batalla ganada por el Conde de Villa-Fior.*

SONETO V.

**E** Sta en un tiempo de Ceres estructura,  
 Que aora un mar de adusta sangre baña,  
 Fue de la muerte ayer vasta campaña  
 De Marte aora horrenda sepultura  
 Por dar solar ilustre en guerra obscura  
 Al estrago comun de toda España  
 Es ya, si de cadaveres montaña,  
 Tambien de hojas sangrientas espesura.  
 Aqui donde sus titulos prescribe  
 Lea al fin en funebres Cartagos  
 Con rubricas de sangre el hado escribe.  
 Verá de cada piedra en los amagos,  
 Quando sus escarmientos no cultive,  
 Que siembra muertes, y recoge estragos.

*Definição do amor.*

## SONETO VI.

**H**E hum nada amor, que póde tudo ;  
 He hum não se entender o avizado ;  
 He hum querer ser livre, e estar atado,  
 He hum julgar o parvo por sizudo.  
 He hum reparar os golpes sem escudo ;  
 He hum cuidar que he, e estar trocado ;  
 He hum viver alegre, e enfadado ;  
 He não poder fallar, e não ser mudo.  
 He hum engano claro, e muy escuro ;  
 He hum não enxergar, e estar vendo ;  
 He hum julgar por brando ao mais duro.  
 He hum não querer dizer, e estar dizendo ;  
 He hum no mór perigo estar seguro ;  
 He por fim hum não sey que, q̃ não entendo.





*Negação do amor.*

SONETO VII.

**Q**uem cuida haver amor vive enganado,  
 Engana-se quem tem tal pensamento,  
 São cuidados de amor torres de vento,  
 Que em fim o vento leva este cuidado.  
 Fundeime no amor, fiquei frustrado,  
 Que em tudo falso he seu fundamento;  
 Não ha no mundo amor, que tenha assento,  
 E todo o bem da terra he bem Sonhado.  
 He cego para o bem, como bem o cega,  
 E para o mal sutil, e cauteloso,  
 Traidor ao coração, que se lhe entrega.  
 Fugi, homens, fugi deste aleivozo,  
 Que trata com rigor quem se lhe chega,  
 Fugi, que quem mais foge he venturozo.



*A Clori el dia que la Iglesia haze memoria  
del juizio universal fue assumpto Academico.*

S O N E T O VIII.

O Y, que los faustos de la humana pompa  
Son caduco esplendor, breve ceniza,  
Y entre triste amago al orbe atemoriza  
El son fatal de la postrera trompa.  
Antecipe se, ó Clori, no interrompa  
El juizio al juizio; y si me hechiza  
Amor, remora un tiempo antojadiza,  
Parca esta vez los nudos ciegos rompa.  
Sé que un mundo eres breve, y q̄ essas bellas  
Luzes estrellas son; mas que profundo  
Juizio no hará el alma aora dellas,  
Si se, que en este dia, en que me fundo,  
Han de caer, ó Clori, las estrellas,  
Y ha de acabar con su ruina el mundo!



*Peccador contrito.*

SONETO IX.

**O**Y, que en Vesubios de su llanto vierte  
 De fuego un mar el alma enternecida,  
 Rasgue el dolor en contricion sentida,  
 Mi Dios, del pecho el pedernal mas fuerte.  
 Conosca ya con essa luz, que advierte  
 De vuestro Sol en la verdad luzida,  
 Que es cada gusto un sueño de la vida,  
 Y cada vida un transito a la muerte  
 Mas que mucho, mi Dios, si en este estado  
 Del sueño de la culpa amortecido  
 Me haveis el alma, y la razon librado.  
 Y es tanto bien haverme arrepentido,  
 Que por estarlo, y veros humanado;  
 Dicha parece haveros offendido.





*A un sujeto grande, que haziendo excelentes versos dissimulava el nombre.*

S O N E T O X.

**E** Rigio Athenas en su antiguo estado  
 Ara devota a un Dios no conocido,  
 La deidad adorava en lo escondido,  
 Y el respeto crecia en lo ignorado.  
 No error, mysterio fue, pues bien mirado  
 Desmiente a la deidad lo comprehendido,  
 Y es a lo immenso el culto mas debido  
 La fé sin ojos, y un honor postrado.  
 O' vós, a quien la fé no desconoce  
 Deidad, a quien no ay aguila altanera  
 Que tantas luzes ó registre, ó goce,  
 Nublar que importa a tanto Sol la esfera,  
 Si ha de amaros deidad quien nó os conoce,  
 Pues quien os oy, oraculo os venera?



*A la Rosa.*

SONETO XI.

**R** Eina de Abril, tus vanas magestades  
 Que importa verse de esplendores ricas,  
 Si en cada espina un miedo significas,  
 Y en cada miedo un deshonor te añades.  
 Nó es decente a las grandes Potestades  
 El temor, y si del ya te publicas  
 Víctima, que defensa te fabricas  
 De archas toscas, en viles humildades?  
 Si es cautelar el trono, indigna prenda  
 Parece dessa altura, en los extremos  
 Temer accion, que a su deidad offenda  
 Pues todo esse cuidado, en que te vemos  
 Tuerça la cobardia a que pertenda  
 Reynar sobre los animos supremos.



*Gustos soñados.*

SONETO XII.

**C**Lori, el sueño atrevido a tu respeto  
 Hizo no sé que burla a mi cuidado,  
 Pues vi que el alma en nudo suspirado,  
 Hizo eslabon de tu beldad mi affeto.  
 Mas ay, que deste bien, aunque imperfeto  
 Como era mio, la impiedad del hado  
 Llevó de acuerdo el gusto de soñado,  
 Nó las saudades, que dexó su objeto.  
 Pues Clori, que me vale el gusto incierto,  
 Que logro en los engaños de dormido,  
 Para llorar su perdicion despierto?  
 Si hasta en un bien fantastico he sabido,  
 Que ni por sombras de un alivio muerto  
 Dexas durarme un bien, que no lo ha sido!





*De Francisco de Brito Freire.*

SONETO MORAL.

**N** ão desejes mais honras q̃ as virtudes,  
 Naõ faças nada por respeito humano,  
 Ouve mal da lizonja o doce engano,  
 Obrando bem, do que dirãõ naõ cuides.  
**A** todos na aslicçõ benigno ajudes,  
 Usa sem fingimento hum trato lhano,  
 Vence do proprio amor o grande dano,  
 Nas sorte ambas o animo naõ mudes.  
**P**odendo escuzar, a ninguem peças,  
 Arrojate com gloria ao precipicio,  
 Naõ occupes lugar que naõ mereças:  
**P**aga com outro mayor o beneficio,  
 O fim olha das cousas que começas,  
 Louva o alheyo bem, nota o teu vicio.



*A hum Girasol nascido no tronco de hum Lou-  
reiro.*

DE ANTONIO TELLES  
SONETO.

**A** Qui tens a fineza bem nascida ,  
 Se aqui tens Febo a queixa bé fundada,  
 Pois te segue huma flor enamorada ,  
 Se te foge huma planta endurecida.  
 Nasce huma Clície de attençaõ vestida ,  
 Junto a huma Dafne de aspereza armada ,  
 Que onde a belleza blasonou de amada ,  
 Não se queixe a belleza de offendida.  
 Eu amo , e meu amor nada consegue ,  
 E porque de esperanças me despoje ,  
 O que me desagrada me persegue:  
 Oh como estamos differentes hoje ,  
 Que ati te foge o tronco , a flor te segue ,  
 A mim me segue o tronco , a flor me foge.



DO MESMO AUTHOR

*A huma Dama fermosa, e esquiva.*

SONETO.

**A** Roza, que no prado umbroso estende  
 Essa flamante grã, viva escarlata,  
 Se em purpureas lisonjas se dezata,  
 Com verdes esquivanças se defende.  
 O Sol, que em luminoso ardor se acende,  
 Sendò brillante luz, he flama ingrata,  
 Pois nos valles, que alenta, as flores mata,  
 E nos montes, que doura, a neve offende.  
 O Mar, que sendo centro de riqueza  
 Com liquido Crystal a praya undosa  
 Em as costas açouta com braveza:  
 Quer Filis, ser tiranna, e ser fermosa,  
 Só por ser no rigor, e na dureza,  
 Puro mar, claro Sol, florida rosa.



*Na sepultura de huma Dama.*

E P I T A F I O

*Por hum Anonymo.*

S O N E T O.

**A** Qui jaz da belleza o doce encanto  
 Abatido em prizoens da Parca dura;  
 Aqui jaz tosco esmalte a formosura,  
 Que dos olhos já foy assombro, espanto.  
 Aqui jaz quem da vida logrou tanto,  
 Quanto vay desde o berço á sepultura;  
 Aqui jaz, (oh que dor!) viva escultura  
 Da magoa, sentimento!, dor, e pranto.  
 Aqui jaz transmutada em pó, e em terra  
 A galla superior do mundo ingrato,  
 Ficando em terra, e em nada transferida:  
 E se a vida mais grata em pó se encerra,  
 Esta tosca pintura, este retrato  
 Desengano he fatal da breve vida.



VARIOS ROMANCES DE HUM  
Anonymo.

*A huma Aideana bindo com hum cantaro buscar  
agoa á fonte.*

R O M A N C E .

**A**' fonte vay buscar agoa  
Com hum cantaro Isabel,  
Deidade rustica, e sem par  
Na belleza, e no desdem.  
Era do Loureiro a fonte,  
E foy a primeira vez,  
Que de rayos o loureiro,  
Se pode offendido ver.  
Matando vay de caminho,  
E na fonte ingrata quer,  
Por não deixar de matar,  
Matar a sede tambem.  
He tão bella a rapariga,  
Mas tambem tão infiel,

Que

Que rende por excellencias ,  
Para matar por merces.

Do ouro fino o cabelo

Dizem que he ouro de ley ,

Mas ella de puro falsa

Naõ guarda ley a ninguem.

Negros saõ seus olhos lindos ,

Ou de Angóla , ou de de Guiné

Porém saõ negros de engenho

Que servem só de moer.

A boca he hum ponto breve ,

Mas affirma quem a vê ,

Que ainda tem de admiraçaõ

Mais do que de ponto tem.

Vendoa taõ linda , de inveja

O Sol enforcar-se quer ,

E cuida que só porisso

Sihio com alva esta vez.

Por matar ás maõs lavadas

Lava as maõs , porque tambem

Quer mostrar , que tem maõs limpas ;

Quando condena a morrer.

Vay descalça , e fugitiva ,

E advertencia sua he ,

Porque como os passos , corre

Leva descalços os pés.



Braz, que a vio ir para a fonte,  
 E para o cantaro seu  
 Dandolhe agua de seus olhos,  
 Servir de rodilha quer.

Como ha tanto que se preza  
 De extremos de amor, e fé,  
 Ao venerado rigor  
 Estas queixas deo fiel.

Para que me foges  
 Se sabes traidora  
 Que te segue esta alma  
 Como á luz a sombra.

Se vas buscar agua,  
 Eu a tenho agora  
 Se por ti nos olhos,  
 Para ti na bocca.

Quebra pois de condiçãõ,  
 Porque o cantaro tambem  
 Tantas vezes vay á fonte  
 Té que quebra de huma vez.





*Em reposta de hum Romance que mandaraõ ao  
Aubor.*

R O M A N C E.

**A**' S sete da tarde , amigo ,  
Quando de Neptuno a moça  
Mandava a Febo inflamado  
Tomar huns banhos nas ondas.

Já quando a luz por taparse  
Naõ só com manto de sombras ,  
Mas das chaminés os fumos  
Tomava de noite a gloria

Em fim quando todo arrufio  
Pelo escuro se encapota ,  
Mais fanfarrão de la lampa ,  
Que valente de la hoja.

A' luz , com que huma candeia  
De gravato blasona  
De que tem seu garavato  
A luz menos brilhadora.

Vimos o voffo Romance

IV. Part.

Dd

Que

Que eu não tive por grão coufa,  
 Por mais que o dizer foy muito,  
 E fossem muitas as coplas.

Alli vi, que a vossa Musa

Sem durar muito na escola

Inda corria o fadario

De estar sempre a fazer trovas

Alli vi como a viva alma

Vossa penna não perdoa,

Pois tanto pondes á curta

As candalas, como as opas.

Alli vi como do Pindo

Nas cabanas, e palhoças,

Sendo tudo huma palhada,

Vendeis por frutos as folhas.

Vós ereis aquelle bicho,

Bicho do mato té gora,

Que a bichinhos só do campo

Mostrastes que ereis de concha.

Vós que sois todo faceira,

Pois póde, se bem se nota,

O frontal só dessa cara

Ser ornamento das outras.

Vós que sois todo ventrisca,

Pois nessas immensas polpas

Vos estão tremendo as carnes,



De não ter offo que corra,  
 Vindes fazer pistoleta,  
 E vindes com muita sorna  
 A dar hum gabaõ traõ frouxo,  
 A quem não he pouca roupa  
 Vós mandais á Corte as Musas,  
 Que nessas montanhas toscas  
 Por salvagens do Parnaço,  
 Parellem gente ballofa.  
 Cá donde a tela não brilha,  
 Onde o trage todo he moda,  
 Quereis que as temperas velhas  
 Luzaõ com manteos de lonas.  
 A donde o menor versinho  
 Com taõ grande estrondo atroa,  
 Que o que faz menos foguetes  
 He girandola de Roma  
 Esses suspiros das Musas,  
 Que são catarros, e ronhas,  
 Querem hoje os vossos ralhos,  
 Que cá nos pareçaõ roncas?  
 Aprendei pois outro officio,  
 Que inda que neste vos sobra  
 O que ganhais de precalços,  
 Bom prol não tereis agora.  
 Sede de bofes lavados,

Naõ os deiteis pela boca  
 Por hir como gato a bofes  
 A quem talvez vo los coma.

Vede que o carro da fama  
 Naõ leva nunca pelloas,  
 Que andaõ por enguirimango,  
 Ou vivem por girigonça.

Vivei lá c'o as alimarias  
 Dessas terras montuosas,  
 Que tanto á banda se cerram  
 Com gente cerrada, e bronca.

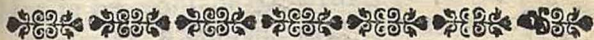
Fazei lá por essas lapas  
 Penitencia de vanglorias,  
 Com que por ser graõ lagarto  
 Quereis saber mais que as cobras.

De noite qual lobisome  
 Correi o fadario embora,  
 Ou andai como estantiga  
 Que nessas partes se encontra.

Ninguem vos veja de dia  
 Pois se naõ sois cousa boa,  
 Aparecerem de dia  
 As cousas más he má cousa,

Naõ vos veja o Figueiredo,  
 Nem o graõ Sancho vos ouça,  
 Que naõ he de homens de siso

Prestar só para galhofas.  
 Em fim tomai meus conselhos,  
 Antes que entre essas chacotas  
 A vida em tallas se meta,  
 E a morte em pressas vos colha.



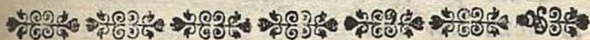
## QUEIXAS.

**O** Uvi solitarias selvas  
 Lagrimas de cento a cento,  
 Suspiros de voz em vos,  
 Soluços de ecco em ecco.  
 Ouvi, que inda que algum dia  
 Vos pareceſſe gropheiro,  
 He já costume dos males  
 Apurar o entendimeno.  
 Que o ſaber ſentir deſgraças  
 Faz os tristes taõ discretos,  
 Que hoje tem mais de entendido  
 Quem tem de ventura menos.  
 Selvas, offendeo-ſe Filis  
 De conhecer que me queixo,  
 Como ſe a queixa naõ fora  
 Filha do merecimento



Naõ me queixara dos males  
A naõ ser ditoso hum tempo,  
Pois nunca o veneno mata  
A quem sustenta o veneno.  
Mas se aquella gloria minha  
Só para perderse veyo,  
Donde as memorias saõ magoas  
Que queixas seraõ silencios?  
Verdade he selvas, que a Filis  
Tanto por amalla devo,  
Que nem merecendo muito  
Morrer por ella mereço.  
Porém como a dor soçobra  
Das veneraçoes o affecto,  
Alentos saõ das loucuras  
Da fineza os defalentos.  
De mais que se hum tempo Filis  
Agradeceo meus excessos,  
Naõ sentir ser desgraçado  
Fora estimar ser grosseiro  
Dezestimára os favores  
Que logrey ditoso hum tempo,  
Se agora se me naõ dera  
De lograllos, e perdellos.  
Já eu vi selvas amigas  
Darem-me seus olhos bellos,

N'hum não se y que de bem visto ,  
 Muitas vanglorias de acerto,  
 Mas se custa sempre mais  
 O mal que se espera menos ;  
 Desgraça foy ser ditoso ,  
 Ventura fora o não sello.  
 Mas se he vontade de Filis ,  
 Fazerlhe a vontade quero ,  
 Pois por andarlhe á vontade  
 Ando sem entendimento.  
 Se ouvireis dizer que morro  
 Não o creais , porque he certo ,  
 Que a vida dos desgraçados  
 Inda he mayor que a dos necios.



*A una Dama saliendo vestida de luto.*

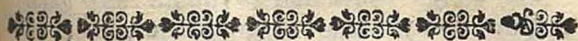
R O M A N C E .

**D** Eidades , que en estas selvas  
 Envidia de Venus sois ,  
 Oy sale a daros envidia ,  
 Con gala de luto un Sol.  
 Reboçado viene en nubes ,

Mas

Mas con tan nuevo esplendor ,  
Que abraza con las tinieblas  
Quanto a rayos perdonó  
Sus ojos con luzes negras  
Se vê , que en luzeros dos ,  
Si estrellas nó son obscuras ,  
Brillantes cometas son.  
Adrede parece que arden  
En su nocturno arrebol ,  
Porque en dos eclipses luzgan  
Más que el dia en su candor  
Cruelles son sus piedades  
Más que sus iras , pues oy  
Mata con el luto , y viste  
Luto por los que mató  
Belleza tan homicida  
Quien duda , si la miró ,  
Si nó es luz de basilisco ,  
Ser aspid mentido en flor ?  
Si el dia a noche tan buena  
Todos sus imperios dió ,  
Zagales muera-se el dia ,  
Buenas noches nos dè Dios.





## R O M A N C E.

**D** Os vezes Tisbe sublime,  
 Por vós muere el coraçon,  
 Una a manos del respeto,  
 Otra a fuerças del amor.

Ardiendo dentro en mi mismo  
 Con el alma en guerra estoy,  
 Yo por que ella os idolatre,  
 Ella porque os deseó.

Pero los atrevimientos  
 Son un tan fino primor,  
 Que ni el deseo es offensa,  
 Ni el respeto adulacion.

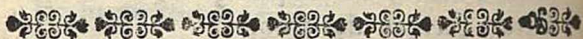
Dezesperanse mis penas,  
 Porque en su mas vivo ardor  
 Ni me desculpa el destino,  
 Ni me alienta la razon.

Todo me amenaza, y todo  
 Influe a mi suerte horror,  
 Mas como ha de huir la muerte  
 Quien la estima galardón.

Tanto por vós, dueño hermoso,

Me

Me alegra la perdicion ,  
 Que no ay bien tan grande en mi ,  
 Como el de morir por vós.  
 Tisbe , al fin si las estrellas  
 Gustan de ver mi passion ,  
 Y han de matarme mañana ,  
 Matarme luego es mejor.



R O M A N C E.

**C** Oragon, ya la fortuna  
 Hizo destino el perderos ,  
 Porque en un amor tan noble  
 No cabe arrepentimento.  
 Ya valeros no e; possible ,  
 Mas si estais por gusto ageno  
 Donde el peligro es lisonja ,  
 Desdicha fuera el remedio.  
 No os lloro de necio , no ,  
 Si por que tan alto os veo ;  
 Que se del acero os fio ,  
 De la vanidad os temo.  
 Direis loco coragon ,  
 Que os desvaneciò lo bello :

Mas que razon os desculpa

Si en ella os vais atreviendo?

Dexad bienes impossibles,

No pertendais otros premios;

Que donde amor es usura

Es culpa el merecimiento.

Mas si ya coraçon mio

De bolver a traz no es tiempo,

Porque es desmentir lo noble

Floxear en lo altanero

Si es fuerça, que de si mismo

Salga quien se mira ardiendo,

Pues no es bizarro aquel gusto

A quien la muerte haze miedo.

Arded, sobid, bolad,

Que en tan alto incendio

Es credito de fino

Buscar el riesgo

*Victoria del amor.*

R O M A N C E.

**D** Onde a sus montes el Tajo

Las plantas besando vá,

Por querer que de sus flores



Sea espejo de crystal.

Sale a triunfar el amor

Con discreta vanidad ,

Pues en no hallar que vencer

Halla razon de triunfar.

De dos victorias se preza ,

Tan singulares , que ya

No siendo menor ninguna ,

Es la mayor cada qual.

No pudo sufrir de un joben

Despreciarle por rapaz ,

Pues por no amar a morir

Le quiso siempre a matar.

De una Zagala no pudo

Sufrir tambien la beldad ,

Que usurpava de sus flexas

El officio principal.

No tubo piedra el Oriente

De valor tan singular ,

Ni el mar del Sul en sus conchas

Perla , que le fuesse igual.

El Tajo tambien no tuvo

De su ganado en lo mas ,

Zagal que fuesse mayor ,

Bien que fuesse mayoral.

Por esso al verlos cautivos

Se vió con imperio tal ,  
 Que antes desta esclavitud  
 No se vió con magestad.

Por esso amor se sentia  
 Que esse sobervio zagal  
 Tuviesse vista , y quiziesse  
 Tener tambien libertad.

Atados con dulce ñudo  
 A su carroça triunfal ,  
 Los timbres del alvedrio  
 Trofeos de amor son ya.

Cada qual suspira herido ,  
 Que parece cada qual  
 Aljava de sus harpones ,  
 Y de sus plumas carcax.

Mas las heridas tan dulces  
 Son , al gemir , y al llorar ,  
 Que es cada gemido un gusto ,  
 Por ser cada gusto un ay.

## ESTRIBILLO.

**C**orred Zagalejas ,  
 Pastores bolad ,  
 A ver del amor  
 La fuerza eficaz ,

Mas



Mas huid , que dá  
 Muerte a los ojos ,  
 Y al alma un pezar ,  
 De que no se livra  
 Quien muerto nó está.



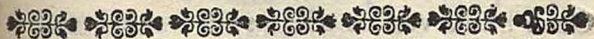
*Amenazas de una Dama.*

R O M A N C E.

**C**Loris, vuestras amenazas  
 Hallagos son , no rigores ;  
 Que ver tan bellas las iras ,  
 Las penas haze ambiciones.  
 Si vuestra gracia se aumenta  
 Quando creſcen los rigores ,  
 Quien dirá que vuestra gracia  
 Con mi amor se descompone ?  
 Enamorarme de nuevo  
 Quisieron oy vuestros soles ,  
 Pues de la belleza hizieron  
 Afeites las turbaciones.  
 Si me enamoran las iras  
 Quando se ostentan mayores ,

Bien

Bien que sienta que me maten ,  
 Quien ha de hazer que me assombren ?  
 Lastima me ha parecido  
 Vuestro rigor , porque entonces  
 Que los peligros se avizan  
 Se hazen los riesgos menores.  
 Si este el mayor riesgo ha sido ,  
 Quien duda que en mis passiones  
 Es lisonja de lo cuerdo  
 Morir de riesgo tan noble ?  
 Si tanto a matarme quedan  
 Los zeños , y indinaciones ,  
 Muy bien pienso que conmigo  
 Bastan vuestras iras Cloris.



*Ahuma Dama esquiva.*

R O M A N C E.

**H**E possivel bella Arminda,  
 Que em teus rigores esquivos ,  
 Quanto em meu peito os incendios  
 Ham de durar os martyrios ?  
 do pezar que exprimento

Busco



Busco na pena os alivios ,  
Sem a gloria do explicar-se  
Torna a magoa a seu principio.

Quando daaa o desafogo  
Referir quero o que sinto  
Já condenas por offensa  
O que inda não foy suspiro ?

Oh valhame Deos , que estrella  
Com influxos taõ distintos  
Me obrigou os rendimentos ,  
E té inclinou aos desvios !

Mas já que em tanto rigor  
Vejo que ha de ser preciso ,  
Que se acabe o sentimento ,  
Ou que desmayer o sentido.

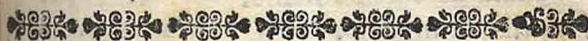
Ouve huma vez os effeitos  
Deste desdem , que he indigno  
Ser victima a liberdade ,  
Ignorando o sacrificio.

Eu morro de amor aos golpes ,  
Sem que em taõ confuso abismo  
Das ancias em que me aperto  
Possã lograr hum carinho.

De hum desdem sinto o tormento ,  
Mas inda he mais sensitivo  
Do que morrer desprezado

Poder

Poder viver esquecido.



*A huma Dama mudavel.*

R O M A N C E.

**A** Mor venhamos a contas ,  
Glorias , e penas somemos ;  
Vós gostos por unidade ,  
Eu por dezenas tormentos.

Mas que conta póde dar  
Quem dá sempre cego , e nescio ,  
Por instantes as venturas ,  
Por séculos sentimentos ,  
Bastaõ seis annos de Argel ,  
Sem pedir em tanto tempo  
A merce do defengano ,  
Redençaõ do cativeiro.

Mas minto Argel , porque alegre  
Viva nelle taõ lédo ,  
Que dos ferros , que arrastava ,  
Andava beijando os ferros.

Eilo vay , a razaõ vença ,  
Rompaõ-sc tantos nós cegos ,

IV. Part.

Ee

E ff

E fique agora a vontade  
Vassala do entendimento.

Amarilis se mudou,  
Teve razão, não lha nego,  
Que indigna offrenda, foy sempre,  
Mais que oblação, sacrilegio.

Mudou-se em fim Amarilis,  
Não digo bem, o Sol mesmo,  
Que nem queixoso do ingrato,  
Falto á verdade do bello.

Que firmeza esperar podem  
A' vista de tanto exemplo  
Os penhascos mais rebeldes  
Contra os assopros do vento?

Tambem das fundas as ballas  
Os escudos mais soberbos;  
Se Amariles foy mudavel  
Que haõ de fazer os rochedos?

Naõ me queixo de infelice,  
De ser felice me queixo,  
Que em fim tem mais que sentir  
Quem foy ditoso primeiro.

Quem nunca logrou venturas  
Perdellas suspira menos,  
Que as faltas de luz não tem  
Os cegos, que nascem cegos.



Oh memoria, não me lembres  
 Aquelles ditos tempos,  
 Em que viviaõ duas almas  
 Dentro da casa de hum peito,  
 Que quando unidas vontades  
 Saõ conformes nos dezejõs,  
 Para ambas caberem juntas  
 Lhes sobra hum só apozento,  
 Para que cruel memoria  
 Me trazes ao pensamento  
 O ver invernar diluvios  
 Estando o tempo sereno?  
 Em cujas inundaçõens,  
 Chovidas por dous soes negros,  
 Para recolher diamantes  
 Foy guarda joyas hum lenço.  
 Taes, que a vendellas a Aurora  
 Com interesse de affecto,  
 Melhor que nas de seu pranto  
 Ganhara cento por cento,  
 Mais morto do que antes era  
 Em o que hoje sou me vejo,  
 Que os despenhos dos Olympos  
 Saõ os mayores despenhos,  
 Amor, buscay vossa vida,  
 Comvosco mal, nem bem quero:



Eu querer bem ? Deos me livre.  
Eu ter amor ? não por certo.



*Amante ausente.*

R O M A N C E.

**F** Ilis do meu coração,  
Hoje que ausente me vejo  
Desse feitiço , que adoro.  
Desse idolo , que contemplo.  
He razaõ , minha adorada.  
Que busque o meu sentimento  
Tormentos para o cuidado ,  
Verdugos para o desejo.  
Que como communicarvos  
Seja sempre o que appetego  
Chorando-vos de saudoso  
Nas distancias vos conservo.  
Mas ay meu bem , que este alivio  
He duplicado tormento ;  
Pois huma pena he refugio  
De outra pena , que padeço.  
Quem não dirá que taõ martyr

Me tem feito este deos cego,  
 Que das frechas com que tira  
 Faz aljava no meu peito.  
 Só sinto, que sendo vosso  
 Padeça tanto, mas vejo,  
 Que acredita huma fineza  
 O mesmo padecimento.  
 Ora em fim, Filis desta alma,  
 Ouvime agora, ao menos  
 Mostray, que dais hum sentido  
 A quem dais mil sentimentos.  
 Já sabeis, que me ausentei  
 Da vossa presença, he certo  
 Que fuy mais morto, que vivo,  
 Pois morro sempre por vervos.  
 Ausenteime morto disse,  
 Pois duvido, inda que o creyo,  
 De que soubesse auzentar-se  
 Quem soube tanto querervos.  
 Auzenteime, porém foy  
 De tal sorte, e com tal termo;  
 Que lá fiquei por cuidado,  
 Vindo cá por pensamento.  
 Partime da vossa vista  
 Com taõ rigoroso effeito,  
 Que no termo de partirme

Me vi nos ultimos termos.

Quiz a vida, que entregasse  
Nos braços da morte o alento ;  
Mas meu amor como fino  
Embargou este decreto.

Julgando menos fineza ,  
Do mais primoroso affecto  
Entregar á morte a vida  
Por fugir ao sentimento

Quiz me divertir da magoa ,  
Mas com tragico successo  
Encontrey o meu martyrio  
No proprio divertimento.

Espalhey ao ar queixumes  
Só para ver se mereço  
Ver algum pequeno alivio  
Nesse diafano espelho.

Mas como nas minhas lagrimas  
Era Narciso, experimento,  
Que dos queixumes, que espalho,  
Tinha por alivio os eccos.

Lá se formavaõ nos valles  
Com taõ raro sentimento ,  
Que nos montes máis altivos  
Causavaõ magoa aos penedos.

Já quasi dezesperado



De poder achar remedio  
Me puz a fallar aos troncos,  
Que me responderaõ secos.  
Encontrey n'hum rio as aguas  
A quem sentido me queixo ;  
E ellas murmurando graves  
Muy frias me responderaõ.  
Para os penhascos gritava  
Queixoso do que padeço ;  
Mas como penhascos brutos  
Naõ me fallaraõ discretos.  
Cheguey mais morto que vivo  
Ao fermoso rio Tejo,  
A quem com lagrimas mudas  
Novas aguas accrescento.  
Mas ainda que as esperanças  
De vos ver, meu bem, taõ cedo,  
Sejaõ antidoto ao pezar,  
Saõ por agora veneno.  
Antes que muitas Auroras  
Se passem, nesse hemisferio  
Me vereis aos vossos pés  
Taõ rendido como prezo.  
Entaõ, meus ricos amores,  
Para me vingar, dos tempos  
Naõ perderey hum minuto

De assistir a vosso obsequio.

Então feito fior gigante

Desse Sol luzido, e bello,

Sem ser Icaro nos voos

Vos beberey os alentos.

Então pedirey perdaõ

De virme contra os decretos,

Filis, da vossa vontade,

Amores, do meu dezejo.

Naõ estejais mal comigo,

Pois será contrario effeito,

Que esteja comigo mal,

Quem eu por meu bem contemplo.



*Amante ausente, e desfavorecido.*

## R O M A N C E.

**V** Inde cá minha saudade

Ouvir minhas queixas vinde.

Que tem seu que de discredas

Amantes queixas de hum triste.

Vinde cá, naõ me fujais,

Que em razãõ naõ se permite

Por seguir hum gosto proprio  
 Desdenhar a hum infelice.

Dizeime , porque tyranna  
 Vosso rigor tanto insiste,  
 Que julgo da ancia os estragos  
 Da vida feitos eclipses ?

Que victoria em minha morte,  
 Podeis lograr , ou que timbre,  
 Se he força que o rendimento  
 A gloria do triumpho tire.

Ser benigno com postrados  
 He gloria taõ infallivel,  
 Que se faz mais victorioso,  
 Quem mais clemencias admite;

Pois se vivo taõ postrado,  
 Taõ rendido , e taõ humilde,  
 Sem repugnar tanta força,  
 Sem resistir tanto assinte ;

Porque não fazeis que o golpe  
 De tanta dor insofrivel,  
 Ou o rendimento pare,  
 Ou a compaixão mitigue ?

Olhay que em seres cruel  
 Perdeis o ser mais sublime,  
 Por quanto sempre a fereza  
 Da Magestade desdiffe.



Adverti, que o dar-me a morte

Em vós parece doudice,

Porque nunca o entendimento

Desprezou queixas de hum triste

Logo pois, mais por vós mesma

Do que por mim, se mitiguem

Rigores, que são estragos

De hum coração sempre firme.

Se haõ de poder as clemencias

Darvos mil glorias sublimes,

Configa pois o piedoso

Da Magestade os requintes.

Porque quereis que os rigores

Tanta ventura vos tirem,

Se he que venturas julgais

Glorias, que a clemencia adquire?

Tanto gostais, saudades,

De ver minha alma partirse,

Que quereis por ser tirana

Deixar o serdes felice?

Taõ mal vos tenho tratado,

Para que com taes asintes

Fazendo timbre de ingrata,

Façais de matarme timbre?

Naõ por certo, pois achastes

Sempre em meu peito meiguices;

Que entre affagos carinhosos  
 Vos dava ao gosto alvitres.

Pois se vos não maltratey,  
 Dizey porque tanto insiste  
 Vosso rigor em matarme,  
 Vosso trato em consumirme?

Ora pois, pare o rigor,  
 Vinde cá, saudades, vinde,  
 Deva-vos só por cortex  
 A lisonja de mé ouvires.

Se he força que entre os pezares  
 De huma ausencia hoje insofrivel,  
 E entre os assaltos de huma ancia  
 Esta alma, esta vida espire;

Já sómente morrer quero,  
 Com tanto, saudades tristes,  
 Que digais a Doris bella  
 Que morro ausente, mas firme.

Dizeilhe os extremos todos  
 Que obrey, se acaso he possivel,  
 Que os extremos de hum amante  
 Pódem ter conta, ou limite.

Dizeilhe, que inda na morte  
 Taõ constante o peito vive,  
 Que nem da memoria a perde,  
 Nem da lembrança a divide.



E dizeilhe finalmente,  
 Porque amante me eternize,  
 Que vós, tristes faudades,  
 Me acabasteis, por ser firme.



*A huma Dama rigorosa estando sangrada.*

R O M A N C E.

**M**Enina da minha vida,  
 Dizem-me que estais enferma,  
 Repetite vossos males  
 Minorareis vossas penas.  
 Dizem me que estais sangrada,  
 Quem me dera, quem me dera,  
 Que essa vea do rigbr  
 Fosse da sangria a vea.  
 Darvos brineo de sangria  
 Minha afeiçãõ bem pudera,  
 Porém tome esse desdem  
 Que tudo meu já despreza.  
 Darvos hei sômente doce  
 De qualidades diversas,  
 Que aceitareis talvez porque

Vosso

Vosso retrato pareça.  
 Se vosso louro cabelle  
 A' minha ordem estivera;  
 Fizera de ovos reaes  
 Huma bem feita capella.  
 Por ser na alvura taõ rara,  
 He taõ branca vossa testa,  
 Que por feita de alfenim  
 Meu amor a offerecera.  
 Por vos dar hum lindo doce  
 Nessas vossas sobrançellas  
 Vos dera para o fastio  
 Raizes de escorcioneira:  
 Saõ taõ verdes vossos olhos;  
 Que por elles eu vos dera  
 Sobre pastilhas de bocca  
 Limoensinhos de conserva.  
 Que eraõ confeitos de rosa  
 Vossas faces eu dissera,  
 Pois tem dos brancos cor branca,  
 Dos vermelhos a vermelha.  
 Por branco he vosso nariz  
 De taõ refinada mescla,  
 Que pudera ser por lasca  
 Fino assucar da Madeira.  
 He vossa bocca por doce

Breve



Breve melindre de Freira,  
 Senão he de maçapaõ,  
 Por encarnada cereja.

Quando partis essa bocca  
 Mostrais nos dentes por ella  
 Mil perfeiçoens, mas quebrando  
 Finas amendoas confeitas.

Vossa garganta por fina  
 Taõ sonora gargantea,  
 Que mostra por ser suave  
 Ser de agra, e doce feita.

Vossas maõs taõ crystallinas  
 Tanto meu amor respeita,  
 Que por finos caneloens  
 Naõ só conhece, mas beija.

Se sois brinquinho de alcorça  
 Sereis da sangria a prenda,  
 Que nada eu podia darvos  
 Do que darvos a vós mesma.

Desmayais-vos minha vida?  
 Naõ sabeis que assim me peza:  
 Porém assim desmayada  
 Dais liçoens ás allucenas.

Deixay que corra esse sangue,  
 E day ás rosas licença,  
 Que só com vossos desmayos

Seraõ encarnadas ellas.

Já que dos vossos rigores  
Procede a minha doença,  
Deixai que esse sangue corra  
Só para que eu convaleça.

Que se prodiga a ferida  
Sangue ás hollandas dispensa,  
Justo he que derrame sangue  
Quem beber o meu dezeja.

Mas não deixeis, que he crueldade  
Que tanto rubi se perca,  
Se não he que por ser dura,  
Quereis dar por sangue pedras.

Que tenha o vosso rigor  
Com meu amor tal senreira,  
Que só para me offenderes  
Publicais a sangue guerra?

Não queirais, que diga o mundo,  
Que foy tal vossa dureza,  
Que fiz estes das hollandas  
Contra o meu amor bandeiras.

**F I M.**